



LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA



LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA



LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA



LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA



LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA



LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA



BRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

BRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

CARTAS
DE
ECHO E NARCISO,

DEDICADAS
À MOCIDADE ACADEMICA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA:

Seguidas de differentes Peças, relativas
ao mesmo objecto:

POR
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,
*Bacharel Formado em Canones pela Universidade
de Coimbra.*

SEGUNDA EDIÇÃO.



COIMBRA,
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE:
1825.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Poço.

Fortuna amorem peior inflammavit magis

ΣΚΗΚΕ. in Here, Οεβ. Act. II. v. 358.

À MOCIDADE ACADEMICA

DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DEDICATORIA.

795
C352
ca
1825

SE pelos Ceos da candida Minerva
 He dado ao éstro levantar seus vóos;
 Se entre os estudos de immortaes Sciencias,
 Sem temer distrahir alumnos d'ellas,
 Póde um Cisne soltar mimosos cantos ;
 Se a Deosa do saber, e as castas Muias
 São mais que sócias, são irmãs, são gêmeas ;
 E entre as capellas do loureiro altivo
 Não se-pejão de entrar humildes heras ;
 Filhos de Pallas, recebei meus cantos.

Vós, ó Genios, ó flor da Patria nossa,
 Flor de esperança, que dareis mil fructos,
 Como ouvir costumais, ouvi meus versos.
 Affeita á protecção, de vós a-espera
 A Musa, que entre vós foi pouco, e pouco
 Crescendo, alçando os sons, polindo o genio.

Oh doces margens do meu patrio rio! . .
 Quantas vezes ali, por entre os bosques, .

1.

*Soltava, infante ainda, ao som da lira
 Tenues versos de espirito nascente!*

*Graças, graças a ti, (1) Peizoto eximio,
 Do Lacio Pindo interprete facundo!
 Tu foste, que primeiro o amor das Musas
 Da sábia Roma me-excitaste n'alma!
 Os altos versos do Cantor de Eneas,
 Os sons da lira, que assiombrou Vénus,
 Do amante de Corinna as ternas queixas
 Me-fizeste exprimir na patria lingua,
 Em cantos, que inda então soltava a custo.
 O' vate, cuja mão plantou meu êstro,
 Olha com brando rosto os fructos d'elle.*

(1) O Senhor José Peizoto do Valle,
 meu mestre de latim e de poesia, e muito bom
 poeta latino e portuguez.

*Oh doces margens do meu patrio rio!..
 Perdoai-me, se acaso ás Ninfas vossas,
 Ninfas glória de Amor, rivaes das Graças,
 Não levo, não tributo o novo canto,
 Que Amor entre ellas me-inspirou benigno.*

*No tempo de prazer suave e doce,
 Em que Minerva por um pouco as lidas
 Esquece, e v'oa a repousar co'os Numes;
 N'esses dias de gôsto, em que, exultando,
 De novo he dado á Mocidade alegre
 Repousar entre os seus nos patrios lares:
 Quando a terra fecunda está sorrindo,
 Verdes e floreatos do arvoredo os ramos,
 Vestido o valle de verdura e flores,
 Mais sereno o Horizonte, o Sol mais vivo,
 Os perfumados Zephyros mais brandos,
 Mais canora, mais terna a alada turba,
 Mais doce a fonte, e transparente o rio;
 N'essa quadrá amorosa, em que parece*

*Cytheréa animar quanto respira ;
 N'essa quadra amorosa, em que vagucião
 Simples, sem arte, por si mesmo bellas
 As tres Irmãs d' Amor, as nuas Graças,
 Estes versos cantei na terna lira.*

*Nas selvas do meu Tejo ah ! quantas vezes,
 Em quanto os-modulava em fresca noute,
 Entre os amigos meus gozando a Lua,
 Fui attendido, e repetio meus versos
 A amavel Ninfa, cuja historia canto !
 Nós ouvimos, oh dor ! por entre as rochas
 Echo, ella mesma renovando as queixas,
 As finezas, as súplicas, os votos
 Ao férreo coração, que os-desprezára !
 Parecia outro vate, outros amigos,
 Outra lira, outra voz, iguaes em tudo,
 Por detraz dos rochedos imitar-nos !
 Quantas vezes ouvindo-lhe os suspiros,
 E os ais, e os gritos de uma dor funesta,*

*Sentimos de terror gelar-se o sangue ,
 E de piedade o coração partir-se !
 Quantas vezes do barbaro Narciso ,
 Que hoje em flor chora em vão sua dureza ,
 Vimos por terra languidas as folhas
 Cair , como em signal de horror , de mágoa !*

*Lira! O' doce presente ! O' Estro! O' Musas!
 Quanto , quanto dourais meus agros dias !
 Comvosco a solidão me-apraz , me-encanta ,
 Comvosco a propria dor contém delicias ,
 Comvosco he doce o mal , doce a tristeza !
 Vós , férreas almas , corações de gelo ,
 Vós , a quem não deleita á fresca sombra
 Do Parnaso escutar Pierio côro ;
 Pra quem debalde os Zephyros susurrão
 Na caverna fatidica de Cirrha ;
 Pra quem debalde murmurando corre
 Por entre flores a Castalia fonte ;
 Fugi , vulgo profano , e em vãos prazeres ,*

*Menos puros que os meus, e menos gratos,
Passai a vida, abreviai-lhe as horas.*

Longe, longe, almas frivolas, que odio!

Separado de vós passar meus annos,

Dourando com meu genio a sorte minha,

Conservar sempre a lira, e sempre honrar-me

Co'a santa inspiração da Aonia turba,

Eis o que ñoute e dia aos Céos demando!

Se a Natureza me-negou seus quadros;

Se os fracos olhos meus não descortinão

O sublime espectáculo dos campos;

Se de uma rocha no elevado cume

Não me-be dado sentir, gozar prazeres,

Vendo um rio, que ao longe os prados corta,

Vendo um rebanho, que no valle gira,

Vendo um bosque extensissimo e frondoso,

Cujas cimas um Zéphyro meneia,

Vendo as aves voar de um ramo em outro

Por entre as flores tão gentís como ellas,

*Vendo como um pastor, de murta e rosas
 Coroa as tranças da pastora bella,
 E um beijo em premio docemente furta;
 Se não me-he dado, contemplando o mundo,
 Ver, ah! ver quanto he grande a Natureza;
 Co'as Musas meditando, eu sinto e gózo
 Novas scenas, fantasticas, risonhas.
 Finjo mil valles, que violetas ornão,
 Planto florestas, onde ajunto as Ninfas,
 Faço um rio correr por entre um bosque,
 Que em si retrata a abobada frondente,
 Que o-tolda e guarda, e d'onde chovem flores;
 Mando mil Faunos habitar as grutas,
 Dou rebanhos ao campo, aves á selva,
 E graça a todo o mundo, e luz ás sombras.*

*Des'arte, Socios meus, a Natureza
 Me-vinga contra si, dando-me o estro!
 E a quem, senão a vós, devo o meu canto,
 Socios e amigos, que adorais as Musas?*

Ha vates entre vós , e amais os vates !

*Benignos acolhei a off'renda minha ,
Dai-lhe vosso favor , deixai que os Zoilos
Torpes , infames , despreziveis , fracos
Soltem latidos vãos , que pune o riso .*



P R O L O G O

(PEQUENO PARA SER LIDO).

*Nos, quoniam magnus non adversatur Apollo,
 Cantemus Ninfas, capripedesque Deos.*

SANNAS.

A Poesia da Natureza, aquella que tem por objecto apresentar-nos os mais risonhos quadros campestres animados com toda a doçura e sublimidade do sentimento, he sem contradicção a mais bella, e verosimilmente a mais antiga. Considerando a marcha do Espirito humano deve convir-se em que a Primogenita das Musas nasceo no meio das florestas, criou-se entre os Amores ao seio da Natureza, cresceo nas cabanas simplicies dos primeiros homens. A sua fronte sempre risonha e serena não se-coroou de louros, mas de rosas e de murta; os seus passos erão ligeiros, o seu ar elegante, sem affectação de Magestade, o seu trajo um veo transparente. Foi ella e não Pan quem cortou

a primeira cana, quem offereceo a primeira flauta aos Pastores, quem lhes-ensinou a tirar d'ella sons faceis e harmoniosos. Os primeiros cantos, que ella inspirou, tiverão por objecto descrever o amor em todas as suas differentes situações, e pintar os campos em todos os seus pontos de vista mais agradaveis. Mas em que parte do globo nasceo esta Irmã das Graças? Quaes forão os primeiros mortaes, que ouvirão os seus cantos? Que bosques escutarão primeiro esta linguagem terna e sublime? Eis abi a *antiguidade da antiguidade*, como diz uma grande Mulher. O vasto clarão do facho da Historia não alumia tão longe, um Oceano de seculos tenebrosos nos-affasta d'esses tempos. He porém certo, que este ramo fecundo da Poesia foi cultivado, tem crescido, e se tem coberto de flores mais, ou menos, segundo o terreno e as circumstancias lhe-são mais, ou menos favoraveis. Os seculos da Natureza tinhão já passado quando a Grecia floresceo: sôbre as ruinas das cabanas tinhão-se edificado os palacios; os bosques transformados em náos cortavão os mares, e as vastas columnatas dos templos dos Immortaes occupavão o lugar das arvores. O fausto estrondoso brilhava no seio de Athenas,

e o valle de Tempe estava quasi deserto: apparecêrão entre tanto homens entre os Gregos, que poderão sair do seu seculo, resistir á attracção da esfera, em que o Acaso os-collocára; homens guiados pelo Genio, que soubêrão procurar a Musa filha da Natureza, e a-achárão por fim, sentada na solidão, ao pé da fonte dos prazeres e da ternura. Mais corrompida que Athenas, Roma quasi deixou cobrir-se de espinhos a estrada, que ali conduzia. A maior parte dos Poetas Romanos, que votárão a sua lira aos amores, não fizerão senão offercer um incenso corruto á Deosa de Pafos. Olharão-na mais como a fonte de prazeres meramente sensuaes do que como a Mãe das Graças innocentes; tratárão antes de seduzir as mulheres, do que de as-amar: quasi toda a Poesia Erotica dos Latinos he uma prova da corrupção da sua moral. Raras vezes descrevêrão os campos, e rarissimas os-descrevêrão bem. A Europa moderna tem produzido em grande número excellentes modelos em todos os generos de litteratura, e a Musa da Natureza deixou-se ver em quasi todas as Nações. Houve alguns homens, que soubêrão ouvil-a, e repetir-nos os seus cantos; e os seus cantos fizeram as delicias dos co-

rações sensíveis. Parece todavia que ella escolheu para seu domicilio a Allemanha e a Suissa, e que apenas de tempos em tempos apparece de relance a acceitar os cultos dos outros Povos. Nunca a bella natureza fisica e a bella natureza moral tem sido bem descritas, ou o-tem sido pelos Allemães e Suissos. A sua Poesia, que era geralmente reputada ou barbara, ou nulla, apresentou-se em fim em todo o seu brilhantismo aos olhos dos Estrangeiros. Graças ao laborioso *Huber*! Este homem zeloso pela glória do seu paiz, com a sua traducção franceza da *Escolha de Poesias Allemãs* (*) na mão, correo o pano, que nos-escondia uma scena inesperada. O assombro e o applauso foi universal, quando em vez de um paiz esteril, que se-esperava descobrir, se-vio debaixo do Ceo da Úrsa o Parnaso coberto de bosques, bandos de Cisnes, ora voando aos Ceos, ora cantando nas margens serenas da Castalia, os valles de Paphos alcatifados de flores, Cythéra e Venus,

(*) *Choix de Poesies Allemandes* par M. *Huber*. Paris 1766. 4. vol. em 12.º — *Œuvres de Salomon Gessner* do mesmo *Huber*, e de que ha immensas edições.

os Cupidos e as Graças, Baccho e as Ménades sobre os cumes pampinosos de Nisa, a Tempe com as suas antigas cabanas, os rebanhos com os seus primeiros pastores, e estes na sua primitiva innocencia. D'entre todos os poetas, cuja magia tinha d'este modo feito desaparecer os seculos novos, para reproduzir em seu lugar a Natureza antiga, appareceo um Genio incomparavel, que fixou no campo do gosto as colunas impreteriveis, onde as Musas podem sem dúvida gravar o *non plus ultra*: foi *Salomão Gessner*: o seu Nome hé o seu Elogio.

Mas venhamos á nossa Patria, e digamos com franqueza, se o bello Ceo deste paiz tem, ou não produzido d'estes milagres; se as margens fecundas dos rios da Lusitania tem ouvido a flauta de Pan celebrar a glória do amor. He uma dura verdade, que nós nada temos ainda n'este genero: nada, se se não quizer considerar algumas pequenas faiscas de genio, que tem scintilado aqui e ali, e passarão n'um momento. A Musa de *Quita*, se a fortuna lhe tivesse dado a mão, poderia ter merecido um altar coroado de rosas nas florestas de Gnido.

Este campo está pois entre nós intacto, e a sua cultura me-parece ser de absoluta neces-

sidade. O nosso gôsto ainda não tinha amadurecido, e já se-corrompe: a nossa Poesia antiga não tinha toda a dignidade devida; a nossa moderna, á força de affectar sublimidade, tem-se torçado extravagante. Homens de mais imaginação que juizo, arrojárão-se acima das nuvens, vagárão por entre os astros, virão por toda a parte Deoses, mas esquecendo-se da terra e dos homens, merecêrão que a Verdade os-desamparasse, e perdêrão todo o direito á estima dos Amigos dos homens e da Natureza. Os loiros do nosso Parnaso tem-se desfolhado debaixo de uma chuva de gêlo brilhante. A tempestade continúa, o horizonte ameaça brilhar ainda muito tempo com o fogo dos raios em vez da claridade pacífica do sol. Os nossos jovens literatos se-achão na mais difficil posição sobre rochas escarpadas. *Quem vocet Divum populus?* He necessario salvá-los; e isto parece impossível se se não desfaz a nevoa, que os-cega, para podêrem ver a estrada florida de *Gessner*, e ir por ella até ao seio da Natureza. He necessario que appareção bons modelos de simplicidade, bons typos do verdadeiro gôsto; he necessario que se-encantem os corações, que a verdade, hoje calcada e escarnecida, se-le-

vante com o brilhantismo de uma Deosa, que lhes-cative os olhos e a yontade. Se isto assim não fór, as agoas da nossa Castalia se-verão em pouco tempo convertidas em charcos horri-veis, os rouxinões terão emudecido, e não se-ouvirá mais que o grasnido estrepitoso de um cardume de rãs. O desejo de uma glória du-ravel he innato em todos os corações, he mais forte no dos Literatos, invencível no dos Poe-tas. Convenção-se pois aquelles dos nossos Poe-tas, que ainda podem ser convencidos, de que os versos estrondosos e affectadamente subli-mes tem actualmente o seu uso, como todas as modas tem o seu; mas que logo serão despre-sados e esquecidos; e que o natural e verda-deiro he bello em todos os tempos e em todos os lugares. Concedo que esta revolução he difficil, mas emprehendão-na os homens de talento; os Genios inspirados, e ella será feita.

Eu não levo tão longe o meu amor proprio, que me-persuada poder ser um d'estes. Causas poderosas e óbvias me-embaração de rivalisar com *Gessner*: mas protesto seguir sempre as suas pizadas. Dou por muito bem premiadas as minhas Obras, quando os Entendedores as

acolherem com a bondade, com que acolhêrão a minha *Primavera* (*).

A Primeira Parte das *Cartas de Echo e Narciso* foi igualmente bem recebida, e espero que a Segunda não será despresada; porque (se me-he dado julgar das minhas obras) ha n'ella mais poesia, mais movimento, mais variedade de attitudes.

Mancebos, este genero de Poesia me-parece tão fecundo quanto he novo em Portuguez. Contento-me com a glória de vos-ter aberto este caminho; desejaria que trilhando-o, colhesseis flores cem vezes mais bellas, que as minhas. — Deixai Jove e os Raios, Eolo e os Ventos, Neptuno e as Tempestades; esquecei-vos do Acheronte e das Fúrias: cantai a ternura, o amor, o prazer, os campos e a felicidade. As vossas Bellas não adormecerão ao som de taes cantos, os Literatos vos-darão as suas benções, e os vossos nomes passarão á Posteridade.

(*) A PRIMAVERA, *Collecção de Poemétos de Antonio Feliciano de Castilho. Lisboa. Anno 1822. Em 8.^{vo}.*

CARTAS

DE

ECHO E NARCISO.

P A R T E I.

C A R T A S
DE
ECHO E NARCISO.

C A R T A I.
ECHO A NARCISO.

DOs mancebos gentis ao mais amavel,
Ao formoso Narciso, uma das Ninfas
Saude, e o coração, e os ais dirige.

No tronco d'este choupo ella te-escreve,
Nas verdes margens do sereno rio,
Que de contínuas lagrimas aumenta.
A's minhas expressões, aqui traçadas,
Negar não poderás teus lindos olhos:
Seguido de teus câes he teu costume
Passares por aqui, mal rompe a Aurora,

Indo á montanha a perseguir as feras:
 Entre as annosas arvores occulta,
 Sem ser vista jámais, te-vejo sempre:
 Ou vás, ou voltas já no fim da tarde,
 Ao ver-te cada vez te-amo de novo.
 O fogo, que por ti ferve em minh'alma,
 De dia em dia, mais e mais se-ateia.

A trança d'oiro desatada ao vento,
 Teus lindos olhos, teu semblante amavel,
 Teu bello collo, tuas mãos de neve,
 E a idade juvenil, e tudo encantos,
 Mostrão-me ao vivo as perfeições de Adonis;
 Ao ver-te eu julgo vê-lo, e digo sempre,
 »Se Adonis era assim, não te-envergonhes
 »De adorar um mortal, ó Paphia Deosa.»
 Mas Adonis... talvez que o mesmo Adonis...
 Não: nenhum dos mortaes chega a Narciso.
 Nome querido... ah! deixa-me beijar-te!
 Tanto o meu coração se-ensoberbece,
 Como exulta de gôsto em te-escrevendo.
 De possuir-te ufano o duro tronco,
 ; Engano-me? ou produz folhagem nova?
 Não, não he illusão; eil-o mais bello,
 Mais fastoso, mais nobre se-alevanta
 Entre mil choupos, que esta praia cingem.

Da glória , que lhe-dou , seu cume aos astros
 Vaidoso levará. Canoras aves ,
 Vós n'elle resumi toda a floresta ;
 Formai nos ramos seus os ninhos vossos ,
 Em seus ramos cantai na madrugada.
 Sua cima elevada além de todas
 Primeira gozará do Sol os raios.
 A' sua larga copa inda algum dia
 Os Pastores , attonitos de vê-lo ,
 Seu gado immenso espalharão á sombra ;
 Virão cantar aqui na agreste flauta
 Sua ternura , seu amor constante.
 Consagrado á paixão seja este tronco ,
 Onde a mais terna mão gravou seus versos ,
 Versos sem arte , só de amor nascidos .

Co'os repetidos ais meu seio treme . . .
 Sinto meus peitos inundar-se em pranto !
 Ah ! correi doces lagrimas , que eu amo ,
 Pois Narciso gentil he vossa causa ,
 E em vossa causa só descubro encantos .
 Quanto nunca se-amou , Narciso , eu te-amó !
 Porém que digo ? amar-te ! he pouco ainda ;
 Tu hes aos olhos meus de Amor o Nume .
 Teu doirado carcaz , teu arco e frechas ,
 Teus annos juvenis , imberbe rosto ,

O som de tua voz, tua belleza,
 Tudo annuncia o Deos, que as almas vence.
 Feres os corações, como elle fere,
 Triunfas da razão; como triunfa,
 Roubas a paz aos corações mais livres,
 Lanças n'alma o cuidado, os ais produzes,
 Em sonhos de paixões o sono trocas.
 Se um facho acceso tua dextra ornasse,
 Se azas d'ouro e de luz te-revestissem,
 Nem mesmo a Mãe de Amor vos differença!

Se as minhas expressões acaso lères,
 Não ouças sem piedade os meus tormentos.
 Em lagrimas, em ais consumo os dias,
 Em lagrimas, em ais as noites vélo;
 Fujo, aborreço as companheiras minhas.
 Essas danças, que outr'ora me-encantavão,
 Perdêrão para mim seus attractivos:
 Fujo de ver a luz, procuro as sombras,
 Nas mudas solidões penso em meus males,
 Nas ermas grutas longas horas gemo.
 Essas cavernas, onde as feras dormem,
 Onde tem seus covis Leões e Tigres,
 De meu contínuo pranto estão regadas.
 Ali suspiro sempre, e muitas vezes
 Lanço vistas de inveja e de ciúme

A'

A' Leôa feliz, que está sem furia
 Seu espôso afagando entre os filhinhos:
 Sua sorte he melhor que o meu destino.
 Aquelle, que deseja, e por quem arde,
 Ella o-acha, ella o-tem, e o-goza sempre.
 O Rei dos animaes não se-envergonha
 De arrastar os grilhões, que Amor lhe-lança;
 Os laços conjugaes nunca desdenha,
 Da existencia o prazer no amor apura.
 Amor, de nossos bens fecunda origem,
 He da vida o sabor. Sorri-se Venus
 A quem a-adora e busca, e de seu cinto
 Faz delicias chover sôbre os amantes.
 Quem não arde de amor, quem não procura
 Gostos celestes, que de amor só nascem,
 Em frouxa languidez consome os dias,
 E desce á campa sem ter visto o mundo.
 Quem não se-acurva a amor, o ser lhe-ultraja;
 E o Nume, que aos mortaes sempre he benigno,
 Então seu braço vingador levanta,
 E um golpe, inda maior que o mesmo raio,
 A' sacrilega audacia impoem mil penas.
 Ah! defenda-te o Ceo de taes castigos!
 A vingança do Nume excede a todas,
 Mais tormentos não tem as Furias mesmas.
 Medita, pensa bem n'esta ameaça:

Pensa, cheio de horror, em mil exemplos
De calcadas, punidas esquivanças.

O vivente infeliz, que amor não goza,
He qual planta nascida entre penedos;
Mal segura a raiz n'um chão de pedra,
Os frios ares a-perseguem sempre,
E á sombra dos rochedos não sentindo
Luz, influxo, e calor do Sol brilhante,
Sóbe sem fôrças, infecunda vive,
As flores não produz que as Ninfas colhem,
E morre-lhe em si mesma a prole sua.
Tão triste condição Narciso evite!
Das Ninfas á mais terna, á máis constante
Ceda seu coração, sua ternura.

Tu, que podes encher os nossos campos
De filhos, como tu, formosos todos;
Tu, que podes ornar estas florestas
De Ninfas novas, que estas Ninfas venção,
; Esta glória a ti mesmo has de negar-te!
Não: vòa nos braços de quem só te-busca,
Pondo todo o seu bem n'um teu sorriso.

Talvez perguntarás quem sou, que tanto
Quiso elevar meus temerarios votos?

Ai de mim ! que farei ? ¿ dizer meu nome ?
 Pela primeira vez taes sentimentos
 Dentro em meu coração se-alevantarão !
 Tu me-fizeste conhecer que eu tinha
 Peito capaz de se-inflammar de amores !
 Esta a primeira vez que minha dextra
 As ternas expressões tremendo escreve,
 E o pudôr me-affogueia em quanto o-faço !

Declarar-te meu nome ? Ah ! não me-atrevo !
 Temo os Faunos, e os Sátyros do bosque ;
 Temo que possão d'este rio as Ninfas
 Entre rizos zombar da nova amante.
 Responde-me ; e se acaso ás queixas minhas
 Insensivel não hes, pede encontrar-me.
 Então me-lançarei entre teus braços,
 Então meu fôgo sentirás de perto.

C A R T A II.

NARCISO A ECHO.

A' Sua terna, incognita Amadora
Saude e branda paz Narciso envia.

Agora qu'inda mal nós Ceos começa
A descobrir a Aurora a face d'oiro ;
Agora qu'inda a abobada celeste
Não tem perdido as trémulas estrellas,
Eu já para a caça : eis n'este choupo
A' duvidosa luz descubro uns versos ;
Meus passos vólto, e me-aproximo ao tronco.
Da parte Occidental purpúreas nuvens,
Que pouco a pouco se-bordarão d'oiro,
De sereno clarão o valle enchêrão.
Com grandes, com distinctos caractéres
Vi meu nome traçado : apréssos os olhos,
E as ternas expressões da terna amante,
Quaes ouço a cada passo, eu li sorrindo.

O' tu , que eu não conheço e que me-adoras ,
 ; Quem hes , ó Ninfa , que teus duros males
 Em breve quadro , enérgico descreves ?
 ; Arde teu coração como tu dizes ?
 ; Choras tu só por mim de dia e noite ?
 ; Sou eu tua esperança e teus cuidados ?
 Mas eu não te-conheço : ; e tu me-quieres
 Teus males imputar ? Ah ! cóbra o sizo ,
 Se he que tua razão cede a teu fogo.
 Não conto mais que um anno após tres lustros ,
 Para as guerras de amor sou novo ainda.

! Tu dizes , que a paixão nos-dá ventura ,
 Que da vida o sabor só n'ella existe !
 Treme do sacrilegio , apaga a chama ,
 Aos laços do cruel foge , se he tempo ,
 E expia o coração ante as virtudes.
 Graças aos Ceos ! Eu desconheço o monstro ;
 Mas assás tenho ouvido aos que o-sentirão
 Do facho d'elle os barbaros effeitos.
 Não te-fies de amor : pequeno infante ,
 Sempre voluvel , de brincar só gosta.
 Contentão-no as traições , co'o pranto exulta ,
 Alegra-se em cravar profunda seta ,
 Alegra-se co'os ais , que a dôr arjanca :
 Géra os cuidados , os prazeres murcha ,

Faz o dia pezado, a noite horrivel,
 Troca os sonos pacíficos em guerra,
 Co'as tórpes azas a razão nos-venda,
 Traz consigo o receio, a inveja, o odio,
 E o ciume voraz, que a morte apréssa.
 Dá-nos a vida para a-encher de angústias,
 A existencia nos-dá, para roubál-a
 Com seus venenos pérfidos, malignos.
 Amor he filho de Caucásea rocha,
 De Tigre Hircana, ou de Megéra horrenda,
 Que do trilingue Cão gerou tal monstro.
 Mas não: he sua mãe peiór ainda;
 Ella nasceo do sangue, ella formada
 No seio foi dos revoltosos mares.
 Seus momentaneos bens são como o raio,
 Que allumia voando, e deixa a morte.
 Pérfida he Venus, pérfido seu filho,
 Ambos elles crueis, ambos perjuros.

Dissipa essa illusão: vê bem que scenas
 De glória, de prazer off'rece o mundo
 Aos que longe de amor seus dias passão!
 Eu que não gêmo, que a ternura ignoro,
 No Sol que se-alevanta acho doçura.
 Alegro-me de ver como se-espráião
 Por estes Céos undulações brilhantes.

Alegro-me de ouvir n'este arvoredo
 Sôbre seus ninhos modulando as aves
 As chamas, que eu não sinto, e que ellas sentem.
 Doçura encontro n'este puro rio,
 Que os novos raios vão doirando agora.
 Ao longe me-sorri, toda enfeitada
 D'entre os cristaes, selvática e tranquilla
 Das Graças tres a Ilha delectosa.
 Encantão-me estas margens e a verdura ;
 Agradão-me estes zéphyros risonhos,
 Que em tórno a mim fagueiros adejando,
 Em minha véste, em minhas tranças brincão ;
 Sua frescura meu vigor aumenta.
 Estas flores, que a terra estão bordando,
 Cujos aromas vem trazer-me as auras,
 Enlevão meu espirito e me-prendem.
 Alegro-me acossar no monte as feras,
 Vêr a lebre correr, notar a cerva,
 Que vai ferida demandar a fonte ;
 Diante de meus cães vêr pressuroso
 O veado correr, que se-amedronta
 Co'os latidos dos férvidos molossos.
 Com gôsto sigo o javali sanhudo,
 Que vai co'os dentes seu caminho abrindo.
 Fôlgo de o-vêr cair, perdido o sangue,
 Buscar ainda de meus cães livrar-se,

E expirar revolvendo-se , e rugindo.
 Attrac-me a pompa do arvoredo annoso ,
 Trepar aos ramos , apanhar os ninhos ,
 Colher agora a flor , agora o fruto .-
 Contenta-me um rebanho á fresca sombra ,
 Que sôbre a molle grama anda balando .
 Suspende-me o pastor , que ao som da flauta
 Canta , e faz retinir seus arvoredos ,
 E á par d'elle o rafeiro attento o-ouve .
 Quando , depois de allumiar o mundo ,
 Vai Febo arremeçar-se aos verdes mares ,
 Da luz a despedida he deleitosa .
 He doce ver então como os pastores
 Para o seguro aprisco os gados levão ;
 Ver como os toiros , de lavrar cançados ,
 Levão suspenso o arado , e vão tardios
 Esperar , no curral que assome a Aurora .
 Chega a Noite : em seu manto os astros brilhão ,
 A Lua vem nascendo , os ventos dormem ,
 E o suave clarão desterra as sombras .
 Junto da fonte o rouxinol gôrgeia ,
 Brilha tremendo docemente o rio :
 Onde quer que me-apraz , então descanso .
 Se me-aborrece o lar , durmo nos valles
 Entre a murta cheirosa , e sôbre as hervas .
 Durmo , se quero , nas musgosas penhas ,

D'onde, antes de dormir, descubro o rio,
 Que o ouro e a prata em seu fulgor me-ostenta;
 Sono innoente vem cerrar-me os olhos:
 Durmo, e não sonho em miseros cuidados,
 Restauro co'o socêgo as fôrças minhas.
 Vem a Aurora acordar-me, e volto á caça;
 Vivo sempre feliz, e sempre alegre.

! E goza d'estes bens quem de amor cuida!
 Ninfa, ! gózal-os tu, que assim me-escreves!
 Recobra tua paz, fuge a Nareiso:
 Em vez de procurar os seus abraços,
 Procura nunca o-vêr; e até se podem
 Aborreça-te ouvir seu proprio nome.

Não supponhas que amor seja invencivel;
 Quem o-tenta vencer, quem o-combate,
 Sempre consegue da victoria os loiros.
 Fuge das solidões, fuge das grutas;
 He lá que na saudade o amor se-aumenta,
 E novas fôrças cada dia ganha.
 De ti mesma te-affasta; e quando vires
 Que o traidor coração busca fallar-te,
 Precisas de valor e de constancia,
 Impoem silencio ao coração rebelde,
 Do objecto perigoso a ideia affasta,

Procura as socias , nas coréas entra :
 Em vez do pranto , que espontaneo brota ,
 O riso imitem descoradas faces.
 Bem depressa este engano , esta violencia
 Póde tornar-se em candida verdade.
 Pensa na-ingratidão de quem adoras :
 » Narciso he bem cruel , dize contigo ,
 » He um monstro feroz ; ¿ e devo amal-o ?
 » Eu desejo seu bem , meu mal deseja ,
 » Proçuro possuil-o , elle me-foge ,
 » Meu coração com elle he todo chamas ,
 » Seu coração comigo he gèlo todo ;
 » Chóro por elle , ri-se de meu pranto.
 » Longe insensato amor , amor funesto ! »

· ✦ ·
 Compara a minha sorte , e o teu destino :
 O mundo para mim he todo graças ,
 Angustias para ti he todo o mundo.
 Quanto dizes de amor ; não vês que he falso ?
 Sim , he falso , ai de ti ! tu mesma o-sentes !
 Quem livre dos grilhões do Deos tirano
 A liberdade placida desfruta ,
 He qual viçoso arbusto em fertil campo ,
 Que do Sol goza a luz , calor , influxo ;
 Aos ares largamente estende os ramos ,
 Com fôrça e magestade se-alevanta ,

Parece em tempo breve o Rei do bosque ;
 Buscão-no as aves , buscão-no os pastores :
 Duros granisos , hórrida procella ,
 Que as azas dos tufões no ar arrojão ,
 Não descem para elle , e não o-offendem.
 Quem geme de Cupido entre as cadeias ,
 He qual amarga , venenosa planta
 Entre rochedos áridos nascida.
 Os raios da manhã não vem doirál-a ,
 Do Meio dia o Sol a custo a-fere ,
 Rodeia-a frio agudo , e nevoa grossa ;
 Serpes malignas que produz o monte ,
 Volteião-lhe em redor , mordem-lhe o tronco ,
 Envenenão-lh'-o mais , cortão-lhe as flores ,
 Se algumas flores conservava a triste :
 E quando Jove , as terras abalaando ,
 Faz rolar o trovão dos Ceos em tórno ,
 Vôa o raio voraz á rocha dura ,
 E em tempo inda immaturo a planta he cinzas.

Que buscas pois de mim? de mim te-esquece.
 ; Ver-te? ah! ver-te não quero. Insana , fuge.
 Mil Ninfas , como tu , por mim suspirão ,
 Mil Ninfas , como tu , são desprezadas.

C A R T A III.

ECHO A NARCISO.

Narciso! ¿pude eu ler tuas palavras
 No duro tronco, menos duro que ellas?
 Eu pude: e os olhos meus desfiz em pranto.
 Por tres vezes senti tremer meus labios,
 Fugir-me a luz, enregelar-se o sangue;
 Tres vezes desmaiei junto do choupe.

Depois de lido haver tua resposta,
 Não, Narciso, disse eu, não fez taes versos:
 De impiedade incapaz e de blasfemia
 Tremeria talvez, vendo-os escritos.
 He seu rosto dos Ceos risonha cópia,
 Das furias a expressão não lhe-compete.
 Sua mão delicada, encantadora,
 Essa mão donde pendem meus destinos,
 Não podia traçar o que me-assombra,
 Os Numes horrorisa, e chama o raio.
 Algum malvado... mas ¿que digo? he elle,
 He

He Narciso, elle mesmo, o autor funesto!
 ; Não vi eu sua mão gravar co'a frecha
 Letras, que as frechas só gravar devião?
 ; Sorriso, insultador dos meus tormentos,
 Não vi nos labios seus? ; pois que duvido?
 Foi Narciso, elle mesmo, o autor funesto!

Eu devia, cruel, seguir teu mando,
 Esquecer-me de ti, fugir de vêr-te,
 Tirar do coração o amor sem fruto,
 Venenosa raiz de ácerbos males.
 ; Mas devo combater contra invenciveis?
 Tu, que nunca de amor sentiste o jugo,
 Tu só podes dizer que amor nos-céde.
 Se amor cedesse a rígidos duellos,
 Inda folgára na innocencia minha,
 Inda meus dias deleitosos fôrão.
 Mas eu debil, eu Ninfa, eu que te-vejo,
 ; Podia acaso resistir ao Nume,
 Que o ferro e o fogo tem, que os Deoses prostra?
 Amor, sem ser sentido, entrou no peito,
 A' suave traição obstar não pude:
 No fundo mais recondito e sensivel
 Do puro coração, veio aninhar-se.
 A minha confiança a pouco e pouco
 Foi ganhando o fallaz com vãs promessas:

Fallou-me de mil bens para attrahir-me,
 Eu mesma consenti no cativeiro ;
 Depois que me-vio prêsa estar segura,
 Em furor converteo sua clemencia,
 Sujeitou deshumano os meus sentidos,
 Dêspota sobre mim choveo mil males,
 Com dores infernaes ferio-me o peito,
 Em fogo devorou minhas entranhas,
 Fcz meu sangue ferver, fêl-o agitar-se,
 Offuscou-me a razão, roubou-me o sono,
 E a minha antiga paz, e os meus prazeres
 Tornou em cinzas, como faz ás flores
 Feroz incendio, que pegou nos bosques.
 ¿E posso destrui'r quem tanto póde?
 Lendo a tua resposta, eu quiz tental-o ;
 Tratei de combatêl-o, e de livrar-me,
 Mas dos exforços vãos zombava o Nume:
 He mais forte do que eu, vio-me rebelde,
 Lançou nos pulsos meus grilhões mais duros,
 E a jugo mais cruel cedeo meu cóllo.
 Sou qual ave infeliz, que pousa incauta
 Sôbre enviscado, enganador raminho ;
 Quer as azas bater, fugir, tornar-se
 Aos socios seus, á liberdade antiga ;
 Cança-se, lida, e quanto mais forceja,
 Tanto se-prende mais co'as plumas todas ;

Desengana-se em fim : desiste, pára,
 E a seu férreo destino se-abandona :
 Tal ás garras de amor me-vejo entregue.
 Mas, ideias sacrilegas, deixai-me !
 Não : esse Nume, que vencer não posso,
 Não he quem de amargura enche os meus dias :
 A minha desventura he quem me-opprime ;
 Narciso, em vez de Amor, tem culpa d'isto :
 Os crimes dos mortaes não são dos Numes,
 Os duros corações amor odeia,
 De um férreo coração provêm meus males.

Vê pois, Narciso, quantos ais produzes,
 Vê bem de quantas lágrimas hes causa.
 Sente os remorsos das angústias minhas,
 Melhóra meu destino ; ah ! por ti mesmo,
 E pelas ondas paternaes t'-o-peço.
 Se a tua sorte plácida, risonha,
 Te-prende, te-seduz, te-persuade
 A viver só nos bens, que offrece o campo,
 A fugir do prazer da Natureza,
 Requentado prazer, que a essencia apura,
 E os humanos eleva além dos Deoses ;
 Se este mudo espétaculo dos campos
 Para os sentidos teus contém delicias,
 Sabe que a Natureza inda he mais ampla :

Tens visto um pouco dos thesoiros d'ella,
 Mas d'ella inda o melhor não tens gozado.
 Tem doces mimos, divinaes, supremos,
 Que em seu seio recata, e só concede
 A'quelles, que de amor as leis adorão:
 Adora as leis de amor, góza estes mimos.

Se eu vivo sempre em ais, sempre em desgostos,
 Solitaria chorando entre os desertos,
 Não te-faça tremer a sorte minha;
 Eu amo, e vivo em barbaro abandonô;
 De meus tormentos teu rigor he causa.
 Mas tu, se amares, acharás ternura,
 E a mais doce, e fiel correspondencia.
 Os frutos gozarás, que tu me-negas;
 Sem jámais conhecer o que he desgosto,
 Invejado serás dos proprios Deoses.

Uma espôsa ternissima, e constante...
 | Que puro nome tão credor d'inveja!
 Uma benigna, carinhosa espôsa
 Te-faria sentir quanto hes amavel!
 Quando cançado de correr no monte,
 No fim do dia aos lares teus voltasses
 Já fatigado, e de suor cuberto,
 Adiante de ti correndo alegres

Ladrarião teus cães ; e a tua amante
Te-iria encontrar em teu caminho.
 Seu rosto alegre da innocencia imagem,
 Seus abraços suavissimos, seus beijos,
 Os rizo8, as perguntas, as caricias
Te-farião sentir, que eras ditoso.
Para te-alliviar, te-fartaria
Aurea cadeia, d'onde perde a aljava.
Tirára de teu braço o arco ebúrneo,
 Nas melindrosas mãos o-conduzira.
 Sobre teus hombros lançaria o braço,
 Apertando-te ao seio, e muitas vezes,
 Como caçaste, perguntára, e quando,
 E a quantas feras arrancaste a vida.
 Dir-te-hia, que saudosa em tua ausencia,
 Só se-occupava em ti, pensando sempre
 Alguns perigos, que encontrar podias.
 Temia os precipicios, as carreiras,
 Os bravos javalis, e ardentes lobos.
 Desejava que o Sol levasse o dia,
 E a noite mais feliz em fim viesse
 Socegal-a, e lançar-te entre seus braços :
 Que para distrahir os seus cuidados,
 Para t'-as-offertar, andou tecendo
 Flóreas capellas, onde pôz teu nome :
 Que andou só para ti colhendo os frutos

Mais doces , mais gostosos , que encontrára ,
 E entre a murta os-guardou em seus cestinhos :
 Que , depois de não vêr-te o dia inteiro ,
 Com tua volta se-alegrava tanto ,
 Como a tenra , lanígera ovelhinha ,
 Que o pastor deixou só no rude aprisco ,
 Se-alegra , quando a mãe dos pastos volta :
 Que muito longo parecêra o dia ,
 Que a noite ao pé do esposo he só momentos !
 Isto , e mil coisas , que a ternura inspira ,
 Dir-te-hia carinhosa , e de teus labios
 Entre as palavras te-roubára os beijos .
 A' tua habitação quando chegasses ,
 A tua espôsa te-mostrára alegre
 De suas mãos as delicadas obras ;
 Ramalhetes , festões , corôas , cestos
 De tenras varas com primor tecidos ,
 Um brando leito de alecrins e murtas ,
 Que ella cubrio de desfolhadas rosas ,
 De esponjas , de jasmims , de brancos lirios ;
 Com tôlido de alfazema , e de violetas
 Ella o-teria ornado , e juntos ambos
 Repousáreis ali , brincando affaveis .
 Os Amores , as Graças , os Prazeres
 Brincarião tambem cercando o thóro .
 Para durarem mais vossos affagos ,

Tarde viria o molle Deos do sono.
 A's venturas reaes, que então deixasseis,
 Seguirão-se fantasticas venturas,
 E em sonhos fôreis outra vez ditosos.
 Quando teu casto amor te-dêsse um filho,
 Fruto primeiro de união tão doce,
 Qual fôra tua glória ao vêr na face
 Do innocente menino as feições tuas !
 O venatorio, asperrimo exercicio
 Deixáras vezes mil para gozál-o:
 Com gôsto, com transporte inexplicavel
 Vêl-o-bias crescer, brincar no campo,
 Pelo pai, pela mãi chamar sorrindo,
 Para lhes-perguntar de tudo o nome,
 Suas causas, seus prestimos, seus usos.
 Correria contente aos teus abraços,
 Quando do monte aos lares teus viesses;
 Dos mortos animaes dissera o nome;
 Contára-te o que fez durante o dia;
 Brincára com teus cães, co'a tua aljava.
 Quando a idade crescesse, eras tu mesmo
 Quem lhe-havia ensinar a usar das fôrças,
 Brandindo as setas do infalivel arco.
 Fôra menos fragosa ao lado d'elle
 Esta dura montanha: o valle, as selvas,
 Terião para ti bellezas novas.

N'elle fitando mudamente os olhos,
 Bemdirias a espôsa, em cujo seio
 Gerára o Deos de Amor outro Narciso.

¿ Mas onde me-arrebato ? ¿ Onde me-leva
 De minha ideia o temerario fogo !
 Ah ! eu tinha esquecido os meus tormentos ;
 Julguei que era feliz , que era adorada ,
 Que eu era a tua espôsa . . . Oh ! dor funesta !
 A que doce illusão não vens seguir-te !
 Tinha o sorriso sôbre a face agora ;
 Entre diluvios de amargoso pranto
 Vieste dissipar o meu sorriso .
 He d'este modo que a estação do gêlo ,
 Se um pouco sobre os Ceos , por entre as nuvens ,
 O Sol nos-deixa ver , logo o-dissipa
 Co'as chuvas , co'os trovões , co'as tempestades .

Narciso , doce amor ; unico objéto
 De meus sentidos , por quem ardo e morro ,
 Pensa n'uma infeliz , que tu só fazes .
 A glória de mudar a sorte d'ella
 He só nas tuas mãos , que a-poz o Fado .
 Muda os destinos meus , serás ditoso
 Co'os bens , que o Deos de amor aos seus promette .

C A R T A IV.

NARCISO A ECHO.

CÉos ! Que effeito surtio minha resposta !
N'esse momento, em que julgava extintas
Ver no teu peito para sempre as chamas,
Vejo que o teu amor se-irrita, e cresce,
E ao pêzo das razões voando foge.
Teus ais, teu pranto, tua dor, teus males,
Exacerbão-se mais ; e mais nos pulsos
Vão pezando os grilhões, que t'-os-roxeião.
A tua confusão, e os teus martirios
Movêrão-me á piedade, e quiz livrar-te.

A' luz dô facho, que a verdade empunha,
Mostrei-te qual de amor o genio fosse ;
Seu imperio fatal pintei-te ao vivo :
Sentado t'-o-fiz ver em ferreo throno,
Ditando ferreas leis a seus vassallos ;
Consulta-te a ti mesma, e vê se eu minto.
Em vez de scetro, em sua mão sustenta

Horrenda vara de enleadas serpes,
 Que envenenão mordendo aos que o-procurão.
 Verde diadema de aspides o-adorna,
 Que silvão sem cessar, e o sono espanção
 De seu palacio lugubre, terrivel.
 As vistas do cruel são como o raio,
 Os gostos, o prazer converte em fumo.
 Arde a seu lado abrazadora pira,
 Que em ternos corações o fogo ceva,
 Fogo trazido das Stygias margens.
 Em tórno ao solio com medonho aspéto,
 Em vez das Graças tres, como se-finge,
 As tres Furias do Inferno o-estão guardando.
 Tem por Ministros a sombria Inveja,
 Que morde; que ensanguenta as proprias carnes;
 A palida Tristeza em pranto immersa;
 O Susto, que do chão mal ergue os olhos;
 O Payor, que estremece, e em cuja fronte
 A grenha escura sem cessar se-erriça;
 A Blasfemia sacrilega, bramando
 Contra os Ceos, que despreza, e que provoca;
 O Odio cingido de sanguineas armas;
 O mirrado Ciume, envolto em trevas,
 Os bens alheios de través olhando;
 A Discordia maldita em armas sempre;
 O Êscandalo veloz de leves azas;

O Genio da ruina e dos estragos.
 Morre em cadeias n'este sítio a Honra,
 Em Malicia o Pudor a essencia muda,
 A Paz na Inquietação lá se-converte,
 E a Morte a toda a hora em torpes aras
 Recebe em culto vítimas chorosas.
 De mil Amores barbaras falanges
 Guardão sombrias a medonha estancia;
 D'ali ás ordens, que lhes-dita o Monstro,
 Voão a commetter delitos novos,
 A encher de males os mortaes e os Deoses.

Sacrilego não sou; respeito os Numa,
 Seu braço temo, suas leis adoro;
 Mas Amor não he Nume, e se merece
 Um Tirano tambem gozar tal nome,
 Ergão-se altares aos Leões e aos Tigres;
 Queimem-se incensos ás sedentas feras,
 Que os rebanhos pacíficos devastão;
 Façamos templos, consagremos votos
 A's raivosas Eumenides, e um culto
 Não se-negue na terra ao Cão Trifauce.
 A piedade, a clemencia, as leis propicias,
 O amor, a rétidão, só faz os Deoses.
 Ser, que opprime os mortaes, que os males forja,
 Que a innocencia atropella, o vicio escuda,

Só da loucura adorações consegue.

Derruba pois esse idolo de ferro,
 Calca aos pés suas leis, vence, levanta
 Da Liberdade a candida bandeira.
 Das nuvens densas, que teus dias turvão,
 Ah! descobre outra vez teus horisontes!
 Não insistas no amor: e se tua alma
 Já não pôde existir, sem que o-supporte,
 Tens os Deoses do campo, arde por elles,
 Terás paga melhor dos teus amores;
 Tens os Deoses dos rios, que extremosos
 Sempre tem sido pelas bellas Ninfas;
 Awa quem te-agradar... porém Narciso
 Não, não pôde acceitar os teus favores.

Esse risonho e lisongeiro quadro
 Das glórias de Himeneo, qual m'-o-traçaste,
 Não me-póde tocar, nem me-deslumbra.
 Vejo as Serpentes a través das flores,
 Vejo co'as flores a eicuta envolta:
 Tu me-queres mostrar as lindas rosas!
 As rosas murchão n'um só dia, e deixão
 Duros espinhos rígidos no tronco.
 Amor he quem te-inspira, amor te-illude:
 Nos caracteres teus descubro as obras

Do

Do enganador, do pérfido Vendado.
 Amor não tinhas, venturosa foste,
 Amor te-inflamma, desgraçada vives.

; Aos laços de Himeneo ceder meus pulsos !
 Que me-pedes ? Vê bem, vê bem que arrôjo !
 ; Pertendes despenhar-me entre essas vagas
 De um tormentoso mar, donde os amantes
 Querendo atraz volver, volver não podem ?
 A tímida corrente os-arrebata,
 As ondas em montão sôbre elles fervem ;
 Do fundo ao lume d'ágoa, ante seus olhos
 Os monstros surgem, que o terror lhes-lançãõ.
 Não ha práia opportuna, onde se-acôlhão ;
 Pela morte se-chama, e tarde a morte
 Vem da vida livrar taes desgraçados.
 Os laços de Himeneo produzem dores,
 Os laços de Himeneo não se-desatão.
 As venturas do espôso estão pendentés
 Do coração da espôsa, e da constancia.
 Em peito feminil não ha firmeza ;
 O que hoje adêrão n'outro dia odeiãõ,
 Do que hoje as-attrabio, ámanhã fogem,
 E em nada muito tempo achãõ doçura.
 Eu sei das Ninfas o voluvel genio ;
 Em seu primeiro amor nenhuma insiste,

Escuta-as cada dia um novo amante,
 E he só o variar que as não desgosta.
 Qual de vós não he fábula dos campos?
 Nos versos dos pastores tenho ouvido
 Mil vezes referir a infamia vossa,
 Sempre novas paixões, novos desejos
 Vos-prendem, vos-dominão, como as ondas,
 Que uma apos outra vão tocando as praias.

O tempo não descança, o tempo vós;
 Remedio, que a razão não soube dar-te
 Para os martirios teus, virá co'o tempo.

C A R T A V.

ECHO A NARCISO.

SE a tua ingratição, se os teus rigores
 Para livrar-me d'este amor não bástão,
 ; Como esperas do tempo um tal prodigío?
 Póde o tempo extinguir ligeira chama,
 Mas não póde os vulcões, que me-devorão.
 Perde comigo seu costume a ausencia,
 E o Lethes mesmo, se buscasse o Lethes,
 Não soubera extinguir memorias tuas,
 E em vez de as-apagar, as-redobrára.

Não: já minha paixão não tem remedio;
 He forçoso já agora amar-te sempre,
 Crescer com teu rigor minha ternura.
 O' morte! ó doce amiga! unica esp'rança
 D'aquelles, que o Destino opprime injusto,
 Se eu podesse morrer, eu te-buscára.
 ; Sorte infeliz das amorosas Ninfas!
 Dos humanos o bem não vos-he dado.

Meu mal igualará co'a eternidade ,
 Os annos correrão com pé tardío ,
 E seculos sem fim verão meu pranto .
 Morada do silencio , Stygios bosques ,
 Sítios , onde co'a vida os ais se-acabão ,
 ; Não me-he pois dado suspirar por ver-vos !
 Não , amante infeliz ! Narciso e o Fado
 Para a tua desgraça as mãos se-derão ;
 ; Deverás sempre amar , e amar sem fruto !
 Esta ideia de horror turva meus dias ,
 Pensando n'ella o espirito desmaia .
 Esta ideia de horror , he meu verdugo ,
 Que sem me-assassinar , me-fere sempre .
 A tua crueldade , os teus despresos
 São contínuos dragões , que me-atassalbão .
 Goteja sangue o coração ferido ,
 Já para tanta dor não sou bastante .
 A' força de soffrer estes combates ,
 Sinto-me ás vezes de repente em furia ;
 Da desesperação me-entrego ás iras ,
 E mudada em rancor , minha ternura
 Parece desejar feroz vingança .
 N'estes momentos não existe o mundo ,
 Dos Arbitros dos Ceos então me-esqueço ,
 E o mesmo Deos de amor audaz provooco .
 Brilhão meus olhos como brilha a chama ,

Inflamma-se meu rosto, o pranto cessa,
 Perturba-se a razão, e incerta a lingua
 Interitta de vingança horrêndos votos.
 Mas longo tempo a agitação não dura;
 A negra tempestade eis se-dissipa,
 Meus justos odios n'um momento acabão,
 E, em vez de meu tirano, hes meu querido.
 Então nos olhos meus o pranto ferve;
 Com moribunda voz, entre soluços,
 Logo a, Narciso, a Amor perdão imploro:
 Mas se o-tenho de Amor, Narciso he surdo,
 Nunca chegão meus ais a seus ouvidos.
 Uma doce, fiel melancolia
 Vem por grãos serenar minha alma anciosa,
 Com seu manto envolver minhas ideias:
 Passeio solitária estes desertos.
 Esta muda tristeza, em que me-absorvo,
 Parece dar a tudo o seu negrume.
 As arvores, os prados, as collinas,
 Flores, verdura, zéphyros, cascatas,
 Aves, rebanhos, o Cephiso, as margens,
 Os mesmos vastos Ceos, o Sol, e o dia
 Tudo sombrio aos olhos meus parece,
 E tomar viva parte em meus desgostos.
 Ah! se o tronco, se a rocha se-enternecem,
 Serás tu mais cruel, que a rocha, o tronco,

E o mal não sentirás de que hes origem ?
 ; Tens por ventura um coração de bronze ?
 ; Tens em teu peito diamantino escudo ?
 ; Qual das duras Euménides mais dura
 No ventre infame te-gerou tão fero ?
 ; Que tigre te-nutrio co'o proprio leite ?
 ; Quem tua alma formou na tenra infancia,
 Contrária á retidão, e á Natureza ?
 Não ; a amavel Liríope não trouxe
 Dentro em seu seio tão indigna prole ;
 Nem o Cephiso placido, amoroso,
 Um filho como tu gerar podia :
 Outros fôrão teus pais, não os-ultrajes.

Mas que digo ! perdoa a minha insania ;
 Eu te-quero abrandar, eu te-provoco,
 E em vez de teu amor teu odio chamo.
 Desculpa as expressões em fel banhadas,
 Que a dor inspira, e o coração reprova ;
 Desculpa-me, e perdoa, e sê mais brando.

Só tu meus males voluntario forjas ;
 E se inda gózo bens, de que hes origem,
 Nada tenho em taes bens, que agradecer-te ;
 Tu m'-os-dás sem querer, e Amor os-cólhe :
 O Sol me-agrada mais quando te-vejo,

Cobra o dia cômigo encantos novos;
 Singular ornamento os floreatos valles.
 Quando tu passas eu te-vejo, e noto
 Teu ar, tuas feições, tuas maneiras.
 Nunca dos passos teus, e de teus olhos
 Affasto a vista, e me-arrebatô em ver-te.
 Sâes do nosso arvoredo, e vais ao monte:
 Meus passos precipito, e corro ao campo,
 Por onde tu passaste, e ali desprendo
 Lágrimas doces, que a ternura exprime.
 Se te-vi repousar sôbre a verdura,
 Sôbre a mesma verdura o corpo lanço;
 Julgo ainda sentir na fria relva
 O suave calor do meu Narciso;
 Beijo-a mil vezes, e abraçando os troncos,
 Penso abraçar-te com transporte e fogo.
 Ferve a imaginação, desprende as azas,
 Em fantasticos bens então me-engolfo.
 Julgo escutar-te compassivo e meigo
 Com vivas côres teu amor pintar-me.
 Nós formâmos então sagrados votos;
 Jurâmos ser fieis, ser extremosos.
 Eu te-beijo, eu te-abraço entre caricias,
 E Venus sôbre nós seus gostos chove.
 Quanto goza uma espôsa a mais querida
 Eu me-sinto gozar entre teus braços,

Invejada talvez das Deosas tôdas.
 As flores colho, que teus pés tocárão,
 Orno com ellas minhas longas tranças.
 Apérto contra o seio os duros olmos,
 Onde encostado repousaste um pouco.
 Fólgo de respirar as mesmas auras,
 Que tinhas respirado. A fresca noite
 No tenebroso carro em fim se-avança:
 Vem a Lua aclarar os Ceos e o mundo.
 Junto de um cedro antigo então me-assento
 Sôbre marmórea pedra, e junto á fonte.
 O sombrio espetáculo dos campos,
 Das agoas o murmúrio, o som das folhas,
 As rãs grasnando ao longe, o moucho triste
 Soltando a espaços lutuozos guinchos,
 E o doce rouxinol de quando em quando
 Gorgeios desprendendo em verde arbusto,
 Lanção-me n'alma placida tristeza,
 Tristeza, que aumentar desejo ainda.
 Recostada no braço eu fico immovel
 Longas horas olbando a argêntea Lua:
 O silencio me-apraz, o amor se-aumenta,
 E no amor infeliz acho delicias.
 Em que ideias minha alma então se-engolfa!
 "O' Lua, digo eu só, tu que dominas
 "Sôbre o cume dos Ceos, vês todo o mundo!"

» Tu vês nos braços dos fieis espôsos
» As espôsas fieis estar dormindo,
» Cançadas de prazer e de venturas;
» Tu vês amantes, que o retiro buscão,
» Fugindo occultamente ao lar paterno,
» Só para se-entreter em seus amores;
» Tu vês pastoras cautamente abrindo
» A porta a seu pastor pela alta noite;
» Tu vês as Ninfas, que o Cephiso habitão,
» Saír das vitreas grutas, esperando
» Sôbre seu musgo seus queridos Faunos;
» Tu ouves ternos ais, queixumes ternos
» De tristes, malfadados amadores,
» Que chórão junto ao lar das vis ingratas:
» Mas tu não podes ver, formosa Deosa,
» Nem amante melhor, nem mais afflicta.
» Ah! não vês tu Narciso, o meu ingrato?
» Que faz elle? onde está? Seus lindos olhos
» Mesmo agora talvez que te-contemplem;
» Talvez que o mesmo objéto olhemos ambos!
» Mas pensa como eu penso? estará triste?
» Sentirá, como eu sinto, um fogo occulto?
» Aquella que o-adora, e de quem foge,
» ¿Estará por ventura em sua ideia?
» O' Lua, tu que vês, tu que penetras
» Os nossos corações, e as almas d'ambos,

» ¿ Não sabes quanto he duro o meu Narciso ?
 » Talvez estará só, quando podia
 » Ter-me a seu lado, contemplar comigo
 » Na doçura da noite, e nos prazeres,
 » Que a noite traz consigo, e a noite leva. »
 Hum momento depois, « Elle já dorme,
 » Digo eu mesma comigo, ¿ e acaso sonha
 » N'aquella, que o-deseja, e que despreza ?
 » Será também cruel nos mesmos sonhos ?

Tens visto o duro estado, e a guerra infáusta,
 Em que o dia consumo, e passo a noite :
 ¿ E a tua compaixão negas-me ainda ?
 Sê mais justo comigo, e teme os Deoses,
 Não fez debalde o Ceo tal formosura.
 Dos annos colhe a flor, que se a não colhes,
 Murcha e desfeita cairá na terra.
 Olha como as solícitas abelhas
 Das rosas na estação jámais descansão ;
 E ora aqui, ora ali seu mel procurão.

Modéra o genio duro, ás mesmas feras
 Tão agra condição não competira.



C A R T A VI.

NARCISO A ECHO.

AH! deixa por piedade, eu te-conjuro,
Deixa, extremosa Ninfa, os teus excessos.
Eu t'-o-rógo por ti, pelos teus campos,
Por Jove, por teus pais, quem quer que sejam,
Por Venus, por Amor, que tanto adoras;
Poupa os queixumes, teu desgosto acaba.

Insensível não sou, choro em teus males,
As tuas afflicções á dor me-obrigão,
Mas não posso findar teus infortunios.
Ao culto, ás leis da vîrginal Diana
Eu mesmo consagrei meus sentimentos.
Sigo seu exercicio, acosso as feras,
Não temo o javali, não fujo d'elle,
Mas temo o cego amor, e d'elle fujo.
Quando a lebre veloz ao longe passa,
Para a lebre ferir, eu deixo as Ninfas,
Uma virgem teruissima e formosa

Deixo ás vezes de ouvir, para no monte
 Ver meus rapidos cães voar á preza.
 A pelle de um leão, com que me-cubro,
 Dá-me glória maior que se colhesse
 Nos combates de amor triunfo honroso.
 A minha paz, a liberdade minha
 Digno preço não tem no mundo todo.

Nunca senti amor, mas sei qual seja.
 Seus exemplos fataes aos velhos ouço,
 Seus exemplos fataes descubro eu mesmo
 N'essas, que térnas só por mim suspirão.

Attrahir sôbre mim duros cuidados,
 Voluntario lançar-me entre cadeias,
 Arrojar-me em valcões de accesas chamas,
 Eis o que pedes, ¿deverei fazel-o?
 Inhumano não sou, teus males sinto;
 Mas se quer uma victima teu fado,
 Para abrandar seu barbaro flagello,
 Não seja sua victima Narciso:

¿ Tu me-chamas blasfemo? Os Ceos tem raios,
 Minhas blasfemias Jupiter castigue.
 Não: maldizer de amor, chamar-lhe insano,
 Despresal-o, fugir-lhe, e se-podê-se,

Seu

Seu culto destruir na terra toda,
 Sacrilegio não he, nem mesmo he culpa.
 Quando amor era brando, então foi Nume!
 Nos puros tempos cañdidos, doirados,
 Amor, que era benigno, era virtude.
 A innocencia, o pudor sem leis, sem penas,
 Castos mantinhão divinaes costumes.
 As cadeias de amor erão de rosas,
 Não reinava o Ciume entre os humanos,
 Era sonho aos mortaes o nome *Crime*.
 O tempo destruiu tão puros dias,
 Fugio vertendo lagrimas Astrea,
 E os seculos de ferro em fim brotárão.
 Veio com elles o tropel das culpas,
 E as Furias suas mãis por seus algozes.
 No contagio moral da raça humana
 Amor, o Deos melhor que o mundo tinha,
 Tambem se-fez cruel, fallaz, impuro:
 Então se-armou de venenosas frechas,
 Negro facho accendeo no fogo Stygio,
 Mudou seu riso em carregado aspéto,
 De rijo ferro nos-forjou cadeias;
 Suas honras trocou, já quer suspiros,
 O pranto, as afflicções, e o mesmo sangue:
 Os homens, que até ali chamava filhos,
 Hoje escravos nomeia, hoje os-esmaga.

Se adorámos um Pai nos tempos d'ouro,
 Na ferrea idade um Despota deixemos
 Envolto no desprezo, e na vergonha.

Poem de parte a paixão, que te-allucina:
 Vai, consulta a razão, busca a verdade.
 Do Cephiso meu Pai nas santas margens
 Voa de Themis ao sagrado templo.
 Quando entrares no bosque, onde elle existe,
 Expia-te primeiro, e vai sem susto,
 Por entre os antiquissimos loureiros,
 A demandar o Oraculo infallivel.
 Tu mesma escutarás sua resposta,
 Saberás qual Amor co'os homens seja.
 Depois que infesto, assolador diluvio
 Em ermo, em solidão mudára a terra,
 O bom Deucalião, e a amavel Pirrha,
 Sós escapados ao geral naufragio,
 Fôrão buscar o Oraculo de Themis.
 ; E a resposta da Deosa acaso ignoras?
 » Ide, lhes-disse, renovai o mundò,
 » Mas não busqueis a amor; de amor nascêrão
 » Os delitos, que os Ceos assim punirão
 » Co'a geral extincção da humana especie.
 » Arrojai para traz as duras pedras;
 » Por ti, Deucalião, os homens nascão,

» Por ti, ó Pirrha, o melindroso sexo.
 » Fugi, tórno a dizer, ao Deos funesto,
 » Malvado autor da perversão dos povos. »
 Tal foi de Themis o sagrado annúncio!
 Tu, que me-adoras, deixa-me que siga
 As vontades da Deosa, o meu descanso.

As festas annuaes estão chegando,
 Que em honra a Venus n'estes campos fazem.
 D'ellas te-affasta, nega-lhes teu culto:
 E se entrares no número insensato
 Das Ninfas, que a seus pés offrendas levão,
 Se humilde e baixamente aos pés da Estatua
 Queres ir arrojar-te e fazer votos,
 Ah! não lhe-peças, que a Narciso mude;
 Excede a seu poder este prodigio!
 Roga-lhe que te-apague as vivas chamas,
 Que a doce e antiga paz te-restitua,
 Se a clemencia, e o podêr distingue os Deoses.

Esquece-te de mim, não mais me-escrevas,
 Triunfa de ti mesma, e sê ditosa.

C A R T A VII.

ECHO A NARCISO.

EM tórno d'este choupo, onde me-escreves,
A terra brotará só duros cardos:
Virão sempre dormir entre seus ramos
Horridos mouchos, horridas harpias:
A' copa sua os esfaimados lobos
Virão tragar as candidas ovelhas.

Mais duro cada vez, mais deshumano,
Tu respondes, ingrato, aos meus extremos;
Affétada piedade em vão me-finges,
Teu coração de bronze assaz conheço.
Se ao culto, ás leis da virginal Diana
Votaste os annos teus, imita a Deosa.
Bem que siga o pudor, bem que se-chame
O Nume Tutellar das castas virgens,
; Quem há que não conheça os seus amores?
; Látmeos rochedos, declararai se vistes
Outro fogo jámais, que iguale o fogo,

Com que a Deosa buscava o doce amante?
 Tão lindo como tu, mas não tão fero,
 O nobre Endimião na verde gruta,
 Nas horas da ternura e do silencio,
 Pela amavel Latónia era acordado.
 Sem máos olhos temer, longe da inveja,
 Passava junto d'ella amenas horas.
 ; Não tem o mundo seus mimosos filhos,
 Immensas Ninfas e o famoso Etólo?
 ; Quantas vezes de noite os pegureiros,
 Quando ao fresco luar cantando estavam,
 Junto da serra em flórida collina,
 Virão do ethéreo carro a branca Deosa
 Descer ao grato sítio envolta em nuvens!
 Segue seus passos; imitar os Deoses,
 Eis seu culto primeiro, eis o mais nobre.

; Serás tu sempre assim, duro, severo,
 Intratavel, sombrio, deshumano?
 Ah! cumpre mitigar teu agro genio,
 Os trabalhos da caça um ocio pedem.
 Precisas revezar tuas fadigas
 Co'os risos, co'a ternura, e co'os prazeres:
 Perde-se o arco retezado sempre,
 Para melhor servir deve affrouxar-se.
 Se em continua borrasca o mar fervesse,

¶ Que barreira livrar podia o mundo?
 As praias arrancando, as-engolira,
 E em diluvio sem fim jazêra o globo.
 Se após o inverno desabrido e feio
 Não viesse a estação, que as flores géra,
 Precursora da nitida Pomona,
 ¶ Que fóra dos mortaes? e quem duvida,
 Que a terra voltaria ao turvo çáhos?
 Se nunca Marte depozesse a lança,
 A humana raça em vítima baixára
 Aos tristes Deoses, que respeita o Orco.
 Mas das armas o Deos, ás vezes desce
 Do ferreo coche, que precede a morte:
 Depoem o escudo, o capacete, a malha,
 E entre os abraços da benigna Venus
 Vai o horror esquecer de seus combates.
 ¶ E o que a Marte convêm rubor te-excita?
 ¶ Póde o que o não deslustra, deslustrar-te!
 Nenhum dos Immortaes he mais soberbo,
 Mais zeloso da glória e dos triunfos;
 Mas céde ao Deos de amor, e não se-pêja.
 ¶ Só tu não cederás? ¶ hes mais que Jove?
 Mais que os Deoses do Ceo, do mar, do abismo?
 ¶ Horrorisa-te acaso o seu imperio?
 ¶ Quão mal conheces o Menino alado!
 Nunca o-sentiste, ¶ e júgal-o tirano!

; Quem tanto te-seduz ! Tua alma ingénua
 Figura o Deos de amor, qual o-desenhão
 Os gelados, decrepitos pastores.
 Seus cantos contra nós, e contra Venus,
 Quaes ouvido terás, eu tenho ouvido.
 Suas falsas razões não te-seduzão ;
 Já para elles tem passado o Outono,
 O Estio, a Primavera de seus annos,
 Gemem da vida no horroroso Inverno.
 Para elles o Sol mudou-se em trevas,
 Converteo-se o calor em fria neve,
 Desfolhárão-se as flores, e em seu peito
 Já quasi morto o coração não bate.
 N'este estado infeliz os-abandonão
 As doces sensações da mocidade.
 Sôbre a borda do tumulto, que os-chama,
 Sentão-se inertes, e d'ali troando,
 Blasfemão das paixões da Natureza.
 Quasi fantasmas, que o terror inspirão,
 Em tom funereo, em sepulchraes accentos,
 Praguejão contra os bens de amor nascidos,
 Bens que buscárão n'outro tempo anciosos.
 Amor os não castiga, elle os-despresa,
 Qual faz a abelha aos desfolhados lirios.
 A desesperação e a dura inveja
 De almos prazeres, que lhes-nega o Mundo,

As suas reprehensões em fel converte ;
 Contra o sexo innocente, e que os-despresa ,
 Por vingança talvez , injúrias soltão.
 Quem ouve sua voz suppõe que todas
 Somos mudaveis , perfidas , perjuras ,
 Monstros p'rigosos , barbaras sereias ,
 Que á morte docemente os-atrabimos.
 Enganão-te , Narciso , elles te-invejão ;
 E abusando da placida innocencia ,
 Desejão-te affastar d'altas venturas ;
 Foge d'elles , ah ! guarda-te de ouvil-os !
 Se ha Ninfas , quaes suppões que todas sejão ,
 Todas não creias taes como tu finges.
 Constancia , rara fé , pudor , virtude ,
 Inda , quaes d'antes , entre nós se-encontrão :
 O vicio d'uma não infame a todas.

Que receias de amor ? Amor contigo
 Sempre será benigno , e sempre o mesmo.
 ¿ Receias que jámais a espôsa tua
 Possa um momento resfriar de amar-te ?
 Conhece-te melhor : ¿ quem ha que possa
 Não adorar Narciso um só momento ?
 ¿ Temes que o Nume alígero revôe ,
 Que depois de prender-te ousado fuja ?
 Sê mais justo com elle : Amor , que ultrajas ,

Nunca te-castigou , nem te-foi duro.
 He talvez por te-amar , que te-perdoa ,
 E encadeia a teus pés milhões de Ninfas.
 ; Innumeros laureis não tens na frente ?
 ; Trofeos sobre trofeos não se-te-ajuntão ?
 Elle da-te o vencer em seus combates ,
 Sem que tente uma vez ferir teu peito ;
 ; Se o-quizesse fazer não poderia !
 Generoso comtigo inda tem sido ,
 Mas treme de irritar sua clemencia.
 Não o-provoques mais , talvez se-cance
 De taes profanações em seus altares.
 Dá-lhe teu coração sem que te-obrigue ,
 E acolhe esta paixão , que he obra d'elle.
 Elle vai-se int'ressar na sorte minha ;
 Não duvides , Narciso ; escuta os votos ,
 Que eu fiz de Venus nas sagradas festas.

Veio o dia solene : ao santo bosque ,
 Antes que a aurora descobrisse a face ,
 As Ninfas todas concorrido havião.
 Em brancas vestes , as que a terra habitão ,
 A frente ornárão de engraçadas murtas :
 Mais triste do que as mais , eu ía entre ellas.
 Após estas as Naiades formosas
 Ião com cintos de azuladas côres :

Seus pés mimosos , seus mimosos braços ,
 E o seio divinal era patente.
 Seus humidos cabellos se-adornavão
 Com cheirosos botões da flor de Venus,
 Entre plantas aquaticas dispostos.
 As flores , que produz fecunda a terra ,
 Erão nosso colar ; mas em seu seio
 Rubros coraes , e perolas brilhavão.
 Depois d'estas os Satiros se-viãõ
 Misturados co'os Faunos , co'os Pastores ,
 Turba sempre incomposta e sempre alegre.

Nós chegámos em fim do bosque ao centro!
 O templo onde Dione acceita o culto ,
 He risonho , engraçado , e não tem pompa.
 Cedros unidos a muralha fórmão ;
 Um tóto de jasmims ao Sol prohibe
 Que possa ver a Deosa e seus misterios.
 He seu altar um marmore redondo ,
 De arbustos aromaticos cingido :
 He sobre elle que a Deosa acceita os cultos.
 Sua estatua de cedro encanta a vista ,
 Obra das mãos dos engenhosos Faunos :
 He nua toda , o melindroso gesto
 Vivo parece respirar de amores ;
 Voluptuoso prazer por mago encanto

Lança nos corações a vista d'ella.
 Tem a seu lado o alígero Menino,
 Que ella mesma parece estar c'roando
 Com lindas rosas, que tirou do seio.
 Nós entrámos no templo; o bosque todo
 Recende com suavíssimos perfumes,
 Que ardem junto da Deosa em larga pira.
 Nós cantámos o himno á Mãe das Graças,
 E ao sacrosanto altar voámos todas,
 Para lhe-apresentar nossas offrendas.
 Cubrio-se n'um momento a lisa pedra
 De ramalhetes de escolhidas flores,
 De rosas em festões, e sôltas rosas.
 Tenros casaes de candidas pombinhas,
 Ninhos implumes de amorosas aves,
 E aureos pomos, que em parte ao vivo mostrão
 O pudor virginal na côr purpúrea.
 Assustada, e tremendo, e vergonhosa
 A' Deosa me-cheguei com pé tardio:
 Pequenino cabaz de unidas vêrgas
 Com dois pombos fieis entre seus filhos,
 A seus pés fui depôr co'os olhos baixos.
 ; Precisarás tambem que te-repita
 Qual foi minha oração? Tu bem o-sabes;
 Só tu dos votos meus o objéto foste;
 Qual nunca te-adorei, eu te-adorava.

Se o que he já sem limite inda se-aumenta,
 N'estes instantes meu amor crescia.
 Tu nunca mais gentil me-pareceste :
 Toda cheia de ti , minha alma anciosa
 Ardia por voar ao lindo seio
 Da terna Deosa , a referir seus males,
 Males , cujo remedio he só Narciso.
 Não precisei da voz para rogar-lhe :
 Qualquer ligeiro olhar entende Venus,
 Sua vista sagaz penetra as almas ,
 Vai ler nos corações os seus segredos.
 Basta um suspiro , um movimento , um gesto,
 Uma lágrima só , um susto , um nada
 Para a Deosa entender nossos martirios.
 Não lhe-pedi vingança ; as minhas vistas
 Ternura e languidez só figuravão.
 Cem vezes com inveja , e com ciume
 Olhei no Templo as companheiras minhas :
 Não duvidava que da causa mesma ,
 D'onde vínhão meus ais , os seus viessem ;
 Via tantas rivaes , quantas as Ninfas.
 Em quanto os Deoses Rusticos dos bosques
 A' Mãe de Amor com alta voz rogavão ,
 Vi-te ao longe passar pela floresta.
 ; Que escapa aos olhos de uma terna amante !
 Olhaste o nosso templo , e te-sorraste ,

E foste avante despresando o culto.
Do profanado altar voei ao lado,
Escondendo entre as mãos o rosto afflito;
Férvido pranto derramei sôbre elle.
Pedi ao Nume alígero vingança,
Pedi que fosse o coração rasgar-te.
Ah! se os desejos meus não me-illudirão,
Eu vi seus olhos accender-se em raiva,
Sua dextra apertar seu arco eburneo;
Se o-visses como eu vi! . . Treme, inhumano,
Sê mais digno de Amor, as leis lhe-adora.

C A R T A VIII.

NARCISO A ECHO.

TEimas em perseguir-me ? ; Inda não cédes ?
Está bem : deixarei estes lugares ,
Irei as feras procurar mais longe .
A causa de teu mal vai ser distante ;
Talvês que d'este modo o amor se-acabe ,
Se nas minhas tenções achas fereza ,
Põe a tua vingança , e o meu castigo
Nas mãos do Deos , que recebeu teus votos ,
Se na estátua do alígero Menino
Viste os certos sinaes de raiva intensa
Contra o profanador de seus altares ,
Elle me-seguirá para ferir-me ,
Seu fogo e tiros não serão sem fruto ;
Serei mais infeliz do que les tu mesma ,
E terás um trofeo nos meus estragos .

¿ Mäs pensas que o-receio , ou que me-póde

Seu arco intimidar, e as frechas suas?
Se he terrivel Amor, he só co'os fracos,
Pequenas fôrças repelil-o podem,
Mais escravos não tem que os que se-entregão.
Eu provóco seu braço, eu desafio
As suas legiões, e as Ninfas todas,
E sempre me-rirei dos seus exforços.
Se he, como dizes, poderoso Nume,
Os soberbos castigue, os seus defenda,
Dê-te o socêgo, a paz, que lhe-votaste,
E roube a minha paz e o meu socêgo.
 ; Mas que digo? Eu me-pejo, eu me-envergonho
De chamar a duello um Deos tão fraco!
O despreço sómente, eis minhas armas!

Se inda queres nutrir inuteis chammas,
Que Narciso cruel busca apagar-te
 Só para mitigar as dôres tuas;
 Se inda não queres destruir teus ferros,
Pesados ferros, que tentei quebrar-te,
Cumpre os desejos teus, sê desditosa,
Sustenta-te de lagrimas, de queixas,
E farta o coração de horror, de angústias.

De todo perde as frivolas ideias,
Que de esperanças vãs inda formavas.

Mais duro cada vez será Narciso ;
Escusas de segui-o, e de escrever-lhe,
Vencer não poderás sua constancia.

Fica , sê mais feliz , e mais contente,
E de um tirano esquece-te, se podes.



C A R T A IX.

ECHO A NARCISO.

LI tua carta... ¿e que faria ao lê-la?
 Palido o rosto, enregelado o sangue,
 Caí tremendo em subito desmaio.
 Olhou-me n'este estado alguma Ninfa;
 Chamou as mais, levárão-me piedosas,
 Insensível ainda, á minha gruta.
 Lançárão sôbre mim da fonte as agoas,
 Mil soccorros benéficos me-derão,
 Pude, pude outra vez tornar ao dia!
 Ah! se eu fosse mortal então findára,
 Acabárão-se então meus infortunios!
 Porém tórno a viver, e se he possivel,
 Inda mais infeliz do que era d'antes.

Ao mallogrado amor a infamia acresce!
 Todos fallão de mim: já não se-ignora
 Que essas letras nas arvores gravadas
 De minha dextra, e coração partião.

7..

¿Que farei?... ¿demorar-me, onde se-afonta
 A desgraçada amante, e se-escarnece?
 ¿Que farei? disse eu mesma, ¿eternamente
 Ser infeliz, e supportar ludíbrio?
 Narciso não fará que eu não o-siga;
 Já que dos braços meus tirano foge,
 A vista ao menos o-terá presente.

Assim pensava; e as lagrimas em tanto
 Regavão como orvalho a fria relva.
 De tudo quanto existe, e de si mesma
 Minha incerta razão se-extraviava.
 Cria-me solitária entre as mais Ninfas:
 Até de meu amor, até das chamas,
 Que dia e noite o coração me-abrazão,
 Parecia esquecer-me; a ausencia tua...
 Só ella em meu espirito reinava.
 Fugirás, fugirás, me-disse eu mesma,
 Já que o tirano, o barbaro te-foge.

Sócias outr'ora da innocencia minha,
 Da minha insania agora testemunhas,
 Ninfas, vós que no amor achais encanto,
 Porque amor para vós não he sem fruto;
 Campos selvagens, lugubres florestas,
 Onde errante, e gemendo, e sem destino,

Tenho dado meu pranto a meus desastres ;
 Valles sombrios , áridas montanhas ,
 Vós cujo seio em tenebrosos giros
 De impávidos mortaes a audacia quebra ,
 Vós que á sombra de abobadaç eternas ,
 E ao som terrivel das secretas fontes ,
 Uma infeliz mil vezes escondestes
 Desfeita em ais, em lágrimas banhada ;
 Cephiso , ó doce e plácida corrente ,
 Que as almas sem paixões assemelhando ,
 Nunca rompes insolito caminho ,
 Mas tranquillo , pacífico , risonho
 Por campos sempre verdes te-esperguiças ,
 Flores, conchas unindo , àrèa, e relva ;
 Tu , cujas praias longamente ornadas
 De bosques , onde o Inverno apenas toca ,
 Tem pasmado talvès ao ver-me a face
 Tão outra do que foi , quando era alegre ;
 Aves filhas do bosque , e seus encantos ;
 Doces manhãs da flórea Primavera ,
 Vós cuja Aurora afugentando as sombras
 Prazer aos ternos corações inspira ;
 Doces manhãs da flórea Primavera ,
 Vós , que em nosso horizonte , e em nossos campos
 Tendes graça maior que em todo o mundo ,
 Vós , que eu já celebrei na lira d'oiro ,

Sôbre a collina , ao desfazer das sombras ,
 Quando , ah ! quando feliz vivi sem ferros ;
 Risos , danças , canções d'estes lugares
 Renunciar-vos , esquecer-vos cumpre !!!

O Despota cruel de meus extremos
 Té para o gôsto me-roubar de olhál-o ,
 Deixa estes sítios , estes sítios , onde
 Vio infante da Aurora a luz primeira.
 Aos campos , que adorou , seus olhos nega ;
 Fugio . . . e para que ! para levar-me
 O ultimo bem , que sôbre a terra eu tinha ,
 Cevar os olhos meus em meu tirano .
 ; E ha de tanto podêr a cueldade ?
 E ficarei . . . sem elle ! .. adeos , ó selvas ,
 Valles , montanhas , prateado rio ,
 Autor do objéto , que meus dias turva ,
 Amaveis Nínfas , innocentes aves ,
 Flores , noites , manhãs rivaes do Olympo ;
 Vou seguir o cruel por toda a parte .
 Para longe d'aqui fugir não pôde :
 Vós , vós o-retereis , inda que á força ,
 O dos campos nataes , almas delicias .
 ; Mas se o monstro for tal , que vos-esqueça ! . .
 Onde quer que elle for hei de segui-l-o :
 Nos ermos areaes abraçados ,

Onde a Líbya produz só bravas feras ;
 Nos pólos, onde o gêlo se-amontôa
 De mil Invernos sôbre o gêlo antigo ;
 Lá onde escaçamente aclara Fébo
 De noite, quasi eterna, horrendas sombras ;
 Lá onde o mimo da estação das flores,
 A rosa, o lirio, os zéphyros, a grama,
 Os mortos campos animar não sabem ;
 Lá mesmo, sim, lá mesmo hei de seguir-te.
 Disse : e ás Ninfas de súbito arrancada
 Por um terno furor, voei aos bosques.
 No mais sombrio, e mais antigo d'elles :
 Para aqui, para ali vagava incerta,
 Qual Bacchante, que agita Ogygio Nume.
 Feria o seio, as inflammadas vistas,
 Para os Ceos arguir, nos Ceos fitava.
 A minha indignação cobria os Deoses,
 Porque a pena dos máos aos Deoses tóca.
 Não se-embravece mais, nem mais deseja
 Dura vingança a tortuosa serpe,
 Se acaso fol de incauto pé trilhada.
 Saí d'este lugar : em taes momentos
 Todos buscava, e aborrecia todos.
 D'esta escarpada, horrenda penedia
 Trazida pelo Amor, cheguei ao cume.
 Medonhos, despenhados precipicios,

Asperas silvas, e covis de feras,
 E tudo que temer podia outr'ora,
 Despresei furiosa, e vim sem custo...
 ; Sem custo? Ah! minhas mãos e as faces minhas
 Ensanguentei nos rígidos abrolhos:
 No rude mato minha loira trança
 Prendeo-se no passar, despedaçou-se.
 Ide, dizia eu mesma, ide, eu vos perco,
 Restos gentís de uma belleza inutil;
 Conserve as graças quem o amor encontra:
 Ser bella e delirar, e arder sem fruto
 Torna os despresos mais crueis ainda.
 N'este altivo cabeça em fim parando,
 Encostei-me n'esta arvore, onde escrevo.

Descia o tardo Sol na obliqua estrada
 Já por, detraz dos montes do Occidente:
 Por entre os arvoredos, que os-revestem,
 Brilhava um Ceo que arrebatava os olhos.
 Perdendo em fogo, redobrando em graças
 O Autor da Luz, o Pai da Natureza
 Meigo, risonho adeos aos campos dava.
 A folhagem dos plátanos e cedros,
 As ondeantes cimas dos loureiros,
 Os caryalhos, e os chouppos se-toucavão
 Co'o brilhante crepusculo da tarde.

Puro, sereno, azul todo o horizonte;
 O oiro e a viva purpura tingindo
 O lado Occidental; as frescas auras
 Brandas saíndo das musgosas fontes,
 Nas rosas perfumando-se e nas murtas;
 O socêgo pacífico dos valles,
 Só perturbado co'o rumor das folhas,
 E das correntes, que dos montes descem;
 A Noite pouco a pouco a passo lento
 Impercetivel envolvendo os ares,
 E a face descobrindo a branca Lua,
 E as aves melancolicas da noite
 Sôbre o cume dos lugubres ciprestes
 Soltando a espaços lutuosos guinchos;
 Narciso! ; que espétaculo, que scena! . . .
 Que scena tão capaz de arrebatarm-me,
 De trazer-me ao prazer, e aos bens da vida,
 Se os bens da vida, se o prazer podessem
 Entrar n'um coração, que despresaste!
 Co'a mão na frente, meditando e muda
 Encostada fiquei neste árduo tronco
 Entre delicias, sem saber gozál-as.
 Avidos olhos de redor lançando,
 Pedia mudamente ao valle, ás selvas,
 E a toda a Natureza o meu Narciso!
 Meu! . . ah! se foras meu não me-queixára,

Não gemeria entre asperos rochedos,
Estaria guardando o meu thesoiro.

Percebi finalmente um som confuso
De cães alegres ao volver da caça.
O clamor se-approxima! = he elle, he elle =
Me-diz o coração, batendo á pressa.
Oh! prodigio de amor! o pranto acaba,
E quasi voluntario aponta o riso.
Sem saber o que faço, eu vou lançar-me
Através de horrorosos precipicios,
Descer aos valles, procurar-te e vêr-te;
Mas pondéro qual sou, qual hes, e fico.
"Narciso ha de passar, basta que ao longe
"Vejão meus olhos quem fugir-lhes busca."

Disse: e lançando minha vista aos bosques,
Por onde já teus cães ladravão perto,
Vejo os molóssos teus, e não te-vejo.
Um terno coração receia tudo!
Seus fieis animaes voltão sem elle,
O meu perseguidor talvez he morto! . .
Louco mancebo! ¿ por que tanto a caça
Era os cuidados teus, e os teus desvellos!
¿ Não sabías que o monte encerra os lobos?
¿ Não sabías que as proximas florestas

Habita

Habita o javali ? ; Como ignoravas
 Que o rapido leão persegue ás vezes ?
 Louco mancebo ! ; porque tanto a caça
 Era os cuidados teus, e os teus desvellos ?
 Talvez extinto por cruel serpente
 N'algun valle ignorado, escuro, e frio
 Nos horrores da morte arquejas, morres :
 Golfando em rios mesmo agora o sangue,
 Dás ao lirio talvês a côr das rosas.
 Mas ah ! se o coração não fosse ingrato,
 As tuas perfeições bem merecião
 Sorte melhor que a do innocente Adonis.
 Louco mancebo ! ; por que tanto a caça
 Era os cuidados teus, e os teus desvellos ?

Eu dizia ; e frenética voava
 Já para te-buscar no mundo inteiro ;
 Quando o som da trombeta os ares rompe,
 Fere os ouvidos meus, conheço, e fólgo ;
 E um momento depois eu te-descubro
 Saír da escura abobada das selvas,
 E novo Endimião brilhar co'as armas.
 Do teu alvergue no arvoredado entraste ;
 Perdi-te : eis o prazer morre em tristeza !
 ; Eis-me não já raivosa, antes submersa
 Em lugubre, fatal melancolia !

Toda a noite velei, cortindo em mágoa
 As longas horas, que julguei mais longas.
 Os ventos das montanhas acordando,
 A pouco e pouco erguêrão-se, e rugirão ;
 Travárão guerra co'os annosos troncos,
 E horriavelmente sibilando em furia,
 Nuvens e nuvens condensando em serras,
 Lua, estrellas, á vista me-roubárão.
 Róla ao longe o trovão, que se-aproxima ;
 Relampago fugaz illude as sombras ;
 E com muito fragor dos ermos campos
 Ora aqui, ora ali os raios cruzão.
 ; Temeria ? ; e de que ? ; Não há receios
 Para quem soffre o mal de teus repudios !
 Guerra e sombra infernal cobria a terra ;
 Não via ao longe o teu alvergue, ou antes
 Não via ao longe do meu Nume o Templo ;
 D'este Nume cruel, que os raios vibra
 A quem o-adora, a quem lhe-offerta incenso.
 Não o-via, e meus olhos se-fitavão
 Nas trevas sem cessar do sítio caro.
 As minhas reflexões, minhas ideias,
 Reconcentrando em si minha alma afflíta,
 Nem aos ouvidos meus, nem a meus olhos
 Davão sentir dos Ceos a luz e o estrondo.
 ; E como póde um coração, que lúta

De indómitas paixões entre as procellas,
 ; As procellas sentir da Natureza ?

Ah! se eu fôra mortal, com gôsto vira
 Voar das nuvens os medonhos fogos,
 Crestar os ares, abater os troncos!
 Poderia esperar que o Summo Jove
 Algum raio piedoso em fim mandasse
 A vítima de amor tornar em cinzas.

Correo a Noite em fim : desponta a Aurora,
 E o ar purificado aceita as luzes.
 No mesmo instante, em que o brilhante Febo
 Nos Ceos Orientaes se-descobria,
 Restaurando o prazer aos flóreos campos,
 Da cabana saíste, ó bello ingrato;
 Teu caminho notei, segui teus passos,
 Bem que tomaste insolito caminho.
 Mudúste o sítio de caçar no monte,
 Mas não fugiste! Recebei mil graças,
 O' dos campos nataes, almas delicias!

Mas que faço!.. Onde escrevo? Ah! neste tronco!
 Sôbre este cume inhóspito? Que insania!
 Narciso por aqui passar não póde,
 Minhas palavras não lerá Narciso.

Fica ao menos, funesto Monumento
Da mais viva paixão, da mais inutil!

Arvore antiga, os ventos não te-quebrem!
E se algum Fauno, ou Satiro trazidos
Da desesperação, inda algum dia
Lerem os versos, que em teu tronco eu gravei,
Meus males lendo, os males seus esqueçam,
Sintão piedade, e lágrimas derramem.

FIM DA PARTE I.

CARTAS
DE
ECHO E NARCISO.
P A R T E II.

8..

C A R T A S
D E
E C H O E N A R C I S O .

C A R T A X .

ECHO A NARCISO.

POr piedade, Narciso, inda esta carta,
Inda esta, e nada mais: lê-a; e se podes
Por piedade tambem sólta um suspiro.

N'uma clara manhã de Primavera,
Entre as flores nasceo de um prado ameno
Léda, sutil, pintada borboleta.
Deu seu lindo matiz inveja ás flores,
Suas azaç aos zéphyros inveja.
Em seu formoso adejo, em suas danças
Sobresaía ás companheiras suas.

Cada raminho, airoso em tórno d'ella,
 Mansamente ondeava, e parecia
 Convidar mudamente a desdenhosa
 A repousar entre as lustrosas folhas.
 Mas ella os-despresou; vaidosa e livre,
 De flor em flor, sem preferir alguma,
 Todo o dia vagou: mas veio a noite;
 Foi-se lançar no seio de uma rosa,
 Para gozar no meio dos perfumes,
 Sòbre leito macio um sono facil.
 A lua não surgio; nubloso manto
 Os astros envolveo, e o ar, e o campo
 Da côr da Styge em tórno se-obumbrárão.
 A triste por seu mal erguendo os olhos
 Vio ao longe um clarão; súbito n'alma
 Lhe-entrou grato desejo, e esp'rança terna.
 Alvorçou-se, e abandonou voando
 O purpureo aposento e o leito d'oiro.
 No remoto esplendor fitando os olhos,
 Quasi audaz, pelo escuro as azas bate,
 Chega ao sítio fatal: era estridente,
 Vasta fogueira, que no campo ardia,
 Que leda turba pastoril cercava.
 Seduzida, encantada a sem-ventura,
 Traidora não suppoz tão bella chama,
 E quiz-se-lhe entregar. Debalde intentão

As pastoras por dó lançal-a fóra.
 Saltou dentro ! . . . eil-a ardendo, eil-as em cinzas
 As azas, 'que os Favonios invejárao!
 Foi-se o gráto matiz melhor que as flores,
 Da Primavera destruiu-se o encanto :
 Tenras florinhas, suspirai por ella.

Narciso, se por magica virtude,
 Tu podesses roubar o ardor ás chamas,
 Fazendo que a infeliz, em vez de morta,
 Leda brincasse no adorãdo incendio,
 Recusáral-o tu? — Narciso, eu ardo,
 Narciso, eu morro: por piedade ao menos,
 A não ser por amor, cede a meus rogos.
 Vem a meus braços, finge amar-me, e s'isto
 Se isto inda he muito, inda te-peço menos:
 Vem uma, uma só vez á minha gruta;
 Permite-me apertar-te ao terno seio,
 Beijar-te com transporte, e depois d'isto
 Podes saír do pranto meu banhado.

N A R C I S O

AOS HABITANTES DAS MARGENS DO CEPHISO.

NInfas, pastores, Satiros dos bosques;
Qualquer que d'entre vós conserva prêso
Melampo, o cão melhor de quantos seguem
Narciso caçador por estes campos,
Por piedade lh'-o-entregue; assim propícios
Lhe-sejão sempre os Ceos, assim propício
Lhe-seja sempre amor, se amor supporta.
Se alguém m'-o-conduzir, terá por prêmio
A eburnea aljava, que me-pende ao lado,
A taça de cristal, por onde o nectar
Beber em seus festins meu Pai costuma:
Dou-lhe a minha cabana; e depois d'isto
Além de um coração mais nada tenho,
Mas dou-lhe um coração constante e grato.

C A R T A XI.

ECHO A NARCISO.

Folga, Narciso! O teu Melampo existe
Seguro em minha gruta, e quero dar-t'-o!
A taça não t'-a-acceito; a aljava eburnea
Fôra-me inutil, não persigo as fêras;
Recuso-te a cabana; esta, onde vivo,
Formosa gruta a meus desejos basta.
Mas quero, quero só... talvez... Narciso!
Ah! quero um coração, que prometteste
Grato e constante conceder por premio;
Quero o teu coração constante e grato.

Oh! que palavras adoráveis, meigas,
Doces, doces qual mel de novo enxame!
Eu as-beijo, eu as-leio, e depois torno
A lêl-as, a beijal-as: estes beijos
Vão-me filtrando um balsamo, que adoça
Os martirios, o ardor que dentro sinto!
Celestes expressões, cheias de encanto,

Maga virtude sôbre mim tivestes!
 Sempre ao romper da Aurora uma grinalda
 N'este tronço porei para cingir-vos.
 Narciso, já não barbaro qual d'antes,
 Grato e constante o coração me-entrega!
 Que resta a desejar com um tal thesoiro!
 Agora a doce paz me-está sorrindo,
 E júbilo e esperança em tórno vejo.

Hontem de tarde, encantador Narciso,
 Eu chorava sósinha ao pé da entrada
 Da minha gruta: a trémula ramagem
 Susurrava nas arvores visinhas;
 Em triste som monótono corria
 A minha fonte ao pé; quasi expirava
 O Sol Occidental córando as nuvens;
 Macio estava o ar; soava ao longe
 O canto de um pastor, que ía levando
 Já todo o gado pelo valle abaixo:
 Pensava em ti, Narciso, e estava triste,
 Opprimida de dor: eis de repente
 Sinto romper-se os proximos arbustos,
 E vejo ao lado meu toda convulsa,
 Morrendo de canção a minha corça,
 Que os passos meus por toda a parte segue.
 Um momento depois raivoso, ardente
Seguindo

Seguindo os passos d'ella entrou Melampo.
 O timido animal se acaso o-visses! . . .
 Sentíras compaixão: d'entre os meus braços
 Lidava por fugir, temendo a morte.
 Eu a-leyei de minha gruta ao fundo,
 O teu cão nos-seguio; mas pude a custo
 A vítima salvar do termo acerbo.
 Com astucia depois, com terno mimo
 O teu cão segurei, conservo-o prêso,
 E estimo-o por ser teu, bem qu'inhumano.
 Cem vezes quiz soltál-o, ir ter contigo,
 Entregar-t'-o, e depois não sei que fôrça
 Irresolutos me-retinha os passos.
 Seu odio . . . o meu amor . . . estas lembranças
 De meus desejos triunfar soberão,
 Mas em fim tu pediste, e o que tu pedes
 Se-escuta como lei dentro em minh'alma:
 E em premio um coração, que ha tanto busco,
 Um coração fiel, constante, e grato . . .
 Fiel o coração do meu Narciso!
 Quero, quero entregar-te o teu Melampo,
 E depois d'elle a placida collina
 Da minha habitação, cheia de agrados,
 Minha gruta e vergel, e a dona de ambos:
 São já teus, d'estes bens vem tomar posse.

Narciso, a minha gruta ha de encantar-te!
 De conchinhas azues, doiradas, roxas
 He revestido o portico da entrada.
 He vasta: entra-lhe a luz por bellas fendas
 Cheias de musgo, no rochedo abertas;
 Verdura eterna o tétto lhe-tapiza;
 De cheiroso alecrim, cheirosa murta
 Sempre verás juncado o pavimento.
 Ante a porta n'um tóldo se-entrelação
 Co'o suave lilaz jasmins fragrantés,
 A cuja sombra as auras mais suaves
 Brincão dançando no calmoso Estio.
 Tenho uma fonte ao pé, d'água a mais doce,
 Que vem de rocha em rocha espedaçando
 Nas duras pedras o espumoso vidro,
 E cujos sous iguaes o sôno ajudão.
 O jardim não he grande; em tórno o-cerca
 De lorangeiras denso bosquezinho,
 Cuja abobada verde he matizada
 Dos aureos frutos, que em cardume a-pejão,
 Onde, quando alva flor reveste os ramos,
 Vem perfumar-se os Zephyros visinhos.
 No centro o buxo e a murta se-alevantão,
 Ruas formando-que parreiras cobrem.
 Ao fim de cada rua achão-se estatuas,
 Feitas de cedro pela mão dos Faunos,

Umás são Ninfas enfeitando as tranças;
 Outras dançando; algumas julgarias
 Que vão do arco despedir a seta;
 Outras com um terno olhar beijão grinaldas;
 Outras fugindo a Amor, vão-se mudando,
 Por castigo do Nume, em duros troncos.
 As mais felizes sôbre o seio apertão
 Entre os braços seus fêrvidos amantes. —
 ; Gostas das flores de matiz diverso,
 De diverso perfume? Immensas flores
 Aqui has de encontrar por toda a parte.
 Tens para o sôno teu macias pelles,
 E cópia immensa de purpurcas rosas;
 Frutos de todo o genero não faltão:
 Tudo he teu; d'estes bens vem tomar posse.
 Eu a escrava serei do amavel donó
 Destes lugares, em delicias ferteis,
 Oade vivi desde a primeira infancia.

Responde pois; se o teú Melampo queres
 Com tudo isto acceitar, sôbre algum choupo
 Te-escreverei da minha gruta o sítio.

C A R T A XII.

NARCISO A ECHO.

LI teus versos, ó Ninfa, e minhas faces
 De compassivo pranto estão cobertas.
 Choro os teus fados, tua paz desejo,
 Mas não t'-a-posso dar. Se hes qual pareces,
 Dá-me outra vez o meu fiel Melampo,
 Meu companheiro, meu constante amigo,
 E não me-exijas impossivel paga.
 Dou-te o meu coração; mas não te-illudas,
 Não te-dou n'elle amor, dou-te amizade.
 Não te-posso dar mais, nem tu desde hoje
 Podes mais exigir se isto me-leres.

Hontem já quando o Sol ía descendo
 Para os Ceos do Occidente, eu fatigado
 De procurar em vão nos ínvios bosques
 Meu perdido thezouro, os frouxos passos
 Para a minha cabana ía guiando.
 Vejo de longe á minha porta um velho

Sentado ao brando Sol, co'a a calva fronte
 Sobre as mãos ao bastão toda encostada.
 Pensando que dormia aproximei-me;
 Mas elle me-sentio, e alçando o rosto
 Acenou-me co'a dextra, e ergueo-se á pressa.
 Vi que era cego, apresso-me, e lhe off'reço
 Para o-guiar, meu braço compassivo.
 = " Narciso, elle me diz, não me-conheces? " =
 = " Não, eu nunca vos-vi; quem sois? " lhe-tórno =
 Sorriô-se e me-abraçou. = " Vem, meu Amigo,
 " Conduz os passos meus, vamos sentar-nos
 " Ambos sósinhos do Cephiso á borda " =
 Obedeci-lhe; conduzi seus passos
 A um prado junto ao rio, onde se-apinha
 Uma denso bosque de copados cedros.
 = " Eu quero o Sol, diz elle, o Sol conserva
 " Na velhice o calor preciso á vida. " =
 Sentámo-nos na relva ao pé do bosque,
 E o velho começou = " | Não tens ouvido
 " De Tiresias o nome? " = " E que? Tiresias!
 " | Serieis vós dos Deoses o profeta? " =
 = " Sim, meu filho, sou eu; dize-me agora,
 " | Não vês tu este Sol? " = " Vejo-o, lhe digo,
 " Fil-o ali no Occidente " = " E apraz-te o vê-lo? " =
 = " Apraz-me, eu nasce, ou morra, ou sobranceiro
 " Corra ao nosso paiz: em todo o dia

» Variadas scenas de prazer off'rece. » =
 = » Amas a caça ? » = » As asperas fadigas ;
 » Que ella apresenta , nunca me-cançaráo » =
 = » ¿ De contemplar a natureza folgas ?
 » ¿ Gostas da liberdade ? a vida prezas ? » =
 Sorrindo-me lhe torço : » Sim adoro
 » A natureza , a liberdade e a vida :
 » Porque m' -o perguntaes ? » = » Bem , me diz elle ,
 » Se tudo isto te he caro , evita , foga ,
 » Foga sempre de amor ; nunca affrontal-o ,
 » Nem aceitar-lhe os desafios deves ;
 » Volta-lhe as costas , vencerás fugindo .
 » Se o não fazes assim , quantos horrores
 » Lendo estou já n'um proximo futuro .
 » Se amor chega a vencer-te , ha de punir-te ,
 » Ha de te-assassinar ! Serás o exemplo
 » Mais infeliz na historia dos amantes !
 » Aos annos meus dá credito , mancebo ;
 » Dá credito aos fatídicos annuncios .
 » Por ti , por tua mãe , pelas paternas
 » Ondas t' -o peço , jura-me que sempre
 » Fugirás do traidor . Olha este pranto
 » Que meus olhos sem luz estão vertendo ,
 » Vê que as faces me-inunda , e a argentea barba .
 » Eu choro só por ti . . . Vamos , mancebo ,
 » Protesta-me fugir sempre ao Tirano . » =

Por suas ternas lagrimas tocado,
Abracei-o a chorar; e n'um transporte
Raivoso fiz o augusto juramento
Contra o monstro feroz, que a paz te-rouba.

Bem : ¿ que exiges agora ? ¿ Um sacro voto
Queres que pize aos pés ? ¿ que os Ceos irrite ?
 ¿ Que attráia sôbre mim funestos males ?
 ¿ Que a morte chame ? que lhe-entregue a foice ?
Ninfa , da-me o meu cão ; deixa-m'-o prêso
A qualquer d'estas arvores ; tu podes
Dar-me o meu cão , mas eu . . . não posso amar-te.

C A R T A XIII.

ECHO A NARCISO.

TEu Melampo n'esta arvore, onde escrevo;
Prêso te-fica, libertál-o podes. —
Malvado, triunfaste! Aos meus ardores
Nada pôde igualar senão teu odio!
Bárbaro, folga; a mísera, que te-ama,
Que te ha de sempre amar, não mais te-escreve;
Não quer ser-te importuna, ímpio descança.

C A R T A XIV.

ECHO A NARCISO.

EM vão, em vão de asperíssima violencia
 Quiz usar contra mim: braço invisível
 Me-trax junto d'esta arvore, e espontanea
 A dextra minha a te-escrever começa;
 E eu devo á minha dor um desafogo.
 Já não posso conter-me: o seio, as faces,
 O braço, que te-escreve, o tronco, a terra
 Regando estou de lágrimas, que a vista
 Em torrente sem fim me-estão turvando.
 ; E que? ; para meu mal não devesis
 Bastar teu covação, bastar meu fado?
 Tambem o vil, o barbaro Tiresias
 He meu perseguidor, he mea tirano?

; Ai de mim! que direi? ; com que magia
 Farei que o facho da verdade vejas;
 Que escutes a razão; que as leis supremas
 Da inevitavel natureza sintas;

Que sejas outro, e á gratidão não fujas?
 Narciso, pelos Ceos eu te-conjuro,
 Narciso, foge aos barbaros conselhos
 De um pérfido impostor, de um velho insano,
 De um malvado, sacrilego, blasfemo.
 Tiresias he traidor: contigo abusa
 Do fatídico dom; tenta illudir-te;
 Quer-te arrancar da Natureza aos braços;
 Arrastar-te, sumir-te em precipícios.
 Ai mísero mancebo! evita, evita
 Um monstro infame á natureza opposto;
 Blasfemo contra os Ceos; em cujo peito
 Fervendo espuma o fel da negra inveja.
 Seus annos, suas cãs não te-deslumbrem,
 Nem brandas expressões, nem falso pranto.
 Festeja-te co'a dextra, e guarda occulto
 Na sjaistra o punhal: he por vingança,
 ; Que te-busca roubar ao Deos, que o-foge.
 ; Foi elle sempre esquivo? ; essa linguagem
 Fallou-a sempre? não: de amor os mimos
 Já homem, já mulher gozou contente;
 De prazeres tão vís foi sabio mestre:
 ; Quem no sacro festim do eterno Jove
 Foi chamado Juiz? Ah! que te-diga
 Qual foi a causa da cegueira sua!

Foge d'elle, Narciso ; a que te-adora
 Nem te-busea illudir, nem quer perder-te.
 Tua esquivança aos annos teus se-deye ;
 Não a crêas eterna : ou cedo ou tarde
 Ao jugo universal has de curvar-te.

Sentirão nossos pais de amor as chamas ,
 Amor nos-deu a vida ; alma ternura
 Nos-deu o leite, e os osculos na infancia.
 Entre exemplos de amor fomos crescendo,
 He de amor o Universe onde habitamos,
 Quasi todos os bens de amor só nascem,
 E os que não são de amor no amor se-apurão.
 Aves e feras, arvores e humanos,
 Ninfas e Deoses tudo a amor se-humilha.
 Há sobre a terra formosura e graças,
 Nós temos corações, nós temos olhos,
 ; E queres não amar? Não sou Tirésias,
 Não leio no estrelado firmamento,
 Nem das aves dos Ceos estudo os vôos.
 Mas sei, Narciso, mas protesto e juro
 Qu'inda um dia ante as aras, que profanas,
 Has de humilde queimar votivo incenso.

Se em muda solidão de Ilha deserta,
 Passado a vida desde a infancia houvesse,

Sentirias lá mesmo a Natureza.
 Desconhecendo amor e a formosura,
 Vagos votos ancioso aos Ceos mandáras:
 Suspirarias pelos ermos bosques,
 Na paz da noite lagrimas vertêras,
 Andáras descontente, inquieto, e afflito,
 Sem amares ninguém, com tudo amáras.
 Se pois ou cedo ou tarde o peito debes
 Ao Nume franquear, ¿ porque resistes?
 ¿ Porque differes teus risonhos fados?
 O que á força farás, faze-o sem casto.

Qual tu hes fui eu já; tambem suppunha
 Que tinha um coração de ferro ou bronze
 Inaccessível da ternura ás setas.
 Sabía que era bella; a minha fonte
 M'o-tinha dito, e as minhas companheiras,
 As outras Ninfas, me-invejavão todas.
 Mil vezes acordando em minha gruta
 De uma flauta sonora ao som queixoso
 Ouvia em meu jardim cantar meu nome.
 A's vezes era Pan, outras Silvano,
 Que abrasados por mim, soar fazião
 As selvas do arredor c'os meus louvores.
 Ora as longas madeixas d'aureo brilho,
 Ora meu talhe airoso celebravão:

Descreviã●

Descrevião meus olhos inquietos,
 Pretos, brilhantes; meu sorriso amavel;
 Meu seio e os braços meus da côr do lirio,
 Da côr da rosa minhas bellas faces.
 Gabavão-me a destreza, o modo, a graça,
 O não-sei-que, que os corações feria.
 Mas eu, olha, Narciso, a mocidade,
 Olha a loucura! eu ria-me de ouvil-os
 E tornava a dormir. Nascia a Aurora,
 Colhia flores, coroava as tranças,
 Tratava o meu jardim, corria aos bosques,
 Juntava-me co'as mais, dançava alegre,
 Cantava sempre, sem cuidados ria,
 Deixava a cada passo um novo amante,
 E do nome de amor zombava sempre:
 Os seus ais, o seu pranto, os seus suspiros
 Julgava affectação; nunca suppunha
 Que sentir-se podesse o que hoje sinto.
 Tres lustros tinha então; passou-se o tempo,
 Voltêrão-se annos tres, cumprio-se o fado,
 Veio o dia, eu te-olhei, subito n'alma
 Choveo de amor o fogo; eis-me punida,
 Eis-me escrava infeliz de um deshumano,
 Que bebe com prazer meu pranto amargo.

Aprende á custa alheia a ser piedoso ;
Olha no meu exemplo o teu futuro.
Cede ao Deos, que offendi, ao Deos, que offendes;
Verás como he benigno, e como facil
Perdoa o teu orgulho, e a tua insania.

Amemo-nos, Narciso : ah ! não rejeites,
Não rejeites um bem que não conheces.
Se de uma Ninfa meiga um doce abraço,
Se em teus labios acaso os labios d'ella
Sentisses imprimir n'um doce beijo . . .
; Narciso, pensa bem ! . . Resolve e escreve,
E eu te-direi da minha gruta o sitio.

C A R T A X V .

NARCISO A ECHO.

Bella Ninfa, das Ninfas invejada,
 Amor dos Numes, que no bosque habitão,
 Glória da Natureza, amavel, teãna,
 Que me-adoras em fim; não posso amar-te.
 Cem vezes, vezes ãmil t'-o digo ainda,
 Não posso amar-te: evita-me, sou monstro,
 Sou ingrato, cruel; mas crê-me, eu sinto
 Teus infortunios, que abrandar não posso.
 Não posso, eu t'-o repito, ; a prova queres
 De que insensivel coração me-anima!
 Lê pois, e n'este exemplo a prova encontras.

Hontem que Maio recebeo sorrindo
 Das mãos da Natureza o floreo scetro;
 Mal que a Aurora inda incerta ía raiando;
 Mancebos, socios meus na caça e brincos,
 Vierão-me acordar, e com tumulto
 Em tórno a mim se-ajoelbárão rindo,

A fazer-me oblações, e a coroar-me,
 Porque ía entrar meu natalício dia.
 » Sê hoje o nosso Rei, disserão todos,
 » Tua vontade nos-regule a nossa;
 » Que havemos de fazer? ordena a festa. =
 » Deixemos hoje em paz no monte as feras,
 » Eu lhes-respondo, e pescaremos juntos.»

O dito agrada, súbito partimos:
 Chegámos do Cephiso ás verdes margens,
 Quando inda o Sol das ondas não saía.
 ; Que puro estava o Ceo, que aura benigna
 Encrespava o cristal do rio manso!
 Inda algum rouxinol cantor da noite
 A aproveitar-lhe os restos gorgeava.
 Por detraz dos oiteiros do Occidente
 Ia esconder-se a Lua desmaiada.

N'um pequeno batel entrámos todos.
 De Cinthia a estatua se-elevava airosa
 Sôbre a pópa; cingimol-a de flores,
 Foi de ramagem fabricado o toldo.
 De um lado, e d'outro ornavão-no pendentés
 Longos festões em rede entrelaçados.
 A branca vella matizavão rosas,
 Os assentos e o chão jasmíns cobrião;

Disseras , que um vergel sulcava as ondas.
 Sutil favonio á pópa recostado
 Nos-enfunava com susurro o pano.
 Os salgueiros na margem debruçados
 Fugião-nos correndo : o Sol brilhante
 Apareceo por fim , córando as agoas.
 Oh ! como em tal momento alegre he tudo !
 Sôbre o pégo purpureo o Cisne ao longe
 Alçando o cólo entre os nevados filhos ,
 Mansos fendendo as cristalinas agoas,
 Seu canto matinal soar fazia.
 » Como he risonha a Natureza , exclamo !
 » Que bella he para nós , que a Amor fugimos !
 » Juremos , Socios , de fugir-lhe sempre.
 » Por este claro Sol , que vem surgindo
 » Sagrado para mim , pois vio meu berço ,
 » Juro sempre illudir de amor os laços. » =
 O mesmo que eu jurei jurarão todos.

Cortava o barco mansamente o rio ,
 D'ambos os lados branquejava a espuma ;
 Avistámos de longe os arvoredos
 D'ilha pequena , que sorrindo assoma
 No vasto campo azul das patrias linfas.
 » Terra , terra » bradei : — súbito a prôa
 S'inclina á terra , os zéphyros se-augmentão ,

A vella ondea e freme, os rémos lidão,
 O intervallo decresce, e pouco a pouco
 A flórea margem para nós se-avança.
 Erguemo-nos vozeando: eis fere a proa
 N'um verde prado, que se-perde n'agoa:
 Prende-se o barco, e súbito saltâmos.

Que vimos nós, ó Ninfa! Ah! como he doce
 Recontar o prazer d'aureos instantes! —
 Oh! terra amena e grata! O' Ceo benigno!
 ;Salve, bosques de paz, campos de flores,
 Fontes suaves, deleitosas grutas,
 Tranquilla solidão imperio d'aves!
 ;Salve, ameno paiz, *Ilha das Graças*,
 Por quem *das Graças* se-nomeia o rio! —

Juntos agora, agora debandados,
 Da Ilha a superficie variada
 Corremos com transporte: objéto novos
 A cada passo aos olhos se-offrecião.
 Taes delicias não tem Cithéra e Pafos!
 Não: que as filhas gentís da meiga Venus
 Por estes campos sua Chypre deixão.
 Aqui derrama sombra a murta em bosques;
 Formão lamedas flóridas acacias;
 Em labirintos os rosaes se-tecem;

Co'o florido azareiro em vastos muros
 Cazão-se alvos jasmims; formão-se em arcos
 O dolico e o lilaz; reveste os troncos
 Hera flexivel; dobra-se em cabanas
 Verde caracoleiro; a grama, as flores,
 Cobrem ondeando os deleitosos prados;
 Rosmaninho, alecrim veste as colinas.
 Vão manso e manso nítidos arroyos
 Por torto leito humedecendo os prados,
 E ora o dorso tranquillo ao Sol presentão,
 Ora d'altos chorões correndo á sombra,
 A beber e a banhar-se estão chamando.
 Não se-ouvem n'este sítio humanas vozes;
 Só zéphyros, só ramos susurrando,
 Só cascatas, só passaros se-escutão.
 Uma arvore não há sem muitos ninhos,
 O bosque inteiro harmonico parece.
 ¡Que aura pura e vital! ¡que Sol doirava
 Prados e oiteiros! ¡que apraziveis sombras
 Aqui e ali os cedros offrecião!
 A liberdade, a paz, o regosijo
 Ali reinão, ali: do mundo o resto
 N'aquelles campos súbito se-esquece.
 Interna commoção, extase, glória
 Em confusa mistura o peito agitão,
 Sente-se o que nos Ceos os Numes sentem!

N'esta Ilha encantada he tudo amavel!
 Tudo corremos. Cada prado e gruta,
 Cada colina e bosque, e margem verde
 Nos-vio ledos folgar em dança e jogos.
 Dos ternos sons da flauta a selva enchemos;
 E nem dos troncos Driades sairão,
 Nem leyes Faunos a correr vierão
 D'entre as ramadas trémulas, ouvir-nos;
 Que amena solidão! — Que alegres brincos
 Não tivemos ali! d'elles só fôrão
 Testemunhas os Ceos, aves, favonios.

Vendo a nossa ventura o Sol contente,
 Pouco e pouco subindo, em fim brilhava
 Da serena extensão no ethéreo cume.
 Descemos ao batel, onde contentes
 Reprimimos a fome, e os sêcos labios
 Consolámos co'as bachicas delicias.
 Depois aqui e ali, cercando a Ilha,
 Fomos prendendo nos troncos debruçados
 Em remansos pacíficos as redes.
 Cheios do amor da carinhosa terra
 Tornamos a saltar sobre seus campos.

Talvez, Ninfa gentil, que não te-agrade
 Miuda narração das festas nossas,

Pézão alheios bens ás almas tristes.
 Respeito os males teus ; perdoa , ó Ninfa ,
 Lê , se podes , o resto , e a prova encontras
 De que insensível coração me-anima.

Já refrescando as terras afrontadas
 O astro d'oiro brilhante ía esconder-se
 Do Occidente afastado entre as florestas ;
 Já longa sombra as arvores lançavão ;
 O Cco tingiãõ purpuras e rosas ;
 E de um clarão sereno e avermelhado
 Em largas zonas se-adornava o rio.
 Fomos correr por despedida os campos ,
 Para voltar á natalicia margem.
 N'isto , subitamente um d'entre os socios
 Vem para nós correndo alvoraçado ,
 E co'o dedo na boca a impôr silencio.
 Voamos a encontral-o : » Eia segui-me ,
 » Elle nos-disse , ¡ que formosa scena ,
 » Que bello , que espétaculo divino !
 » Dizer-vol-o não quero , eia corramos ,
 » Vinde-o ver , vinde-o ver . » N'isto partimos
 Mais ligeiros que os Zéphyros do Prado.

De antigo bosque emaranhado , espesso ,
 Que a Ilha acaba á parte do Occidente ,

Quasi íamos tocando a escura entrada :
 Eis pára o conductor , a nós se-volve ,
 Ediz-me em baixa voz » Rei , não consintas
 » Que se-faça rumor ; prohibe as vozes ,
 » E segui manso e manso os meus vestigios. »
 Manso e manso os vestigios lhe-seguimos
 Pelo enredado e tenebroso alvergue.
 Vimos os Ceos em fim que inda mostravão
 Do fugitivo Sol rubras pizadas.
 Era o fim do arvoredo. Altos silvados
 Alvejando co'a flor , vastas roseiras
 Movendo em ondas seu purpureo manto ,
 Junto d'agoa em barreira se-elevavão ,
 Retratando um jardim na clara veia. —
 Deitámo-nos por terra : avidos oíhos
 Por entre as folhas no lugar fitámos
 Que o Conductor extasiado aponta.

Erão d'Amor as tres irmãs , as Graças ,
 Da impura Venus as singelas filhas ,
 Que ali no banho os membros refrescavão ,
 Sem se-temer de temerarios olhos.
 Na undosa solidão ledas e afoitas ,
 Sem pejo da nudez brincavão livres.
 Agora perseguindo-se , lidavão
 Rindo e clamando ; agora se-escondião

Até ao collo nas serenas agoas.
 Alguma vez nadando descobrião
 Hombros e braços, e as nevadas costas;
 Outras vezes o seio; outras as plantas.
 Do bello corpo seu nenhum thezoiro
 Era á vista vedado. Aglaja atira
 Ondas ao rosto de Eufrosina bella;
 Eufrosina, e Thalia o crime punem,
 Seguem-na affoitas, colhem-na, segurão
 Uma o collo, outra os pés, e assim a-levão
 Fóra d'agoa, e por fim n'agoa a-sepultão.
 Gracejão, cantão: colhe sobre a margem
 Cada qual muitas rosas, que arremessa
 A' frente das irmãs. Retine a selva;
 O rio espuma, e em circulos se-espraia;
 Soltas as tranças perolas gotêjão.
 Depois de longo brinco em fim saltárão.
 Para a margem sombria. — Eil-os ardendo
 Meus companheiros demandal-as querem.
 » Que fazeis, lbes-exclamo, eu não consinto.
 » Mais demora na Ilha; a noite desce,
 » Entremos no batel, volte-se á margem.»

Mudos e tristes me-seguirão todos,
 Embarcámos; as redes recolhemos;
 Partimos: virações encheñã as vélas.

Pelos bancos assentão-se os remeiros,
 Mas não ousão remar, das mãos lh'escapão
 Languidamente abandonados remos.
 E em vez de remontar d'agoa a corrente,
 Propício a seus desejos recuava
 Para a Ilha outravez ligeiro o barco.
 Eu me-ergo então da popa, abraço os remos,
 Na estatua de Diana os olhos fito,
 Rasgo com fôrça o pelago, que espuma,
 E sem os-escutar do risco os-salvo.
 Nenhum canta nem folga: ouvem-se apenas
 De quando em quando férvidos suspiros.
 Algum rompe o silencio, e faz ao longe
 O caro nome ressoar de Aglaia.
 Um louva em meia voz o collo, o seio
 Da corada Eufrosina; outro attentando
 Na escuridão que em tórno envolve a Ilha,
 Suppõe no seu delirio inda estar vendo
 Sobre um oiteiro de arvores despido
 Alva Tbalia, de seus ais objéto.

Nenhum vem como foi: quasi lhes-pesa
 A seus lares voltar; nenhum desfructa
 A frescura da noite, o ceo de estrellas,
 O murmúrio dos Zéphyros na margem,
 E das ondas mansissimas o tenue

Susurro

Susurro, que acompanha o leve barco.
Só eu cantava em tanto, em tanto ria :
O objéto que os-venceo não me-tocára,
Inda era o mesmo, indomito Narciso.

Ah! se eu pude affrontar sem risco as Graças,
Vêl-as nuas no banho, e ser qual era,
; Por bellas Ninfas sentirei ternura !
Argúe embora o Ceo, mas não trabalhes
Por abrandar meu coração de bronze.

C A R T A XVI.

ECHO A NARCISO.

Não ha pois que esperar! Bastante prós
 Já tenho de que a amor ceder não queres!
 Mas lê, monstro feroz, e aprende o como
 Sabe o Ceo castigar quem ri dos Numes,
 Quem calca aos pés as leis da Natureza,
 Quem zomba como tu dos desgraçados.

Cançada de chorar inutil prante,
 Alta noite era já, quando envolver-me
 Veio do sono a pouco e pouco a nevoa,
 Cerrei os olhos, entreguei-me ao Nume,
 Que só me-apraz porque arremeda a morte.
 Por entre a escuridão de um ermo valle,
 Só povoado de funereos teixos,
 Vi claramente em não mentido sonho
 Uma Deosa assemar, cujo semblante
 Cheio de etherea luz doirava as sômbra.
 Candida veste lhe-cobria os membros,

Branco véo transparente o rosto e o seio :
 Aurea frecha de amor tinha na dextra ,
 Na esquerda uma grinalda , onde ao eipreste
 Alvas flores incognitas se-união :
 Era nobre no andar , grave no aspéto ;
 Tudo ante ella de horror tremer se-via.

» Ninfa, me-exclama a Deosa, os tens martirios
 » Chamárão-me dos Ceos, onde entre os astros,
 » Inda acima do Fado ovante habito.
 » Curvão-se ao meu podêr homens e Numes ;
 » Os premios á virtude, ao crime as penas
 » Partem da minha mão : terrivel fôrça
 » Meu braço tem com que os soberbós doma.
 » De abandonado amor escuto as vozes ,
 » Perfidia, ingratição meu odio attrabem ;
 » Vingó as injúrias da offêndida amante,
 » Posso quanto me-apraz, e apraz-me o justo.
 » Eu t'-o juro por mim, vais ser vingada ;
 » Narciso punirei com um fado novo,
 » Asperrimo, inaudito ! Ah ! crê-me, ó Ninfa !
 » Tu choras ? um cruel merecê o pranto ?
 » Esquece-te do ingrato : esta que empunho
 » Seta de amor, que ao coração lle-devo,
 » He mais que a tua veñenosa e fera :
 » Crê-me, serás vingada, enxuga o pranto.

» Se o barbaro te-amasse, evitaria
 » Essa morte, esse horror, que lbe-preparo;
 » E em vez d'isto, contigo, entre os teus braços,
 » Gozando affagos teus, a miudo ouvindo
 » Doce nome de Pai, de amante, e espôso,
 » Seria . . . mas em fim ; passou-se o tempo!
 » Vai soar logo a hora do castigo.
 » ; Vês estas flores, que em grinalda empunho?
 » Monumento serão d'alta vingança;
 » Hão de para o futuro ornar-me a frente;
 » Hão de a través dos seculos, o nome
 » E os fados recordar do ímpio Narciso:
 » E um dia inda virá, que os homens sagrem
 » Grinaldas d'esta flor do Averno ás Furias.
 » Não me-julgues do são um vão fantasma,
 » Sonho não sou, despertarás, e a próva
 » De taes verdades acharás não longe.
 » Crê-me, em mim tens a justiceira Deosa,
 » A formidavel Némesis Suprema,
 » Que obriga o Fado no extrahir das Sortes.»

N'isto o bosque ululeu; súbito o vento
 Dos montes rebentou varrendo os ares;
 Fervêrão nuvens no medonho pólo;
 Correrão pelos Ceos aves de agoiro;
 Mugio a terra surdamente ao longe,

E estrondoso trovão vibrando o raio
 Rebombou pelos Ceos, tremendo os ares.
 Ao som medonho espavorida acórdo,
 Salto do leito, pela gruta corro,
 E vejo, oh! maravilha! ateada a chama
 N'um canto do jardim! Não fôra sonho
 O estrondoso trovão: corisco ardente
 Caíndo me-abrasou d'entre os mais cedros
 O mais bello, o melhor, o mais querido;
 Aquelle em que eu gravei teu caro nome,
 Teu caro nome, que cingi de rosas
 Até hoje, ó cruel, todos os dias;
 Teu caro nome, em que imprimia os beijos
 Desdenhados por ti! Cinza inflammada
 Só via em seu lugar! Vibrava a lua
 Sôbre a terra o clarão por entre as nuvens;
 Eu vi... e a palidez tingio-me as faces,
 Eu vi... treme-me a dextra, esfria o sangue,
 Sôbre um montão de cinzas, derramadas
 As alvas flores, que sonhando víra.
 Assim foi confirmado o horrendo annúncio!

Narciso, não por mim, pois me-detestas,
 Mas por teus cães, mas por ti mesmo, ingrato;
 Por tua mãe, que bem como eu te-adora;
 Pelas paternas ondas te-conjuro,

Céde a amor, céde a amor: o Ceo piedoso
 Compraz-se de esquecer passada offensa,
 Vendo abrandar-se o coração dos ímpios.
 Némesis póde, e quererá salvar-te;
 Basta só que de Amor ás leis te-humillhes,
 Basta só que o prazer, que os bens te-agradem:
 Céde, entrega-te a mim; eu posso e devo
 Do precipicio á borda segurar-te;
 E se acaso uma vítima demanda
 O infortunio cruel, eu quero, eu mesma
 Arrojar-me por ti do abismo ao fundo,
 Sentir o fado atroz, que mereceste,
 E inda no meio de infernaes horrores
 Fazendo-te feliz, serei ditosa.
 Ah! confia no Ceo, mas crê no sonho.
 Vem a meus braços, fugirás da morte.

Não me-creias de amor indigno objéto:
 O veo misterioso em fim se-rasgue!
 Se o meu nome até aqui tens ignorado,
 Agora o-vais saber: jú não preciso
 No silencio esconder notoria chama.

Echo, a mais infeliz das Ninfas todas,
 De todas a mais terna he quem te-escreve!
 Echo, a filha do Ceo, da Terra a filha;

Esno , adorada pelo Deos da Arcadia ;
 Esno , amor de Silvano , amor de Apollo ;
 Esquiva a todos , para ti só meiga.

¡ Sou indigna de ti ? Tudo o que he grande ,
 Tudo podem meus Pais : não julgues menos ,
 Que Liriope a Terra , o Ceo que um Rio .
 Se hes bello (¡ e quanto hes bello !) eu sou formosa !
 Nas graças , de que os olhos se-eativão ,
 Eu venço a todas , como a todos vences .
 Se em vão por ti mil Ninfas estremecem ,
 Tambem Numes por mim ardem sem fruto .
 Se hes destre caçador , eu pulso a lira
 Com divinal , com mágica doçura ,
 E encanto as selvas com vistosas danças .
 Tenho além d'isto o que não tem perversos ,
 Benigno coração , recto e piedoso .
 Não blasfemo de amor , respeito os Numes ;
 Franqueio á Natureza a alma sensivel ;
 Dou culto ás aras da fecunda Cypria . —

¡ Sou indigna de ti ? Se acaso o-pensas ,
 Se inda hes o mesmo , se mudar não queres ,
 Treme , ingrato , que Némesis me-vinga .
 Ha de armar-se em teu dano o Deos , que ultrajas ,
 O Deos que sirvo , o Amor ; chega-se o tempo

Em que elle ha de pagar meus sacrificios.
 Para servil-o, a cólera de Juno
 Temerária affrontei; retive a Deosa
 Mil vezes conversando, em quanto Jove...:
 Mas basta: se ésta acção te-excita o odio,
 Pensa que Jove he Rei da Natureza,
 Que Juno he vingativa, e que eu devia
 Conservar-lhes a paz, e a fama ás Ninfas.
 Perdi a voz em pena da piedade,
 D'entre as Socias de Juno eis-me banida,
 Mas sempre a mesma, e sempre virtuosa,
 E sómente infeliz depois que te-amo.
 Mas ha de Amor vingar-me; o Pai dos Numes
 Mais fôrça lhe-porá no braço invicto;
 E a Terra, e o Ceo, que em sua próle offendça
 Contra ti se-uniráõ. — Impio! se queres,
 Retracta-te, e o perdão talvez obtenhas.

Sê meu; o Ceo e a Terra hão de abrigar-te:
 Por onde quer que os passos dirigires
 Sempre a meu lado súbito brotando
 O sólo cubriráõ lustrosas flores;
 Viráõ sempre affagar-te auras macias;
 Os dias todos nasceráõ formosos:
 Mais doces te-seráõ da fonte as ágoas,
 Mais canoros os passaros do bosque,

Mais verde, mais frondoso o bosque mesmo.
 Sem te-cançar em discorrer montanhas,
 A cada passo encontrarás as feras,
 Que te-aprãza imolar. Tudo o que podem
 O Ceo e a Terra levarei por dote;
 Podes pois escolher morte ou ventura.



Cessára de escrever: tórno chorando

A continuar sentidos caratéses. —

! Ella morreo! . . . morreo a minha corça! . .

! Quanto a-presei, quanto ella me-presava!

Era todo o meu bem. . . Nos meus desgostos

Ella vinha affagar-me: em meu regaço

Dormia muita vez: de minha dextra

Só accitava a grama saborosa.

Se o caçador, se os cães a-perseguião,

Correndo vinha a demandar-me abrigo;

Seguia os passos meus em meus passeios.

Ao romper da manhã vinha acordar-me,

Chamar-me ao meu jardim, para entreter-me,

Segundo costumava, em minhas flores.

Contente andava se me-via alegre;

Se me-via abatida em pranto immersa,

• Ou distrahir-me anciosa procurava,

Ou jazia escondida em minha gruta,
 Sem se-lembrar do pródigo sustento.
 Mas ella já não vive! . . . ah! quem desde hoje
 Meus males sentirá, se tu não vives
 Minha amiga fiel! Tu me-deixaste!
 Teu carinho expirou! . . . Tua Senhora
 Já não tem quem lhe-adoce os seus desgostos!
 Deixaste-a só no mundo . . . Ah! como acerba
 Devia ser-te a morte! . . . Eis-te insensivel
 Estendida a meus pés . . . da morte o gêlo
 Já se-vai de teus membros apossando; . . .
 Do sentimento a chama eil-a apagada!
 Já não vês este pranto em que te-inundo!
 Já não me-ouves chamar-te! — Oh! que remorso
 Surge em meu coração! por ti, Narciso,
 Ingrato, só por ti pude esquecer-a.
 Deixei-a em minha gruta abandonada,
 Não me-lembrou que a triste costumava
 Comer da minha mão: funesta morte
 Veio adejar sôbre ella em minha ausência.
 Sentio chegar talvez seu termo infausto,
 Saio do alvergue a procurar-me aos campos,
 Quiz ver-me inda uma vez . . . quiz despedir-se,
 E expirar junto a mim! . . . Com que trabalho
 Não arrastou tão longe os fracos membros!
 Que exfôrço que inda fez vendo-me ao longe, .

Querendo à mim correr... mas sem alento
Caio desfalecida! Eu parto, eu vôo,
Chego, abraço a infeliz... sôbre o meu seio...
Olhando-me com dôr... fugio-lhe a vida!
Ella morreo! morreo a minha corça!
Fui eu quem a-matou, e ella expirando
Me-veio inda buscar para affagar-me!..

Narciso, todo o bem por ti me-foge!
Mas não penses em mim, pensa em ti mesmo,
Recebe a tua amante, ou teme os fados.

C A R T A XVII.

N A R C I S O

A' NAIADE DA FONTE.

A' Mais bella das Náíades mais bellas,
 Por seus encantos magicos vencido,
 Saude envia o caçador Narciso.

¿ Vencido por seus magicos encantos?!
 Eu! que aborreço, que desprezo as Ninfas?
 Em meus labios ¿ que insolita linguagem!
 Oh! não, não he de amor! Se eu colho a rosa,
 Se a-ólho attento, se lhe-louvo as graças,
 ¿ Quem dirá que por ella Amor me-inflamma?
 Se paro ás vezes no frondoso valle
 Por vêr sutil, pintada borboleta,
 Que adeja e brinca sôbre as verdes plantas,
 Que envergonhando a flor pousa sobre ella,
 Causando inveja ao zéphyro amoroso,
 ¿ Quem dirá que eu adora a borboleta?

Sim :

Sim : Náíade gentil ; o dia inteiro
 Passei junto da fonte a contemplar-te,
 Mas não a arder por ti : de amor aos laços
 Jurei de me-escapar ; se eu não jurasse
 Só podias , só tu lançar-me os ferros !

¿ Que Ninfa te-assemelha em nossos campos ?
 Fujo das mais , seus rogos me-importunão ,
 Riso e piedade seu ardor me-excita ,
 Mas tu . . . não ha no bosque outra mais bella ,
 Nenhuma que te-iguale ! Embora o mundo
 Venus e Graças cegamente adore ,
 Venus e Graças envejar-te devem .

Eu me-deitei da tua fonte á borda
 Sôbre a relva macia , olhando as aguas :
 Recostada como eu , co'a mão na face ,
 Sôltas as tranças como as tranças minhas ,
 Te-vi sósinha no arenoso fundo .
 Ao vêr-te me-admirei ; se não me-engano
 Sinaes de admiração te-vi no rosto :
 Córei , córaste . Levantei-me á pressa ,
 Para deixar-te repousar sósinha
 Nas aguas tuas , livremente á sombra
 D'esta arvore , que os zéphyros embalão ;
 Ví-te pronta a partir , fiquei-te olhando ,

Fôrça invencível nos-reteve os passos.
 Sorri, sorrirão teus vermelhos labios:
 Parei suspenso a contemplar teu rosto,
 Meu rosto a contemplar te-vi suspensa.

¿ Fugir d'este lugar? disse eu comigo,
 Não, jámais fugirei! De novo á relva
 O corpo lanço, e me-recosto á margem:
 Tu recóstas-te ao fundo, e nos-olhâmos.
 ¿ Que novas commoções, nunca sentidas,
 Em tão suave olhar provou meu peito!
 Um não sei que de incognita doçura,
 Vagas ideias, mal distintos votos! ..
 O' Ninfa, não entendo o mago effeito
 Que os olhos teus no coração produzem!
 Que! será isto amor? ¿ será minha alma
 Sem conhecêl-o a vítima do monstro?
 Não: se vingar-se contra mim quizera
 Não me-daria a mais formosa Ninfa,
 De olhar tão meigo, de feições tão bellas.
 Dos sentimentos meus ignoro o nome
 Se amizade não são! mas este fogo...
 Seja o que fôr, chamemos-lhe amizade.

O' minha Amiga, ó Náíade innocente,
 ¿ Porque não sâes de teu sereno fundo? .

; Porque não vens ao lado meu sentar-te,
 Gozar da solidão d'este arvoredor,
 Com teu amigo passear sósinha?
 Oh! depois que te-vi, sinto mais doce
 O nome de amizade e os seus influxos!
 Crê-me, os amigos meus nunca amei tanto;
 Nunca de minha mãe ternos affagos
 Cobicei como os teus: quero abraçar-te,
 Quero nas faces imprimir-te um beijo,
 Outro na rosea boca, e depois d'estes
 Inda mil, inda innúmeros não bástão.

; Porque não sáes, ó tímida formosa?
 Se creio os olhos meus, não me-aborreces,
 Quanto eu sinto por ti por mim tu sentes.
 ; Porque não sáes d'entre as nativas ondas?
 ; Temes talvez que os Satiros te-côlhão?
 Não temas nada; o teu amigo empunha
 Terrível arco de inflexiveis setas.
 ; He tua mãe solícita e medrosa
 Quem te-prohibe abandonar a fonte?
 Vem pois, vem de relance: entre os meus braços
 Só te-queiro apertar, depois te-ausenta,
 E assim de tua mãe temer não podes.

O som da tua voz ouvir-te quero:

; Quão bello deve ser ! Quando eu te-fallo,
 Vejo que os labios teus tambem se-movem,
 Mas nada escuto, que o-prohibe a fonte,
 Nem tu me-ouves talvez. — Ninfa , he preciso,
 Que fallemos em fim sôbre esta margem,
 Tenho para dizer-te immensas cousas.

; Não sáes por me-temer ! talvez ouvido
 Tenhas a tua mãi, que são traidores,
 Que são crueis e pérfidos os moços.
 Mas, Ninfa, eu sou Narciso ; este só nome
 Baste para aquietar-te os vãos receios.
 Sempre que aceno, acenas-me sorrindo,
 Mas não queres saír. — Quando acabado
 Tiver de te-escrever n'este salgueiro,
 Que tão perto nasceo das agoas tuas,
 Pendente deixarei n'um de seus ramos
 A ebúrnea aljava, que attraír-te possa,
 E convidar-te a lér : sim, que he provavel,
 Que ao pôr do Sol, se o campo for deserto,
 Sáias do fundo a passear um pouco
 N'este alegre jardim da Natureza.

Adeos : eu voltarei, voltando a Aurora,
 Aqui virei passar inteiro o dia.
 Responde-me, te-peço ; e se isto he muito,

Beija dos versos meus o ultimo verso,
Que eu o-beijo tambem, que eu te-prometto
Beijál-o sempre que vier á fonte.

NARCISO E A BELLA NAIADE SE-ADORÃO.

C A R T A XVIII.

N A R C I S O

A' NAIADE.

Muito antes do clarão da madrugada.
 Voltei pois a buscar-te ; inda dormias.
 Corri ao tronço ; a aljava , que pendente
 Sôbre as letras ficou , achej-a intáta
 Na mesma posição ; tu não vieste ,
 Ou se vieste aqui não viste as letras.

Sentei-me á suspirar junto da margem,
 Deixei-me adormecer. ; Se tu soubesses
 A noite que eu passei ! Dormir não pude...
 Teu olhar , teu semblante , e o riso meigo
 Na accesa fantasia me-adejavão.
 Não era sonho : um extasi só era !
 Via , qual vejo agora a clara fonte ,
 Via as margens floridas , e os salgueiros ,
 Em cujas ^{l'vontades} sombras novamente escrevo ,

E cujas copas me-derramão sombra.
 A's vezes, mais feliz em meu delirio,
 Via-te igual á Deosa dos Amores,
 D'entre às agoas saír buscando a margem,
 E pensava depois cingir-te ao peito.

Assim gastei velando as longas horas,
 Té que impaciente abandonando o alvergue,
 Por entre a escuridão vim procurar-te.
 Parecia, que a paz, que os bens, que a vida,
 Que o proprio coração, tudo esquecido,
 Tudo tinha deixado entre estas agoas.
 Não te-vi! « *bella Náiade* » te-exclamo,
 Ninguem me-respondeo. Triste, em silencio
 Sentei-me entre as rociadas espadanas,
 Sôbre o escuro cristal fitando os olhos.

Então comigo mesmo, « inda repousa »,
 Inda repousa, digo, e um sôno facil
 Na vitrea, occulta lapa inda a-conserva.
 Ella dorme, e eu não durmo, eu penso n'ella,
 Eu ardo pela ver! ¿ Os leves sonhos
 Ter-lhe-hão pintado o seu fiel Amigo?
 ¿ Dão-lhe sonhos o que extasis me-derão?
 ¿ Pensa em mim, pensa em mim, julga abraçar-me?
 Ah! se julga abraçar-me, auras benignas,

Não agiteis das arvores as ramas ;
 Não cantes, rouxinol ; suspende as agoas ,
 Ponte, que vais nas trevas murmurando ,
 Não a-acordeis, não se-dissipe o sonho.
 Mas quando ella acordar , abri-vos , flores ,
 As azas perfumai de alvos favonios ,
 Desce exultando limpida nascente ,
 Festejai-a a cantar , aves mimosas ,
 Ondeai contentes , verdejantes cimas . »

Entre estes pensamentos flutuando ,
 Fui manso e manso ao sôno succumbindo .
 Da Aurora a rosea luz veio acordar-me ;
 Volvi súbito a vista ao claro pégo ,
 E achei-te , e ao riso meu te-vi risonha ,
 Nosso olhar se-encontrou , corámos ambos .
 « Quanto hes gentil , quanto hes amavel ! grito : »
 Se o movimento de teus labios creio ,
 Co'o ar mais terno repetiste o mesmo .
 Meio aberto botão colhi de rosa ,
 E em quanto os olhos na roseira punha ,
 Tu , não sei d'onde , igual botão colhêste :
 Despi-lhe o pé dos barbaros espinhos ,
 Tu fizeste outro tanto ; a flor mimosa
 Beijei , tu a-beijaste ; o braço erguemos ,
 Eu t'-a-lanço ao cristal , onde jazias ,

Sumio-se: e n'um momento a que empunhavas
 Sôbre a agoa appareceo; colho-a apressado,
 Aperto-a sôbre o peito, e a beijo, e exulto:
 Depois n'agoa ^{attentavel} attendendo, a minha rosa
 Vi entre as tuas mãos, vi-te a beijal-a,
 Vi-te apertando-a com transporte ao seio.

¡ Quanto hes formosa, minha doce Amiga!
 ¡ Que ternura não tens! ¡ Os Ceos te-livrem
 Das cadeias de amor! Nunca os teus olhos
 Encante Nume algum! Possa tua alma
 Nunca inflammarse por gentil mancebo!
 Crê-me, ninguém no mundo te-merece.

Mas se a frecha de Amor sentir devesse . . .
 Ah! fosse eu do teu fogo o objéto, ó Ninfa,
 E por amante o Amigo recebesses.
 ¡ Ninguém tanto como eu póde adorar-te!
 Até . . . se por teu bem preciso fosse . . .
 Os laços de Himeneo . . . ¡ córas, Narciso . . .
 Bate-te o coração? . . . ¡ que horrivel' guerra
 Fazem dentro em minha alma ideias vagas!
 ¡ Eu que desprezo amor, de amor nos ferros?
 ¡ Eu que Venus insulto, honrar-lhe as aras?
 ¡ Eu que odeio Himeneo, sentir-lhe o jugo?
 Não; não, jamais; que eu amo a Liberdade.

Mas esta Ninfa as mais formosas vence,
 Até das Graças a melhor excede!
 He, qual Diana, vergonhosa e pura:
 Tem a meiguice, o ar com que extremosa
 Se-mostra minha Mãi do Espôso á vista.
 Se eu devesse adorar, ninguem tão digno
 De miuha adoração no mundo achára:
 Se eu devesse prender-me em laço eterno,
 Deosa nenhuma, ó Náiade, podia
 Tornar-me a vida como tu risonha.

Mas, ah! ; porque não sáes do patrio lago?
 ; Porque abraçar não vens teu doce Amigo!
 Passei junto da fonte o dia inteiro
 A chamar-te, e sem fruto: Hesp'ro brilhante
 Vai nos Ceos assomar pois desce a tarde.
 Eu deixo este lugar; Niufa, não temas,
 Sáe da fonte, passeia na espessura,
 Lê meus versos, responde-me te-peço,
 E basta-me isto: = *A Náiade te-préza.* =

Driade amavel do Salgueiro annoso,
 De meu segredo confidente amiga,
 Se a tu vires saír corre a encontrá-la,
 Para aqui lhe-conduz seus pés mimosos,
 Faze que leia as expressões do Amigo;

Ou pelo menos, dize-lhe, que eu sinto
Um mal terrivel pela ausencia d'ella ;
Que choro pela vèr ; que em quanto escrevo
Suspiro de contínuo ; e que mil vezes
As ternas expressões deixando em meio,
A' fonte corro a saciar meus olhos.

C A R T A XIX.

N A R C I S O

A' NAIADE.

NInfa, de instante a instante a chama cresce,
 Os olhos teus a fôrça lhe-redobram,
 Tenho dentro de mim furioso incendio!
 Duvidar já não posso, o amor me-abraza,
 Vingou-se o Deos, triunfa a Natureza!
 Não chega a tanto da amizade o influxo,
 Da mais viva paixão sinto-me escravo!

Sou teu amante, sem corar t'-o-digo;
 Sou teu amante, o coração m'-o-aprova;
 Sou teu amante, e adorador te-busco.
 Mudou-se o fado meu, caio-me a venda;
 Pérfidas larvas d'ante mim fugirão;
 A razão na minha alma accende o facho.
 Honro o prazer, que reputei quiméra,
 Sigo a ventura, que antolhei fantasma,

Adoro

Adoro a Amor, que imaginava um monstro!
 Graças, graças a ti, Ninfa invencivel!
 De tal revolução tu foste a causa,
 Por que sempre, sem ti, de amor me-ríra!—
 Tu pois que me-usurpaste a liberdade,
 Tu pois de quem depende o meu destino,
 Náiade amavel, cujo olhar me-encanta,
 Adoça o mal, que ao coração me-fazes;
 Mitiga-me este ardor, que me-devora;
 Corre a abraçar-me, a ouvir-me, a responder-me,
 ▲ pôr-me em paz, a saciar meu peito.

Cruel, ¿ porque não vens? ¿ porque empunhaste
 Com resoluta mão tirana frecha,
 Quando eu, por te não ver junto ao meu lado,
 N'um transporte de raiva ía co'-a frecha
 Pôr termo á vida, que sem ti me-enfada?
 ¿ Quem te-prende inhumana? ¿ Ah! tu não sentes
 Ternura á minha igual! Se a tu sentisses
 Um bárbaro dever aos pés calcáras,
 E virias correndo a quem te-adora.

¿ Como hes timida, ó Ninfa, e como hes bella!
 Como hes bella, se a Amor me-avassalaste.
 Ah! quando os pomos teus, quando os teus annos
 Tiverem já crescido; ah! quando livre

Da líquida prisão, vagar podéres
 Por este annoso, enamorado bosque;
 Quando mortaes e Numes te-avistarem,
 De tudo quanto existe e quanto sente,
 Serás o amor, a suspensão, e a guerra.
 Ha de Venus ceder-te as Cyprias arás,
 Serás a quarta Graça, a mais formosa.

¿ Mas que digo! ai de mim! Já sinto n'alma
 Ferver co'a inveja as ondas do ciume.
 Não: ninguem te há de amar mais que Narciso.
 Ninguem, em quanto eu viva, ha de atrever-se
 A consagrar-te um culto, e erguer-te as aras.
 Hes Deosa sim, mas o Universo o-ignore:
 Tu mereces altar, incenso, votos;
 Mas por altar meu coração te-baste,
 Meus himnos e os meus ais por brando incenso,
 Meus votos pelos votos dos humanos.
 ¿ Queres adorações? o mundo inteiro
 Não te-póde adorar quanto eu te-adoro.
 Este amor, que me-inflamma, he sem limite,
 Immenso como um Deos; he vasto Oceano,
 Que toda a face do Universo envolve.
 Sim: depois que te-vi, tudo a meus olhos
 Tudo, ó Ninfa, mudou; tudo aborreço.
 Onde imagens de amor achar não posso:

Tudo me-he caro em que descubro impréssas
Graças, que as graças tuas assemelhem,
Ou ternura, ou furor, como os que eu sinto.

O' Náíade, por ti deixei sem custo
Da variada caça as arduas lidas.
Arco, aljava e buzina eil-os! pendentes
Para sempre os deixei n'estas arcadas
De balançados ramos; livremente
Podeis desde hoje divagar, ó feras.
Eu te-off'reço, ó Diana, as armas tuas;
Já uão sou teu, já não; sigo outra Deosa;
Outra, e melhor que tu no rosto e genio.
Plumosos bandos, que adornaes as selvas,
Vou deixar-vos a paz: correi sem medo
Mansos veados, do regato á borda,
Narciso caçador já vos não segue:
Vivei, gozai do amor, aves e feras;
O ímpio cuja dextra ousou mil vezes
Arrancar d'entre vós espôças, filhos;
Que julgava triunfar quando era infame,
E ser feliz quando ereis desditosos,
Agora he como vós de amor escravo.
Como tu, brando pombo, entre a floresta
Suspira pela ausente companheira.
▲s aves que apanhei, que presas guardo,

Il-as-hei libertar ; de novo firme
 Os laços Himeneo que eu desligára ;
 Todo o imperio d'amor ditoso viva :
 Porém eu . . . vem , ó Náiade , não posso
 Sem te-achar junto a mim , viver ditoso.
 Praza aos Ceos que esta tarde a fonte deixes ;
 Que venhas passear n'esta frescura ,
 E vejas logo as expressões do amante ;
 E para lhe-escrever a séta empunhes ,
 Com que ousavas , ferindo-te , matal-o.

Adeos, filha da fonte , amavel Ninfa :
 Se queres solidão , saír já podes ,
 Que eu vou deixar-te em liberdade a selva.
 Imprime os labios teus sobre este lirio ,
 Que ao pé nasceo d'este salgueiro annoso.
 Beijando-o pensa em mim , que amanhã quero
 Beber teu beijo pelo niveo calix.

C A R T A XX.

EM NOME DA NAIADE

ECHO A NARCISO..

AGora que o crepusculo da tarde
Em vez do Sol aclara a Natureza,
Pude a furto sair da argentea fonte.
O peijo teme a luz ; da tarde as sombras
Mais propicias lhe-são, guardão segredo,
Merecem mais segura confiança.

Quiz vêr se inda te-achava; e em quanto incerta
Vagava aqui e ali pelo confuso
Laberinto do bosque, ao longe avisto
Uma aljava a brilhar n'um torto ramo.
Lembrou-me que de Amor talvez seria,
Ou de algum caçador que a ali deixasse.
Quiz fugir, apressei com susto o passo;

Mas depois = " Este bosque he solitario,
 " Digo parando, alto silencio impera;
 " Ninguem respira aqui, mais do que a amante
 " Do encantador, do candido Narciso;
 " ;Será d'elle esta aljava?" = Um mago instincto
 Para o salgueiro conduzio meus passos.
 Olhei de novo em roda, e mais segura
 Fui para a-levantar . . . ; que inexperada,
 Que ditosa surpresa! encontro as cifras,
 Que a mão mais terna para mim traçára! —

Foge rapido o tempo; um dia inteiro
 Ao que dizer-te quero inda não basta.
 Sabe que eu te-amo, que eu te-adoro ardendo;
 Que he fogo o sangue meu, fogo a minha alma;
 Que ou não durmo, ou se durmo em ti só penso;
 Que deliro de amor se estás presente,
 Se não te-avisto de saudades morro;
 Que o que nunca senti sentir me-fazes;
 Que sou outra; que os brincos me-aborrecem,
 E quanto não hes tu me-enfada e cança.

Desejo igual ao teu me-ferve n'alma,
 Quero ver-te, abraçar-te, ouvir-te, quero
 Teus beijos acceitar: sobre teu lirio
 Já mil depositei bebêl-os podes.

O teu , colhi-o eu já , guardo-o no peito ,
Guardo-o no coração mudado em chama.

¡ Como era doce o venturoso verso
De um tal presente mensageiro amavel !

NARCISO E A BELLA NAIADE SE-ADORÃO.

Oh ! praza aos Ceos que m'-o repitas sempre !
Mas ah ! dos labios teus quero escutar-t'-o ,
E responder-te em beijos , em caricias.

Não chegues ámanhã da fonte á borda ,
Que eu ficarei co'a minha mãe na gruta ;
Devemos evitar qualquer suspeita.
Depois que a noite desdobrar seu manto ,
Quando o silencio e as trevas se-espalharem ,
Vem , não tardes , ao concavo rochedo
Por cujo esquerdo lado se-desliza
Desta fonte a matriz : junto da entrada
Se-abração , por sinal , dois vastos cedros.

Adeos , Narciso , adeos : beijo o teu lirio ,
Volto á fonte a velar como velaste
Longa noite de amor. — Suave Amigo ,
Querido amante , e bem depressa espôso ,

Adeos, repousa em paz, de mim te-lembra. —

A triste escuridão que já se-estende
Não me-permitte o proseguir meus versos.
Torna a ler a expressão que me-enviaste :

NARCISO E A BELLA NAIADÉ SE-ADORÃO.

C A R T A XXI.

ECHO A NARCISO.

NArciso, inda te-escrevo: o amor de todo
No meu peito expirou por teus repudios,
Mas fica em seu lugar odio e vingança.

Desejar ser feliz he lei suprema,
Busquei-a preencher, tu te-opozeste:
Gemi sem fruto, de meus ais te-riste.
Humilhei-me, abati-me aos pés de um monstro;
Queimei baldado incenso a ferreo Nume.
Restava-me o artificio, o engano, a fraude
Para alcançar-te, sugitei-me a tudo.
Tomei de tua Ninfa o caro nome;
Sincero amor em falsos caratêres
A teus olhos expuz; para o retiro
Te-convidei do concavo rochedo.
Esperei-te entre colera e ternura,
Pois tinha de abraçar-te, unir-te á boca
Minha boca amorosa, mas não tinha
De abraçar, de beijar meu terno amante.
Vieste: os passos teus senti de longe!

Paraste um pouco na sombria entrada ,
 E em baixa voz , que te-alterava o susto ,
 « *Náiade estás aqui ?* » = *Aqui* = respondo .
 Entraste affeito ; e apenas te-embebeste
 No horror da escuridão , corro a teus braços ,
 Sem temer que os teus olhos me-traíssem .
 No primeiro transporte ardendo abraças
 Meu collo e minha fronte , e as faces beijas . . .
 Mas , ¿ que Deosa invejosa , ímpio , te-poude .
 Subitamente revelar o arcano ?
 Mal tua dextra errante se-firmára
 Sôbre o meu seio , horrorisado sóltas
 Um grito de terror : « *Quem hes ?* exclamas ,
Não , não hes tu . » — Mais rápido que a frecha
 Me-fugiste a voar pelo escarpado ,
 Fragoso dorso de íngremes rochedos .
 Quiz-te seguir , o espanto me-reteve :
 Fiquei pasmada , fria , immovel , muda ,
 Qual de marmore duro antiga estátua .
 Mas quero compensar-te a minha affronta ,
 A minha extrema dor , de que hes só causa .

A *Náiade* gentil , que terno adoras ,
 Hes tu mesmo , he teu rosto impresso n'agoa !
 Amas a sombra vã do objéto que amo ,
 Hes de inútil amor como eu vassallo :

Vive em ti mesmo o que ancioso buscas,
 Não o-podes gozar ; mas eu , perverso ,
 Se não gózo o que busco , he porque foges ,
 Qual de Fúria infernal , da terna amante .

Eu te-desprézo , eu te-abomino ; apenas
 Basta o meu coração para o meu odio ,
 Mas odio justo , aos crimes teus devido .
 Tu me-roubaste a paz , a liberdade ,
 Os risos , o prazer , a glória , tudo ,
 Tudo , ingrato , até mesmo o Sér de Ninfa .

Pintou-me horrivel sonho á turva ideia ,
 Que eu me-ia transformando em vastas róchas .
 Fugia-me o calor , coava o gèlo
 Pelos membros já duros , já disformes .
 Pertendia fugir , sentia as plantas
 Mudadas em montões de rijas pedras ;
 Erguer as mãos aos Ceos , eis se-tornavão
 Os braços meus alcantilados serros .
 Neste estado infeliz o sentimento
 Se-apagava em meu corpo , e só do antigo
 Conservava alma e voz , qual hoje a-tenho .

Narciso , os sonhos meus nunca me-illudem :
 Roubaste-me de Ninfa essencia e corpo ;

Sinto o sonhado frio ír-me abraçando ;
 A pouco e pouco os membros se-entorpecem.
 Com trabalho aqui vim para escrever-te,
 ▲ custo movo a mão, que as letras fórma.

Adeos, vou' retirar-me aos ínvios bosques,
 Juntar-me ás serras companheiras minhas,
 Sofírer eternamente os meus desgostos.
 A's Fúrias te-abandono, ellas te-esperão !
 Já Némesis e Amor co'as mãos divinas
 Se-apoderão de ti, da luz te-arróvão
 Para as margens da Styge ; em cujas agoas,
 Se os Deoses justos são, deves suspenso
 Eternamente olhar teu proprio gesto
 Já murcho pela dôr, já nu de encantos,
 Abrazado, ferido pelo ferreo
 Ardente açoite da feroz Megera.

Adeos ! Vêrte, infeliz, baldado pranto,
 Desespera-te, clama, exora os Deoses ;
 Tua cabeça ás negras Fúrias voto,
 Impio ! do teu perdão passou-se o tempo !

F I M

DAS CARTAS DE ECHO E NARCISO.

AS

AS QUEIXAS DE LIRIOPE.

IDYLLIO

*Para servir de conclusão ao Romanse
de ECHO E NARCISO.*

DEpois que justa Némesis mudára
O louco adorador em tenue planta ;
Liriope infeliz, mal que esta nova
Lhe-foi rasgar o coração materno ;
Liriope infeliz, a Mãi do Ingrato,
Agora já não Mãi, saio correndo
D'entre as vagas do Oceano a pranteal-o ;
A cobrir de seu choro as novas flores ;
A ver os sitios, que habitou Narciso ;
A encher-se mais do luto da saudade.
Em vão de compassivo o turvo Oceano
Sostêl-a quiz na cristallina gruta ;
Em vão ternas Irmãs lh'-o-supplicarão ;
Dentre ellas se-arrancou surda aos clamores.

Por entre as ondas rapidas, que lutão
 Co'o fragor do trovão no mar que espuma,
 Foge-lhes, corre, e para as margens vòa:
 Demanda o bosque lugubre e funesto,
 E a argentea fonte da illusão principio.

A' entrada do arvoredos as alvas filhas
 Do queixoso Cephiso a-rodearão;
 E co'as tranças limpando o pranto amargo,
 Que a chover sôbre as faces lhes-tornava,
 « Deosa, lhe gritão, foge d'este sitio,
 « Não te-augmentes a dôr, que já trasborda,
 « Vai chorar n'outra parte: oh! não funestes
 « Fitando a nova flor teus olhos tristes.»

Surda aos conselhos, demudado o aspéto,
 Correndo incerta, e perturbada a vista,
 « Quero-o ver, quero-o ver, mostrai-m'-o, exclama;
 « Eu quero-o ver, e devo; ide, mostrai-m'-o!
 « Cruéis, não m'-o-oculteis, quero beijal-o,
 « Quero carpil-o em vão ... meu filho he morto!»
 Disse: e affoita rompeo no denso bosque.

He fama que gemêrão, que ululárão
 A' sua entrada as Driades nos troncos.
 Chega ao sitio funesto; a planta encontra,

Qual lhe-pintára n'alma o horrendo annúncio.
 Péra; por longo tempo immovel fica
 Atentando na flor, e em fim rasgando
 Co'as alvas mãos freneticas o seio;
 « ¿ Hes tu, hes tu que eu vejo . . . amavel filho?
 « Hes tu? . . . mas qu'he da face? os olhos negros?
 « ¿ Qu'he da boca rosada? ¿ Onde os carinhos,
 « Que mostravas ao ver-me! ¿ Onde os teus passos
 « Magestosos estão? ¿ Como perdeste
 « A fôrça invicta que aterrava as feras!
 « ¿ Hes tu meu filho, inanimada planta,
 « Debil, caduca, humilde? ¿ Oh! Ceos! ¿ e deve
 « Qualquer vento ou pastor ou fraco inséto
 « Atrever-se a offendel-o? . . . ¿ Hes tu, Narciso?
 « ¿ Hes tu que eu vejo? oh! dôr! ... Indignos Fados,
 « Numes crueis, restitui-me o filho.»

Mal tinha dito, e as lagrimas ferventes
 Da afflita Mãi, que á terra se-arrojára,
 Chovião sôbre a flor: quer abraçal-a,
 Mas de offendel-a treme, e a-beija apenas.
 Mudamente depois se-poz a olhal-a;
 E alçando a voz « O' Náíades chorosas,
 « Irmãs do filho meu, correi vos-peço,
 « Ide, trazei-me resinosos troncos.
 « O Sol vai-se esconder: seu raio extremo

« Já fugio d'esta flor . . . ah ! de meu filho !
 « Não tarda a noite , ao luto a-consagremos .
 « Em tórno do meu filho os vossos ramos
 « Para honral-o accendei ; não possa a noite
 « Privar-nos deinda o-ver , de ver Narciso . »

Co'as tedas funeraes eil-as que voltão !
 Cravão na terra os inflammados ramos ,
 E entrão de novo a prantear caladas .—
 Baixáta a Noite horrendamente escura ;
 A Lua não surgio ; só clara Venus
 No ethereo Oceano scintilou vaidosa .
 Pelo negrume do pasmado bosque
 Longos espétros pálidos corrêrão ;
 Nem levemente as folhas respirárão :
 Só mouchos pelas grimpas do arvoredô
 Barbaramente vozear se-ouvirão :
 E o lúgubre clarão da scena infausta
 Redobrava o terror mostrando as sombras .
 Com dor alçando a voz a Mãi começa ,
 Com soluços , com ais troncando as queixas .
 « E ha piedade nos Ceos ! .. elle não vive ! ..
 « Pranteai de meu filho o fado acerbo ,
 « A meu devído chôro una-se o vosso . »

« Narciso , meu prazer , meu bem , meu tudo ,

- « Meu filho, que inda he mais, tu nos-deixaste ;
 « Pelo universo em vão te-procurára. —
 « Mães desgraçadas, consolai-vos todas,
 « A vossos males o meu mal excede.
 « Vós se um filho perdeis levail-o á pira ;
 « Recolheis suas cinzas ; sôbre a urna
 « Vos-lançaes a abraçál-o ; o vosso pranto
 « Cae sôbre o que era outr'ora o vosso filho ;
 « Elle talvez do tumulo vos-ouve :
 « Julgaes, que vos-responde, ou que suspira.
 « Entre ondas de terror, vêdes fantasmas,
 « Que a fórma tomão do perdido objéto ;
 « E quando sois mortaes morreis com elle.
 « Mas eu . . . Pereça o dia abominavel,
 « Em que o férvido amante entre seus braços
 « Forçada me-apertou : prazer, ventura
 « Para as mais he ser Mãi . . . Oh ! quatro vezes,
 « Quatro vezes feliz a espôsa estéril ! —
 « Mouchos, vós que gemeis sôbre estes ramos,
 « Vós gemestes por certo á hora infausta,
 « Em que amor lhe-deu sêr, que hoje lhe-rouba.—
 « Bárbaro Amor, que d'estes ais te-agradas,
 « Ah ! foge d'entre nós ; tirao indigno,
 « Não venhas gloriar-te em minhas queixas.
 « Pranteai de meu filho o fado acerbo,
 « A meu devido chôro una-se o vosso.

« Venus, tu que seu mal tambem causaste ;
 « Que astro d'oiro dos Ceos nos-estás vendo ;
 « Se hes da ternura a Deosa, offusca o brilho,
 « Chora comigo, ou foge do Horizonte.
 « Talvêz tu mesma, ó Venus, o-adorasses !
 « ; E quem podia impunemente olhal-o ?
 « Meu Narciso, o meu filho era mais bello
 « Que o teu Adonis, invejosa Cypria.
 « Era mais bello o objéto, que espertára
 « Dentro em seu coração de amor as chamas :
 « O fogo de meu filho era mais vivo ;
 « Foi na paixão mais infeliz que Adonis.—
 « A flor do meu Narciso he mais singêla,
 « Mais amavel que a rosa ; o mundo inteiro
 « Outra flor não produz, que assim me-agrade.
 « A pura candidez que tinha n'alma
 « Tem nas folhas ; entre ellas se-conserva
 « O purpureo rubor, que lhe-convinha.
 « Não tem na planta como a rosa espinhos,
 « Mais bello he seu perfume ; ah ! seu perfume.
 « He da sua virtude a propria imagem.—
 « Teu Adonis por ti só foi carpido ;
 « Mas esta dôr, que o coração me-turva,
 « Eil-a em suas irmãs, eil-a entranhada
 « Em quantas Ninfas pelo bosque habitão !—
 « Venus, se hes Deosa da fiel ternura,

« Respeita nossa dôr, sóme os teus raios :
 » Não subas para os Ceos , clara Diana ,
 « Morreo meu filho , o teu Alumno he morto ! . :
 « Pranteai de meu filho o fado acerbo ,
 « A meu devido chôro una-se o vosso .

« Lembra-me o tempo alegre em que meu filho
 « Nutria ao seio meu : brincão-me n'alma
 « Inda seu riso e simples festejos .
 « Co'a pequenina bôca um beijo pede ;
 « Eu lh'-o-dou ; com ar ledô está sorrindo .
 « Co'a mão inda inexperta ora me-puxa
 « Para o rosto o cabello , ora meus labios
 « C'os dedinhos me-aperta ! ah ! que eu deliro !
 « Sim : de tudo gozei . . . mas elle he morto ! .
 « Pranteai de meu filho o fado acerbo ,
 « A meu devido chôro una-se o vosso .

« Terra invejosa , ah ! tu m'-o cobiçaste !
 « Tão lindo objéto como foi Narciso ,
 « Nunca o tu possuiste ! Eis-me roubada ! . .
 « Para teu filho o filho meu quizeste ;
 « Os meus despojos te-fizerão rica :
 « Restitue-m'-o outra vez , Terra invejosa ,
 « Do avaro seio teu para o meu seio
 « Vou transportar as adoradas flores .

« Mas, quem sabe?... ó terror! talvez que sintão!
 « Talvez materna dextra espedaçasse,
 « Colhendo as flores, de meu filho os membros.
 « Se elle he sensível, se escutar-me póde,
 « Se transformado em planta inda aqui vive,
 « Ah! não mais d'este sitio hei de apartar-me!
 « Meu filho está sem fôrça, hei de amparal-o,
 « Sentirá sempre os maternaes carinhos.
 « Não quero que jámais suporte a sède,
 « Nem que insétos alígeros lhe-pousem.
 « Morra quem lhe-chegar. Se um vento agreste
 « Quizer prostral-o, me-achará diante.
 « Terra, dá-lhe á raiz copiosos sucos,
 « O filho nutre, que eu nutri na infancia:
 « Fébo, dá-lhe o calor que exige a vida:
 « Lua, ajuda-lhe o aumento: orvalhos frescos
 « Lhe-envia lá do Ceo chorando, Aurora:
 « Brincai com elle, ó Zéphyros, ó Auras. —
 « Saudade, eu te-consagro este ermo sitio:
 « Nunca mais o prazer aqui se-encontre. —
 « Dríades, que habitaes nos duros troncos,
 « Pranteai de meu filho o fado acerbo,
 « A meu devído chôro una-se o vosso.

« E tu, fonte cruel, que m'-o-illudiste!
 « Nem ave, nem pastor prove essas agoas:

« Corras no Inverno tímida e medonha ;
 « Séques no Éstio ; o Outono te-enxovalbe
 « Co'as sêcas folhas , que dispersa o vento ;
 « Na Primavera as Serpes te-envenenem ,
 « Banhem-se em ti só fétidas Harpias ;
 « De acónito , e cicuta as margens enchas :
 « Póssa a dor maternal tocando os Numes ,
 « Fadar-te horrores , com que a Styge excedas. —
 « Irmãs do filho meu , Náíades ternas ,
 « Pranteai de meu filho o fado acerbo ,
 « A meu devído chôro una-se o vosso .

« Narciso!..mas que ideia entra em minha alma!
 « ; Quem sabe se hes feliz em quanto chôro!
 « Teu amor , que mortal não gozarias ,
 « Gozando agora estás , amas-te ainda ,
 « Reunes em ti mesmo oppostos sexos ,
 « Fecundas-te ; oh ! transporte ! eil-a persinto
 « Propagar-se no mundo a nova especie !
 « Passou-se o tempo de chorar sem fruto ,
 « Propícia a Natureza te-consola ;
 « Gozas perenne amor , que nem ciames ,
 « Nem te-géra pezar , nem se-resfria ;
 « Os laços de Himeneo te-unem contigo .
 « ; Porém gozas-te d'isto ? ; acaso sentes !
 « ; Incerteza cruel ! Já na minha alma

« Doce consolação caber não póde.

« Pranteai de meu filho o fado acerbo,

« A meu devido choro una-se o vosso.

« Meu filho, eu te-consagro em monumento

« Este visinho funeral cipreste.

« Eu mesma de seus ramos coroada

« Nesta selva de lugubre susurro,

« Palida e mûda, e em negro cinto envolta,

« Em tórno d'elle girarei chorando,

« Qual espectro saudoso em tórno á campa.

« Se aqui passar alguém, na horrivel fonte

« Não soffrerei que toque, e um cheio vaso

« Aos labios lhe-porei de agoa mais pura.

« Dar-lhe-hei para comer silvestres frutos:

« Farci que um pouco ao lado meu repouse

« A' sombra d'estas arvores da morte,

« E assim lhe-contarei meus infortunios:

« = Demora-te inda um pouco, hóspede amigo,

« Adóra este lugar, e as alvas flores;

« São do amavel Narciso amaveis restos.

« Foi bello como o Sol, foi sempre esquivo f

« Suspirarão por elle as Ninfas todas,

« Nenhuma o-mereceo; mas foi vencido

« Pelo gesto melhor, que tinha o mundo;

« Vio na proxima fonte a propria imagem,

« Amou-a , delirou , teve-a por Ninfa .
 « Conheceo a illusão , mas foi já tarde ;
 « Entranbada áfflicção cortou seus dias :
 « Os Numes n'esta planta o-convertêrão .
 « Aqui o Irmão as Náíades chorárão ;
 « E eu sua Mãi , sem elle inconsolavel ,
 « O alto cipreste lhe-sagrei chorando .
 « Gravei sôbre elle o nome de *Narciso* ;
 « E pendurei qual vês , sôbre a legenda
 « O arco , a buzina , a aljava de meu filho .
 « Passageiro não mais , ergue-te á pressa ,
 « Chora , beija esta flor , e deixa o sítio . =
 « Cortai formosas Náíades as tranças ,
 « E o fraterno cipreste ornai com ellas ;
 « Pranteai de meu filho o fado acerbo ,
 « A meu devído chôro una-se o vosso . »



Assim bradou Liriope , e de nove
 A chorar começou findando as queixas .
 As filhas do Cephiso a-acompanhárão ,
 De Narciso pranteando o fado acerbo ,
 E ao chôro maternal seu chôro unírão .
 Mergulhadas na dor por largas horas
 Ficárão soluçando entre o silencio .

Forão-se es altos Ceos a pouco e pouco
 De luz enchendo, e desmaiando os fachos:
 Foi córando o horizonte a fresca Aurora;
 Raiou no Oriente o Sol, que vio de prante
 A bella e nova flor toda orvalhada.—
 As Ninfas pelo bosque discorrêrão
 Todo o dia a chorar: volvendo a noite
 A seu emprêgo lúgubre volvêrão,
 E tres dias assim passárão juntas:
 E diz-se, que inda agora he seu costume
 Ir cada anno uma vez, no proprio dia,
 Por seu perdido Irmão chamar no bosque,
 Onde a Mãi consternada está velando:
 E nos gritos da dor se-ouve inda agora
 E no infeliz de longe a acompanhá-as.

F I M.

DIF.

DIFFERENTES PEÇAS

SOBRE O OBJETO

DE

ECHO E NARCISO.

CANSONETTA



JOven Lilia, abandonada
Por seu lindo ingrato amante,
Solitaria, delirante
Divagava em seu jardim,
E ús florinhas, que a-cercavão
A chorar dizia assim :

« Vosso fado e curta vida,
« Quanto invejo, ó minhas flores!
« Se gozaes breves amores
« Co'a existencia os-acabaeis :
« Eu perdi ternos affagos,
» E inda existo entre os mortaes.»

N'isto aos olhos por acaso
 Se-lhe-offrece alvo Narciso:
 Corre a Ninfa, e de improviso
 Quer a flor aos pés calcar;
 Que o retrato de um perverso
 Não se-deve conservar.

Sôbre o pé da tenra planta
 Vingativa dextra alçára;
 Porê m treme, hesita, e pára,
 Não se-atreve a ser cruel:
 «Vive, diz, ó linda imagem
 «Do meu barbaro infel,

«Vive, ó flor, e ás inexpertas,
 «Qual eu fui, traze á memória
 «De Echo afflita a escura historia,
 «Triste vítima de amor.
 «Vive, e lembrem-se os ingratos,
 «Qual se-pune atroz rigor.»



C A R T A

*Que o A. recebeu de uma Senhora pelo
Correio de Lisboa, logo depois da pu-
blicação da Primeira Parte d'esta
Obra.*

SENHOR

SE uma convenção, talvez bem opposta á Lei da reciprocidade, prohibe ás mulheres o ingerir-se nas Sciencias elevadas, bem como nos negocios publicos; ao menos não lhes-he negado o direito de pensar nas coisas, que interessão particularmente o seu amor proprio. Não condeneis pois, Senhor, a justa empreza, que eu tómo: ficando certo, que não he sem tributar homenagem ao genio, sem confessar a minha admiração pelos vossos raros e brilhantes talentos, que eu ouso proferir duas palavras á cerca das vossas CARTAS DE ECHO E NARCISO.

15 . . .

Sim, Senhor; a leitura d'esta Obra em duplicado modo offende o bello sexo, que esperava da vossa delicada Musa mais affabilidade: aqui a mulher se-escandaliza por ver barbaramente despresado o sentimento que mais preza, o filho mimoso do seu coração: e o homem perde-lhe a estima, vendo-a tão supplicante á custa do pudor. — Com effeito a vossa fabula poetica parece-me fóra da Natureza: he sempre da Belleza, que nasce o amor; a Belleza, na linguagem dos poetas, he uma Deosa; e a uma Deosa não convêm um caráter de humilhação. — Quando se-pintão os extremos de um amante despresado por uma Bella, a verosimilhança está na sua integridade, repete-se-nos o que todos os dias se-observa, e retrata-se a Natureza pelo lado porque costumâmos vê-la: E tanto aumenta a graça feminil uma repulsa aos reclamos amorosos do homem, quanto ésta repulsa torna mais desejado, e quasi divino o prazer, que o amor prepara.

Talvêz, Senhor, me-digaes, que he do caráter da Fábula o ser mais livre que a Verdade; e que um Poeta se-permitte com justiça dizer galantes mentiras a favor do seu poema: convenho; mas a penna d'oiro, que vos-concedo Apollo, só deve traçar a verdade pura como

a vossa alma, brilhante como a vossa imaginação, amavel como o vosso espirito.

Espera-se ainda uma Segunda Parte da vossa Obra. ¿Acaso continuará ella este paradoxo do sentimento? — Qualquer que seja o destino do vosso Narciso, a infeliz Echo nunca será vingada. Mas eu fôlgo de esperar das riquezas do vosso genio uma completa indemnisação da offensa, que fizestes ao nosso innocente péjo.

etc.

M. C. L.

N. B. Como éstas, recbeo o Autor algumas outras Cartas; e não lhe sendo possível responder à cada uma em particular, nas duas Epistolas, que se seguem, elle se dirige a todas as Senhoras Portuguezas.

O EDIT.

EPISTOLA 1.^a

AS PORTUGUEZAS FORMOSAS.

A Maveis Lusitanas,
De novo aos mares volto,
Concérto o roto lenho,
Ao vento as vellas sólto.

Bem sei que presidido
Por astro deshumano,
Me-vi já naufragante
N'este fatal Oceano.

A custo d'entre as ondas
Ganhando a praia então,
Jurei não mais fiar-me
Da cérula extensão.

; Mas que não póde o tempo !
Dos votos meus zombou ;
Os p'rigos me-esquecêrão ,
A esp'rança me-voltou.

De Echo e Narciso a historia
Infaustamente ordida ;
Vai ser no Luso Pindo
Inteira repetida.

Já sinto a fama , erguendo
A voz funesta ao Vate ,
E dar no clarim d'oiro
Universal rebate.

O indomito capricho
Vôa de sala em sala :
De affrontas , de vingança ,
De guerras só vos-falla.

As armas suspendidas
De novo levantaes :
; Que exercitos sem conto !
; Que intrépidas marchaes !

¡ Que vistas inflammadas !
 ¡ Que bellico furor !
 ¡ Que fôrças invenciveis !
 ¡ Que Marcial clamor !

O Macedonio invicto ,
 Que o mundo avassallára ,
 Ante as falanges vossas
 Vencido se-mostrára.

A vossos pés gemendo
 Poria a espada fera ;
 Se aos Povos deu cadeias ,
 De vós as-recebêra.

Invictas Amazonas,
 Deixemos o furor :
 Só militar vos-cumpre
 Nos arraiaes de Amor.

Não sou contrário vosso ,
 Debalde a fama o-diz ;
 Não fui brutal Diomédes ,
 Deosas ferir não quiz.

Pacífica Oliveira ,
Arvore em vez de espada: .
Voltai á encantadora
Doçura costumada.

Se acaso Reo me-credes ;
De vossos esquadrões
Sáia uma só guerreira ,
E lance-me em grilhões.

Olhai , que não he justo ,
Honroso , nem igual ,
Que exercitos de Deosas
Triunfem de um mortal.

Deponde um pouco as iras ,
Olhai o meu *Processo* ,
E a decisão de Numes
Não rejeiteis vos-peço.

E então se a vossa graça
De novo me-outorgaes ,
De ser o cantor vosso
Não deixarei jámais.

Baixando do Parnaso
As nove Deusas bellas,
Sómente hão de inspirar-me
Ternissimas *Novellas*.

E quando da Castalia
Beber sacro licôr,
Só dictarei preceitos
Do vosso Tocador:

EPÍSTOLA

EPISTOLA 2.^a

A'S PORTUGUEZAS FEIAS.

DAs Ninfas seguir os vestigios

• Das nossas mortaes he dever :

O' vós Lusitanas,

Que amais, sem podêr

Jámais agradar,

A amante de Narciso

Convem-vos imitar.

Se tendes de Venus o peito,

De Venus sem ter o semblante,

Deponde das Bellas

O genio arrogante,

Pedi, supplicai :

Se Amor cruel vos-foge,

As azas lhe-tomai.

Co'as ondas as róchas se-gástão,
As feras o tempo amacia :

Mostrai-vos constantes,

E o que vos-fugia

Por fim conseguis ;

Quem teima, ou tarde ou cedo

Costuma ser feliz.

E se esta lição vos-he nova ,

Vós, gratas ao vosso Cantor,

Segui-o em tal guerra ;

Deveil-o ao furor

Das Bellas roubar ;

Se *Furias* o-deffendem,

Não tem que recear.



PROCESSO DE CITHERA.

DISCURSO DE AGLAIA,

A MAIS NOVA DAS GRAÇAS,

Representante das Senhoras Portuguezas,

CONTRA

*O Autor das Cartas de ECHO E NARCISO,
perante o Supremo Tribunal de Cithéra.*

AMavel Deosa de Chypre, candidos Prazeres, festivos Jogos, invenciveis Amores, Membros d'este respeitavel Tribunal, dignai-vos escutar-me com bondade. Eu exijo toda a vossa attenção, e logo reclamarei toda a vossa justiça. He em nome das amaveis Portuguezas que eu fallo, he de um crime horrivel comettido contra ellas que me-venho queixar. Um escandalo

público, uma perigosa innovação, a belleza insultada, o amor sacrilegamente escarnecido; eis aqui em resumo o delito d'aquellê que eu accuso perante vós. — Mas antes de entrar n'esta exposição, seja-me licito appresentar, como base, alguns principios, em que todos vós concordareis.

A Poesia foi a primeira linguagem do amor. Os Pastores da Arcadia recostados entre os seus gados, á sombra das arvores floridas, nos bellos dias de uma Primavera eterna; homens de costumes simples, filhos da Natureza, entregues á mais pura sensibilidade; rodeados de paz, de segurança, de amenidade; testemunhas da innocente ternura das aves, dos rebanhos, e ainda das plantas; estes primeiros cultivadores das Musas, cujo mundo estava todo nos seus campos, e cuja sciencia consistia no conhecimento do proprio coração, cantarão a belleza das amaveis Pastoras, o effeito, que as suas graças produzião n'elles, o fogo dos seus desejos, a vivacidade dos seus transportes; promettêrão-lhes a sua constancia, e supplicarão o seus favores. Aquellas, que pelos seus encantos reunirão um maior número de adoradores, virão-se na precisão de fazer entre elles escolha: d'aqui nascêrão as rivalidades; das rivalidades

● emprêgo de todos os meios imaginaveis para agradar; e d'entre elles nenhum appareceo mais efficaz do que a humilhação e a importunidade. Os primeiros Cantos pois respirárão um caráter de dependencia; e os lindos objéto a que se dirigião, começárão a mostrar pelas suas maneiras esquivas, e pelo desprêso das mais abattidas súplicas uma bem entendida Soberania. Este procedimento classico dos dois sexos nos tempos do mundo primitivo, estendeo-se através dos Seculos, formou n'esta parte o caráter de todos os Povos da terra; e engrossado de idade em idade pelo hábito, tem produzido uma torrente invencivel, que ha de abraçar o mundo em quanto existir o amor. Esta posse não interrompida, que o meu sexo te n desde a mais alta antiguidade, lhe-constitue já por si um direito muito respeitavel; mas ha ainda alguma coisa mais.

Este longo hábito não podia sempre ter existido no mesmo pé, se, para resistir ao curso impetuoso dos annos, se não achasse abraçado á natureza, como a uma coluna invencivel; porque se o capricho o-tivesse feito nascer, e á arte se-devesse o seu augmento, he certo que elle não duraria já, porque as obras da arte e do capricho são mortaes como os homens. Mas

a soberania da mulher tem a sua razão na natureza mesma. Encarregada de guardar um precioso depósito, o thesoiro da sua honra, a mulher se-desenvolve mais cedo, e a sua razão amadurece quando a do homem está apenas em flor: esta razão he o escudo, que ella recebe das mãos da natureza, entrando na idade, em que he forçoso alistar-se debaixo das bandeiras de Venus. Uma voz interior a-adverte, que ella na primeira vitoria do amor arrisca mais que o homem; que a censura e a malignidade não lhes-costuma perdoar certas fraquezas, que nos homens apenas são consideradas.

Por outra parte, os praseres amorosos estão repartidos com igualdade pelos dois sexos; as penas parecê terem sido só reservadas para o nosso. Hé a Mãe quem soffre dando a vida ao filho; he a Mãe quem o-sustenta na sua infancia, e quem o-guia nos seus primeiros passos; quem começa a formar a sua razão: he no coração materno, que todos os males de um filho refletem com toda a sua energia. As obrigações mais duras e fastidiosas da vida doméstica, a sujeição e a obediencia, mil deveres difficeis na prática, uma constante necessidade de prevenir juizos sinistros, em que

o mundo não costuma ser avaro; eis aqui em poucas palavras o quadro da vida conjugal para a mulher, vida de que o homem quasi não conhece mais do que os prazeres. ; He pois ella, ou o homem quem deve supplicar?

Mas examinemos ainda de mais perto as intenções da Natureza. Foi ella quem lançou pela sua propria mão no coração do homem o germen d'essa audacia emprehendedôra que o caracteriza, ao mesmo tempo, que a timidez e o pudor formão o nosso genio, e circunscrevem as nossas acções dentro do mais apertado circulo, do qual nós não costumamos, não podemos, nem queremos sair. ; Não seria por tanto absurdo e cómicamente rediculo pertender que a timidez atacasse, e o atrevimento não fizesse mais que defender-se?

A's mulhieres couberão tambem em sorte a maior formosura, as mais bellas, as mais amaveis qualidades: tem ideas vivas, sentimentos delicados e affetuosos, expressão meiga e affavel, voz insinuante, e um talento superior para amenisar as horas, os dias, a vida mesma aos que tem a felicidade de viver entre ellas. Estas qualidades adoraveis são frutos, que ellas não produzem para si mesmas, ou de que

pelo menos se não gozão senão indirectamente. Pertender pois que as mulheres, com tantos titulos para serem amadas, se-humilhem a mendigar a ternura dos homens seria além de uma injustiça uma loucura; loucura igual á d'aquelle, que exigisse da arvore carregada com o peso de frutos deliciosos, que se-arrancasse ella mesma da terra, que se-dirigisse a elle, que abaixasse os seus ramos até ao chão, para que o ocioso, sem se-levantar da relva, onde tivesse dormido, os-podesse saborear, sem ter ao menos o trabalho de alçar a mão para colhel-os.

Mas ; precisamos nós de mais provas, ou necessita-se de alguma para demonstrar o que he já por si mesmo evidente? A verdade não pôde jámais ser disfarçada; basta apresentar-se para ser reconhecida. — *Nas guerras amorosas a defensiva pertence á mulher.* — He uma proposição, em que só um genio caluniar, revoltoso, perfido, e de má fé, em que só o espirito de partido levado até á insolencia poderá não convir. Examinemos porém ainda se para taes innovações pôde haver algum fundamento nos homens. Arranquemos a máscara ao traidor: eil-o abi palido, tremendo, e cheio de confusão! Juizes conhecei o seu crime, e

logo o-convencerei da baixeza das intenções, com que foi perpetrado. Falto de delicadeza para com as suas compatriotas; sem respeito a costumes tão antigos como a humanidade; rasgando sacrilegamente a primeira, e a mais importante pagina do Código do amor; inspirado mais pelo Genio do Mal, que por alguma das Musas, este joven poeta n'um accesso de delirio, criminoso entretanto, ousou desmentir publicamente a convicção íntima dos dois sexos; oppôr-se á Natureza na sua marcha imperiosa; apresentar a mulher supplicante até á baixeza, até á indignidade, e o homem tomando rigores, que lhe não convem, e levando-os mais longe do que as mulheres, a quem elles competem de propriedade, os-tem jámais levado. A letra e principalmente o espirito da sua obra são tão lisongeiros para o seu sexo, que he de temer que este exemplo seja seguido, se vós, condenando-o sem contemplação para com as Musas, não derdes uma próva da vossa inalteravel justiça: porque, ¿ que outra coisa pertendeo elle, respeitaveis Juizes, senão fazer uma revolução em o nosso imperio? E se a obra o-deshonra, o motivo, que a ella o-levou não o-deshonra menos. Esta usurpação á Natureza e ao Amor foi reprehendida unicamente para acabar de tornar os homens tirannos do Mundo.

Desprezando os sagrados direitos de um sexo, que devião respeitar até porque lhes-cedia em fôrça, os homens tomárão para si tudo quanto podia haver grande na vida. Os poderes, as artes, as sciencias, as descobertas, as navegações, as conquistas, o commercio, tudo emfim lhes-pertence porque o-usurpárão: nada se-deixou ás mulheres, mais que a sujeição, o recolhimento, a umildade, a ignorancia, e os trabalhos sem glória. Restou-lhes todavia ainda um bem, mas não lh'-o agradeçamos; elles não podrão destruir a essencia eterna das cousas, e só por isso lh'-o deixárão; foi-lhes forçoso, apesar da sua altivêz, apesar dos loiros, que os-cingião, esquecendo os seus triunfos de todo o genero, dobrar o joelho diante da formusura tímida, queimar-lhe incenso, dirigir-lhe súplicas, e reconhecer n'ella d'este modo uma Divindade, que lhes não era possível encadear ao seu carro de triumpho. Mas ainda quando elles podessem prival-as d'esta unica indemnisação, tornando-as dependentes e supplicantes no amor; ainda quando lhes-fosse dado riscar na historia da humanidade o só capitulo onde ellas fazem o primeiro papel, o só em que o seu nome póde passar com gloria á posteridade, ; interessarião por ventura n'esta refórma barbara? Desenganar-se-hião

bem depressa da loucura da sua escolha ; senti-
rião que n'estes combates a defeza he mais dif-
fícil que o ataque ; verião perdido para elles
o prazer da vitoria ; a pouca estima, que ellas
lhes-podem consagrar acabaria de todo, ven-
do-os completamente seus tirannos. He no
seu estado átual, que as coisas estão no seu
verdadeiro pé de conveniencia para uma e outra
parte. Se o homem tem, como pertende, mais
fôrça sôbre si mesmo, esta fôrça junta á sua
caprichosa suberba, faria que elle nunca ce-
lesse, e o amor, em vez de uma guerra ligei-
ra, se-tornaria uma guerra pertinaz e intermi-
vel. Prevejo que alguns mais moderados, mas
nãõ menos loucos, pertenderãõ que nãõ haja
absolutamente guerra nos Estados de Cupido,
toda a vez que o odio nãõ estiver nos cora-
ções, o odio, que devia ser o unico gérmen
das guerras ; e que nenhum dos sexos dissimúle
os seus sentimentos. He outro absurdo, eu o-
repito cem vezes, estas cousas nãõ podem estar
bem senãõ do modo por que estão (*). O Amor,

(*) *Croyez-moi, après qu'on a bien rai-
sonné ou sur l'amour, ou sur telle autre ma-
tière qu'on voudra, on trouve au bout du
compte que les choses sont bien comme elles sont,
et que la réforme qu'on prétendrait y appor-
ter gâteroit tout.*

FONTENELL. *Dialog. des Morts. Dial. de Saph.
et L.*

êsta mistura de penas e prazeres, ainda mais agradável que os prazeres mesmos, perdendo d'este modo o encanto de forçar obstaculos, tornar-se-hia um negocio de poucos momentos, e a humanidade se-veria privada dos seus mais bellos dias. A vida do homem he um deserto selvagem e espinhoso: ; para que iriamos destruir os bellos jardins plantados no meio d'este deserto? ; porque os-substituiriamos por uma flor solitaria, e de uma duração efémera? Não: o amor deve ser demorado, he por tanto necessaria a guerra; não deve ser eterna, e por isso ás mulheres compete a defeza. — Depois de tudo isto ; quem não vê a justiça com que eu reclamo castigo, e castigo memoravel, sôbre o poeta, autor das *Cartas de Echo e Narciso!*

Juizes, eu descanso na vossa justiça, e me-abandono ao vosso zelo pelo bem universal. Desafrontai a razão, a natureza, e as bellas Lusitanas offendidas; as bellas Lusitanas, que tem sido em todo o tempo o nosso cuidado, e a quem devemos tantos triunfos. O seu resentimento tem chegado ao maior ponto; e a maior parte d'ellas, nem ousou lêr este monumento da sua vergonha.

Mandai, que o Temerario para exemplo
seu,

seu, e público, e para expiação do seu delicto, componha um Soneto aos Annos de Armia, quatro Quadras para um lenço, que Jonia pertende offerecer ao seu amante, e outras quatro para outro, que ella destina á sua amiga; que sustente emfim trez noites de improviso n'uma companhia de trinta Damas, que lhe dêem motes sem sentido, nem medição, e converseem em quanto elle recitar.

DISCURSO

*Em resposta ao precedente pela Musa do
Autor das CARTAS DE ECHO E NAR-
CISO.*

Não he para tomar parte nas Festas de Cithéra, como costume, que eu deixo hoje a habitação do Parnaço. Venho deffender a innocencia caluniada perante vós. Mas eu não me-appresento como simples Procuradora: tómo sobre mim a responsabilidade de Cantos, que inspirei.

Juizes, duas considerações devião bastar para, sem exame mesmo de causa, se-absolver o poeta indignamente accusado: 1.º porque eu, que o-inspirei e agora o-defendo, pertenço ao mesmo sexo, que se-nos-inculca affrontado: 2.ª permitta-se-me dizer-vol-o, porque Aglaia, bem que o não confesse, só foi aqui trazida por um espirito de vingança e de odio particular, por ter sido desprezada por Narciso no Banho da

Ilha (*), offensa que não costuma ser perdoada pelo nosso sexo e muito menos pelas Graças. Mas já que eu fui provocada não recusarei o duello: vejo a razão da minha parte e conto com o triunfo: attendei-me pois.

Eu tinha saído uma bella tarde da minha gruta, agradavelmente situada entre os bosques do Parnaso: dirigi o meu passeio para as risornhas margens do Cephiso, que não corre longe da nossa montanha: lancei por acaso os olhos sobre um dos antigos choupos, que abrigão com a sua sombra immensa uma grande porção do rio: vi letras entalhadas no seu tronco, aproximei-me, e lí; era a Primeira Carta de *Narciso a Echo*. Da leitura d'esta foi-me facil prever, que ella tinha sido precedida por outra; não tardei em encontral-a na arvore mais proxima: a sua leitura me-fez esperar, que acharia ainda muitas escritas pela mesma mão. Fiz d'isto um negocio muito importante, corri todo o arvoredado com a maior exactidão, recolhi todas as inscrições, que ali se encontravão, dei-lhes a ordem, em que meparecco provavel que tivessem sido compostas

(*) Vid. Cart. XV. de *Narciso a Echo* pag. 111 — 121.

pelos dois insensatos. Tempos se-passarão sem que eu apresentasse ao mundo este thesoiro, ou antes este desgraçado cofre de Pandora. Mas veio o momento marcado pelos Fados. — Era uma bella noite de Estio: o meu Alumno vagava sósinho no seu jardim; o Céu estava desafrontado, a lua clara, o ár tepido, a folhagem mollemente inquieta por uma viração agradável: o silencio e a paz caminhavão a seu lado, os arômas da vegetação se diffundião em róda d'elle. A sua imaginação se-accendeo a pouco e pouco, e girou com azas rápidas sôbre os séculos passados; foi-lhe forçoso cantar, sentou-se, e eu me sentei invisivel ao seu lado, inspirando-lhe estes versos, que não são mais que a próva de duas loucuras oppostas, mas de que hoje se-pertende fazer-lhe um crime. Uma Ninfa desprezada insiste no seu amôr; um mancebo amado, idolatrado persiste na ingravidão e na esquivança, eis aqui em duas palavras toda a historia e toda a culpa.

Apenas esta obra foi apresentada aos olhos do mundo, quando logo o Capricho proclamou altamente ás Bellas, que estavam insultadas, e que á sua honra importava o vingar-se. Aglaia, contando com a vitoria, talvez porque não esperava adversario, encarregou-se de

opresentar as suas queixas, e fazer na vossa presença reclamações inúteis, como agora fez. Em todo o seu Discurso cançou-se unicamente em demonstrar principios, em que todos concordâmos, e que ninguém jamais havia contestado. Provou pela prática e pela natureza que o nosso sexo he obrigado a deffender-se em quanto os homens são destinados a atacar. Concordo: mas perguntar-lhe-hei sómente se um exemplo em contrario destróe a generalidade de uma regra, ou se sôbre um facto particular, he permittido fundar uma Lei universal? Se nada d'isto se-póde fazer, ¿ como se-imputa ao poeta o ter apprehendido uma revolução n'esta parte dos costumes, a mais bem estabelecida, quando elle não aventura uma só vèz o seu juizo sôbre o procedimento das duas personagens, que fêz fallar?

Quando elle tivesse tratado mais longamente ainda da historia de Diana e Endimião, Fedra e Hipolito, Biblis e Cauno, Salmacis e o filho de Mercurio, Sapho e Faon, e de mil outros como estes, ainda assim mesmo não havia crime para podêr ser accusado; porque um costume que tira a sua fôrça da natureza e do uso de todos os tempos, não está sujeito a re-

voluções, só porque uma ou outra vez alguns phenomenos espantosos o-tem interrompido.

E demais: ; quem erão estas duas personagens, que a boa fé e a franqueza de Aglaia, tórnao, para assim dizer, Representantes dos dois sexos? Echo e Narciso. — Examinemos o retrato de ambos nas suas Cartas. Echo era uma das Ninfas dos primeiros tempos; e isto só basta para pôr muita differença entre ella e as amáveis Portuguezas de hoje. Echo vivia nos campos, na liberdade, no regaço da Natureza: hoje vive-se nas Cidades, na sujeição, debaixo do péso de mil cadeias forjadas pela arte, e doiradas pela delicadeza. As Ninfas não tinhamo que dar conta das suas acções: senão a si mesmas; e por isso os impulsos do seu coração constituíão a sua unica lei, e o só Genio do prazer era o guia, que conduzia os seus passos por veredas sempre alcatifadas de rosas. Hoje as mortaes achando-se em muito diversas circumstancias tem differentes deveres: a honra as-conduz pela mão por caminhos nobres sim, ; mas quantas vezes cobertos de espinhos! Argos vigilantes não as-perdem jamais de vista, e ai do seu nome se se-desvião um só passo d'esta vereda. ; E não he grande o contraste, que resulta d'esta confrontação? Pois o parallelo, que eu passo a

fazer entre Narciso e os mancebos de hoje, não apresentará uma opposição menos sensível. Narciso na idade de dezeseis annos só conhecia do mundo os bosques e as feras: punha as suas occupações e os seus recreios na caça, e não amava mais que os seus cães: e agora o amor parece brincar já com o Menino ao sair do berço; os annos da innocencia acabão antes dos da infancia, a arte de agradar he o primeiro conhecimento, que se-adquire: todas as theorias do amor se-aprendem bem depressa, porque a prática he geral, e por toda a parte sem misterios, nem reserva. O desejo de agradar vem antes da precisão, e esta precisão mesma vem prematura: graças aos cuidados da arte sempre vigilante, que tem sabido aumentar cém vezes a sedução da belleza feminil.— Narciso vivia só pelas florestas; os Mancebos d'hoje vagão de assemblea em assemblea, de theatro em theatro. Narciso tinha feito um voto de cingir-se ao culto, e ás leis de Diana; os Mancebos d'hoje fazem um muito mais solene de não abandonar jámais as leis d'amor, e o altar de Venus. Narciso ouvia Tirésias, que lhe aconselhava de fugir á ternura; os Mancebos d'hoje nada querem ouvir, e desgraçado o Tirésias, que ousasse aconselhal-os de igual maneira.

Pelo que acabo de expôr-vos deveis convencer-vos, de que as Damas deverião antes agradecer ao Poeta, que para apresentar um exemplo em que o meu sexo apparecesse como supplicante ao seu, lançou mão da história de Echo e Narciso: Echo, a mais terna, a mais constante de todas as Ninfas; Narciso, além do mais bello, o mais duro e o mais ingrato de todos os homens.

Isto era já mais que bastante, a minha adversaria está desarmada; mas he necessario vibrar-lhe o último golpe. Eu lhe-concedo liberalmente que Echo e Narciso fossem Reos de lesa-natureza; mas ¿vio-se por ventura que o Poeta dissimulasse o castigo de um e outro? ¿Não perdeu Echo a essencia de Ninfa, transformada em montanha? ¿Não findou Narciso os seus dias convertido na flor, que ainda conserva o seu nome? Calou o Poeta a'apparição, e a falla de Némesis, que tinha annuciado esta pena? E ultimamente ¿não se-apresentou o ingrato como perdido de amores pela falsa Náíade? ¿Que ousará Aglaia responder-me depois de tudo isto?

¿Juizes, nós estamos innocentes! Voz acabais de o-ver. He sobre ella que deve recaír

todo o pèsso da vossa justiça, não só como caluniadora, mas porque he ella quem verdadeiramente offende o meu sexo, suppondo-o tão fraco, que pudesse mudar de proceder, suppondo-o tão fraco, que bastasse a antiga historia dos delirios amorosos de uma Ninfa, para fazer a sonhada revolução, com que tanta bulha se-vos-fez.

S E N T E N Ç A.

O Supremo Tribunal de Cithéra depois de ter attentamente ouvido o Discurso de accusação recitado por Aglaia, contra o Poeta Autor das *Cartas de Echo e Narciso*, assim como a sua defeza apresentada pela sua Musa, declarou que o accusado está innocente; e como tal determina que o seu crédito público lhe-seja restituído por todo o Imperio de Amor: ordenando igualmente, que a accusadora convencida, como o-foi da calúnia, seja por tres dias privada de tomar parte nas Festas de Cithéra, e nunca mais seja vista por Mancebo algum durante a sua estada no banho.

Cithéra: 1 de Abril.

Venus. — Os Praxeres. — Os Jogos. — Os Amores.

DESCRIÇÃO E CULTURA

DO GENERO

N A R C I S O,

E em particular da especie NARCISO DOS POETAS.

*(Artigo communicado ao Autor por um
seu Amigo).*

DESCRIPÇÃO DO GENERO. — O Narciso he uma planta bolbosa, pertence ao grande grupo das *monocotiledoneas*. A sua raiz (assim chamada impropriamente), he uma cebola (o *bolbo* dos Botanicos, isto he um gomo floral, empacotado pelas folhas radicaes, que ficarão da vegetação passada, assente sôbre um pequeno prato de mais forte consistencia, e d'onde saem diversas capillares, para receberem alimentos ao vegetal). Não tem tronco propriamente tal, mas apenas se-eleva sôbre a cebola um pedunculo, sustentando uma ou mais flores, ordinariamente da altura de um a dois palmos, conhecido debaixo do nome de haste

(*scapus*). Suas folhas estão dispostas em volta da parte inferior da haste, sem com tudo fazerem parte da mesma: ellas são oblongadas e chatas, em fórma de uma espada (*ensiformes*). As flores são incompletas, e tem por caratêres um perianthio simples branco (*corolla*, seg. LINN.); em uma só peça, cylindrico, com seis rachadellas até ao meio na parte superior, que apresenta a configuração de uma campainha: tem seis órgãos sexuaes masculinos (*estames*) insertos no tubo do perianthio, mais curtos que o perianthio; tem um só órgão sexual feminino (*pistillo*), mais comprido que os masculinos, com a parte superior (*stigma*) devida em tres partes, e a inferior (ou *ovario*) arredondada, e tendo o perianthio sôbre a mesma. As flores são envolvidas no tempo do seu aboamento por uma pequena folha de consistencia palleacea (*spatha*), que por todo o tempo acompanha as flores durante a florescencia

As flores do Narciso são grandes, bellas, e de um aspêto deleitoso; e pela maior parte dotadas de um aroma muito agradavel. Elle floresce na Primavera, e torna-se dobrado por meio da cultura com muita facilidade, razão porque he habitualmente cultivado em quasi todos os nossos jardins. As flores varião, tante

na côr, como ainda mesmo na figura: na côr, mudando de brancas para amarelas; e na figura, tornando-se os órgãos masculinos, por meio da cultura, em *pétalas* (ou folhas da flor), o que constitue então os Narcisos dobrados, os mais frequentes nos jardins de recreio.

He posto o Narciso por LINNEO, na Classe 6.^a (*hexandria*) do seu *Systema sexual*, e na 1.^a Ordem (*monoginia*) da mesma Classe: e pelo nosso BROTERO, na *Flora Lusitana*, na Classe *hexantheria* e Ordem *monostilia*. — Os Botânicos não se-conformão bem no número das especies; uns contão 30, outros 20, e alguns 16; e d'estas, conforme a *Flora Lusitana*, apenas 8 são indigenas de Portugal. Pela cultura são susceptiveis de produzirem muitas variedades: o seu número aumenta todos os dias, e os Catálogos Holandezes apresentavão já, há alguns annos, mais de 120 variedades, cada uma com seu nome differente.

SUA CULTURA. = Em geral a cultura dos Narcisos he assaz facil e simples: querem uma terra ligeira, fôfa, e substancial: elles carecem de humidade. A sua cebola deve ser enterrada pouco profundamente (3 até 5 polegadas), inclinando-se um pouco sôbre o lado, para que
não

não haja o inconveniente de se-enterrar muito, rompendo a terra, o que faria com que ella não arrebentasse. A época, em que se-deve plantar, he indicada ao Jardineiro em todos os paizes pela mesma cebola, pois que ella então principia a arrebentar. Não he preciso regal-os logo depois da plantação, dado mesimo que o terreno tenha pouca humidade; porém passada a primeira época da vegetação, quando apresentando já folhas se-dispoem á florescencia, deve então haver summo cuidado em lhes-subministrar sufficiente agoa: pelo que frequentes vezes se-regue, devendo ser menos as regas logo que desabotoa a flor; de maneira que ao tempo em que se-tirarem da terra as cebolas, ellas conservem pouca humidade.

No nosso clima costumão-se tirar da terra as cebolas; operação que só deverá ser feita quando se-houverem já dessecado as folhas, a fim de n'ellas se-achar já reconcentrada uma porção de succos nutrientes, capazes de podêrem alimentar o vegetal na primeira época da vegetação seguinte, e mesmo dar impulso á vegetação: póde com tudo deixar-se na terra confôrme a natureza do terreno e clima.

Os amadores de novas variedades devem

ter o cuidado de aproximar no alegrete, ou canteiro as cebolas d'aquellas variedades de que elles pertendem as intermediarias, para que por meio da fecundação recíproca possam apparecer. A occasião propria para se-apanharem as sementes he indicada pela abertura da cápsula, que as-contém; as quaes semeadas logo, produzem flores singelas; e pelo contrario, retardando-se as sementeiras, obtem-se então flores dobradas.

Os Narcisos propagão-se de duas maneiras; por sementes, e pelos bolbilhos, que produz a cebola na sua circumferencia; os quaes sendo enterrados todos os annos successivamente, no fim de quatro ou cinco produzem flores.

Os Narcisos vegetão, e florescem igualmente sendo posta a cebola no bocal de um vidro cheio de agoa; e havendo o cuidado, logo que acaba o tempo da florescencia, de enterrar as cebolas, ellas se-conservão e florescem passados annos.

NARCISO DOS POETAS, SUA DESCRIPÇÃO =
Entre as várias especies, he sem dúvida a mais célebre pela sua antiguidade a especie Narciso dos Poetas (*Narcissus poeticus* de Linn.). Ella

foi conhecida dos antigos; e Poetas mui célebres tem feito menção d'ella. He a esta especie, que se-faz attribuir a fabula de *Narciso*. Ella se-encontra na Italia, e nas Provincias meridionaes da França, aonde cresce espontaneamente nos prados, e floresce em Maio. —

Sua cebola he mais pequena, e mais arredondada que a de quasi todas as outras especies: as folhas mais alongadas, mais estreitas e chatas: a sua haste se-eleva d'entre as folhas até á altura, pouco mais ou menos, de um pé, e sôbre ella apparece uma linda flôr de uma brancura de leite, bem aberta, e cujo limbo interior fórma um anel mui curto, e de uma côr purpurea em suas bordas. Eis aqui as palavras, de que Ovidio se-serve descrevendo esta flôr, *METAM. L. 3*:

..... *croceum* *florem*
Inveniunt, foliis medium cingentibus albis.

Esta flor exhala um cheiro mui forte e agradável, que se-sente em distancia: há-a simples e dobrada, porém cada haste não dá mais que uma flor.

SUA CULTURA. = Não differe da cultura geral, e apenas deve haver mais cuidado, em

sendo a Primavera sêca , de amiudar as régas, pois que sem esta precaução difficilmente floresce. Póde-se deixar a cebola muitos annos na terra, mas quando se-quier desenterrar, convém escolher um tempo sêco, como o de Julho, e pôl-a a secar á sombra. Replanta-se no Outono. Sendo esta talvez de todas as especies a mais agradavel e odorífera , he com muita especialidade que os Floristas a-conservão e cultivão em seus jardins.

F I M

E R R A T A S.

<i>Pag.</i>	<i>Vers.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
28	10	Occidental	Oriental
45	9	confusão,	confissão,
56	26	mundo?	mundo.
58	16	caíra	cairá
84	12	fico,	fico.
<i>Na Pag. 112 depois do vers. 23 ajunte-se :</i>			
<i>Serpeavão grinaldas pelos remos ,</i>			
136	4	Ninfas ,	Ninfa ,
138	15	cujas sombras	cujos troncos
141	4	attendendo ,	attentando ,
150	19	outro ;	outra ;

CATALOGO

DOS

Senhores Subscriptores ás CARTAS DE ECHO
E NARCISO.

- D**ona A. A. A. A.
Adelino Huette Forte Gatto.
Adrião Acacio da Silveira Pinto.
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.
Adrião Xavier Freire Corte-gaça.
Albino Allão, *Negoc. no Porto.*
Dr. Albino Allão.
Albino Saldanha de Mello.
Alexandre da Fonseca e Silva.
Alipio Adolfo.
Alipio Freire de Figueiredo-Abreu Castel-Branco.
D. Alizia Zemira Amalia da Paixão Tullia.
Aniceto Gonzales Bobela.
D. Anna Amalia Ferreira de Vasconcellos Pereira.
D. Anna Izabel da Conceição.
D. Anna Victoria Freire de Macedo.
Anselmo Teixeira de Carvalho.
D. Antonia Margarida de Santa Rita Ribeiro.
Antonio Adolpho Ferreira Sarmiento, *com 3 exemp.*
Antonio Cardoso d'Almeida.
Antonio da Costa Paiva.
Antonio Crescencio Clementino de Novaes e Sá.
Antonio Fernandes Coelho.
Antonio Ferreira Novaes.
Antonio Ferreira Souto e Silva.
Antonio Philippe da Silva.
Antonio Fortunato Martins da Cruz.
Antonio Gomes de Castro.
Antonio Ignacio Botelho Sarmiento.
Antonio Joaquim de Lima.
Antonio José Barbosa Junior.
Antonio José Dias Guimarães.
Antonio José d'Oliveira Gomes, *com 4 exempl.*
Antonio José Pereira Leite.
Antonio Joaquim Lopes da Costa.
Antonio Joaquim Nunes de Vasconcellos.
Antonio Joaquim de Sequeira.
Antonio Lopes de Sá Esteves.
Antonio Luiz Ribeiro da Silva, *com 7 exempl.*
A. L. S. M.
Antonio Marcellino Carrilho Bello.
Antonio Maria Botelho Soutto-Maior.
Antonio Maria Soares, *Alf. de Caçadores 3.*
Antonio Maria de Sousa Lobo.
Antonio de Mello Borges e Castro.

- Antonio Migueis da Fonseca.
 Antonio Miguel da Silva Reis.
 Antonio Moreira Lopes Machado.
 Antonio Nunes Ribeiro.
 Antonio d'Oliveira e Sá.
 Antonio de Padua da Costa e Almeida.
 Antonio Paes d'Almeida Velho.
 Antonio Pereira Ferraz.
 Antonio Pinto Machado Torre.
 Antonio Ramalho de Sá.
 Antonio Raymundo Franco de Sá.
 Dr. Antonio Ribeiro da Costa.
 Dr. Antonio Ribeiro de Lis Teixeira.
 A. S. Guimarães Junior.
 Antonio Teixeira de Sampião.
 Antonio Vaz da Fonseca e Mello.
 Aristides Ribello Abranches Castello-Branco.
 Augusto Antonio da Mata e Silva.
 Augusto Cesar de Abreu Ferrão Castel-Branco.
 Aurelio Alvaros d'Almeida Crespo.
 Avelino José do Nascimento.
 Barnabé e João Gomes Viana, *com 2 exempl.*
 Bartholomeu Martyres Dias.
 Bento Adjuto Soares Couceiro.
 Bento Antonio d'Oliveira Cardoso.
 Bento José Gomes Faria, *com 5 exempl.*
 Bernardino Antonio Gomes.
 Bernardino Freire de Figueiredo Castello-Branco Mascarenhas.
 Bernardo Calderira.
 Bernardo José Pereira Leite, *com 2 exempl.*
 Bernardo Nunes da Silva Carv.*
 C. A. C. J. M.
 Caetano José d'Abreu.
 Caetano Rosado da Costa.
 Caetano da Silva Amaral, *com 2 exempl.*
 Carlos Maria do Valle Vessadas.
 Carlos Miguel da Cunha Vieira.
 D. Carolina Margarida Ferreira.
 Christogono Augusto Monteiro Madeira.
 D. Clara Clorinda Lopes Pereira de Vasconcellos.
 Clemente José do Carvalho.
 Constantino Antonio do Valle.
 Constantino do Mello Pereira.
 Custodio Rebello de Carvalho.
 Daniel Joaquim Ribeiro.
 Diogo Barata de Liza Tovar e Albuquerque.
 Diogo de Freitas Mello Castro e Menezes.
 Diogo José Vieira de Noronha.
 Diego Kopke.
 Dionysio Ignacio Pinto.
 Dionysio d'Oliveira Silveiros.
 Domingos Antonio Fernandes Salazar.
 Domingos José Alves de Sousa.
 Domingos José Gonçalves Ponça de Leão.
 Domingos Ribeiro dos Santos.
 Fr. Domingos de Santa Maria dos Anjos.
 Elias José de Moraes.
 D. Emilia Augusta Gandida.
 D. Emilia Corrêa Leite de Castro.
 Estevão Joel Augusto.
 Felisberto de Sousa Ferreira.

- Ferrnando Affonso Giraldes de Mello e Sampaio.
 Fernando Maria do Prado Pereira.
 Fernando Pacheco Jordão.
 Filippe Folque.
 D. Francisca do Carmo Serpa Pinto.
 Francisco Alexandre Prestrello Corte-Real.
 Francisco Alves de Brito.
 Francisco Antonio de Carvalho e Cunha.
 Francisco Antonio de Miranda.
 Francisco Antonio Resende.
 Francisco Antonjo da Silva Mendes.
 Francisco de Assis Ribeiro Saraiva.
 Francisco de Assis Salles Caldeira.
 Francisco Cordeira da Conceição.
 Francisco Fernandes da Costa.
 Francisco Jeronymo da Silva.
 Francisco José Duarte.
 Francisco José Gomes Motta.
 Francisco José Vieira da Silva.
 Francisco Manoel da Costa.
 Francisco Maria de Abreu Castel-Branco.
 Francisco Maria Godinho da Fonseca e Silva.
 Francisco Maria Monteiro de Abreu.
 Francisco Maria de Sousa Pereira.
 Fr. Francisco de Mendonça Almeida Barbarino.
 Francisco de Mendonça Mexia Almeida Barbarino.
 Francisco de Paula Mendonça.
 Francisco de Paula Risques.
 Francisco Pedro da Veiga.
 Francisco Xavier de Faria Cardoso.
 Francisco Xavier Taborda Pignatelli.
 Frederico Guilhermo Affonso Videira.
 Frederico Guilherme da Silva Pereira.
 Frederico Magno d'Abranches Gabriel Francisco Ribeiro.
 Gaspar da Cunha Lima.
 Gaudencio Xavier de Carvalho e Silva.
 Gentil Augusto de Carvalho.
 Gonçalo Tello de Magalhães Collaço.
 D. Guilhermina Candida de Vasconcellos.
 Henrique José da Costa.
 Henrique Kopke.
 D. Henriqueta Rosa Soares.
 D. Ignacia Augusta Allão.
 Ignacio Pizarro de Moraes Sarmiento, com 3 exempl.
 Ignacio Xavier de Sousa Girão.
 D. Isabel Vicencia Pereira.
 Jacinto Maria Pereira Menezes Durão.
 Jacinto Saraiva Caldeira de Araujo e Vasconcellos.
 Jacinto Soares dos Reis.
 Jeronymo José Torres.
 J. J. de Figueiredo.
 João Alves de Brito.
 João Antonio de Barbosa Antunes.
 João Antonio Catharro.
 João Antonio da Costa Brito.
 João Antonio Lobo de Moura.
 João Antonio Pinto da Gama.
 João Antonio d'Oliveira Cardoso.
 João Antonio da Silva.

- João Barbosa de Madureira.
 João Corrêa de Faria, com 2
exempl.
 João da Cruz Corrêa.
 João Eduardo d'Abreu Tavares
 João Eduardo de Brito.
 João Philippe da Silva Rebello.
 João Gualberto da Silva Gui-
 marães.
 João José Coelho Fragoso.
 João José Ferreira da Costa
 Junior.
 João José Ferreira da Silva,
 com 6 *exempl.*
 João José de Lemos.
 João José d'Oliveira Junquei-
 ra, com 3 *exempl.*
 João Manoel Teixeira de Car-
 valho.
 João Pereira Crespo.
 João Tiberio da Motta de Aze-
 vedo Corrêa.
 D. Joanna Francisca Maxima
 d'Assis.
 Joaquim d'Abrunhoza Tavares
 Corrêa Pinto.
 Joaquim Ant.^o da Matta e Silva.
 Joaquim Antonio Pereira e
 Araujo.
 Joaquim Augusto Xavier da
 Silva.
 Joaquim Barreto da Cunha
 Macedo.
 Joaquim Cardoso de Carvalho
 e Gama.
 Joaquim da Cunha Lima.
 Joaquim Philippe de Soure.
 Joaquim José Antunes da Silva
 Monteiro.
 Joaquim José d'Azevedo.
 Joaquim José Dias Lopes de
 Vasconcellos, com 2 *ex.*
 Joaquim José de Vasconcellos, com 2 *ex.*
- Joaquim José Marques Caldeira
 Joaquim José Paganino Tei-
 xeira Neves.
 Joaquim Leal.
 Joaquim Marcellino Simões:
 Joaquim Maria Soares de Paula
 Joaquim Marianno Franco Sá.
 Joaquim Martins Carvalho.
 Joaquim Pedro da Silva Lobo.
 Joaquim Pinheiro das Chagas.
 Joaquim Pinto Neto dos Reis.
 Joaquim Ribeiro de Faria.
 Joaquim Sousa Guedes Aguiar.
 Joaquim Velloso da Cruz.
 José Antonio d'Araujo.
 José Antonio Champalimaud.
 José Antonio Fortes.
 José Antonio de Menezes Silva.
 José Antonio Teixeira Coelho.
 José d'Assis Mascarenhas, com
 2 *exempl.*
 José Aurelio Ferreira da Silva.
 José Baptista de Loné.
 José Borges Pereira da Silva.
 José Caldeira Pinto.
 José Cardoso Braga dos Santos.
 José Christiano Barbosa.
 José Constantino Pereira e Ar.^o
 José da Costa Monteiro.
 José da Costa Sousa Pt.^o Basto.
 José Custodio da Costa.
 José Francisco da Silva Pinto.
 José Francisco Vianz.
 José Gomes d'Almeida Bran-
 quinho Feio.
 José Gomes Monteiro.
 José Henriques Ulrick.
 Dr. José Homem de Figuei-
 redo Freire.
 José Joaquim Dias de Castro,
 com 3 *exempl.*
 José Joaquim Esteves Mos-
 queira.

- José Joaquim de Freitas.
 José Joaquim Jorge.
 José Joaquim de Sequeira.
 José Joaquim da Silveira Durão
 José Justino Pinto de Carvalho
 Teixeira.
 José Lopes Monteiro.
 José Manoel Botelho.
 José Manoel de Carvalho.
 José Manoel Lourenço Ruas
 Junior.
 José Maria Franco.
 José Maria Pimentel.
 José Maria Reis.
 José Maria Rojão.
 José Maria de Sá Ferraz.
 José de Mello Giraldes de Sam-
 paio.
 José de Mello Osorio Tocho
 d'Albergaria, com 2 *exempl.*
 José Moreira de Pinho.
 José Narciso de Carvalho.
 José Osorio da Silva Junior.
 José Pedro de Carvalho e Sou-
 sa, com 2 *exempl.*
 José Pereira da Costa.
 José Pereira da Cunha Leite.
 José Pereira Junior.
 José Pereira Mendes.
 José Pereira de Moraes.
 José Pinto Machado.
 José Pt.º Monteiro d'Almeida.
 José Rib.º da Silva, com 2 *ex.*
 José Roberto Ferreira de Sá.
 José Severino d'Avellar Junior.
 José da Silva Passos.
 José Soares Guedes Lopes.
 José de Sousa Falcão.
 José Street de Arriaga e Cunha.
 José Vallerio Capella.
 José Vicente Brochado.
 José Vieira de Faria Aragão
 Ataliba.
- Julio Cesar Augusto de Men-
 donça.
 L. A. Ferreira e Silva.
 Lourenço José Gonçalves Ri-
 beiro.
 Luiz Antonio de Azevedo Mo-
 zinho.
 Luiz Antonio Corrêa Moraes.
 Luiz Antonio de Nobrega.
 Luiz Carlos do Souto Rodri-
 gues.
 Luiz Lopes Vieira de Castro.
 Dona M. J. B. Q. A. P.
 Dona M. J. de S. T.
 Manoel Alberto Rodrigues de
 Sousa.
 Manoel d'Almeida Carvalhaes.
 Manoel d'Almeida Vasconcel-
 los, com 25 *exempl.*
 Manoel d'Andrade.
 Manoel Antonio da Costa Gui-
 marães.
 Manoel Antonio da Costa Gu-
 marães Junior.
 Manoel Corrêa Ferreira Vaz.
 Manoel Corrêa Lopes.
 Manoel Feliciano da Costa e
 Almeida, com 2 *exempl.*
 Manoel Felizardo de Sousa e
 Mello.
 Manoel Ferreira de Seabra.
 Manoel da Fonseca Pinto Car-
 neiro.
 Manoel Fortunato Rodrigues
 Branco.
 Manoel Fulgencio Gomes.
 Manoel Gomes Rojão.
 Manoel Gomes da Silva.
 Manoel Guedes d'Oliveira.
 Manoel Ignacio Moreira Frei-
 re.
 Manoel Ignacio Pereira de Mo-
 raes e Seabra.

- Manoel Joaquim Adelino Gonçalves Pinheiro.
 Manoel José Nogueira Guimarães.
 Manoel José da Silva Porto de C.
 Manoel Matthias Vieira Filho de Mendonça.
 Manoel Monteiro Torres.
 Manoel Nunes d'Andrade e Vasconcellos.
 Manoel Piuto de Carvalho.
 Manoel Rodrigues d'Azevedo.
 Manoel Tavares de Macedo Junior.
 Manoel Velloso da Cruz.
 D. Margarida Ferraz de Mello Ferreira.
 D. Maria Adelaide Monteiro de Sousa Dias.
 D. Maria Adelaide de Sousa Ailão.
 D. Maria Barbara de Brito e Menezes.
 D. Maria Carlota Fernandes Vasconcellos.
 D. Maria Cecilia Aillaud Vieira Filho de Mendonça.
 D. Maria da Encarnação Guimarães Crespo.
 D. Maria Felisberta.
 D. Maria Izabel de Badona Portugal.
 D. Maria Joaquina Clementina do Carmo Anjo d'Oliveira.
 D. Maria Marciana Reis e Leite.
 D. Maria Martins Braga.
 D. Mariana Amalia d'Oliveira.
- Martinho Caetano Simão Rapozo.
 Martinho de França e Faro de Azevedo Coutinho.
 D. Micaela d'Abreu Loureiro, em Thomar.
 Miguel de Salles Gameiro de Mendonça Pessanha, com 2 exempl.
 Illustriss. Monsenhor Anjo.
 Nicoláo Anastasio Bettencourt Passos, Capitão do Regim. 10.
 Pedro José da Silva Leitão Junior.
 Pedro Lobo de Sousa Machado Cordeira Castro e Courcos.
 R. A. A.
 D. Rita Guilhermina Barbosa.
 D. Rita Rosa Soares.
 Rodrigo Antonio Monteiro de Barros.
 Roque Joaquim Fernandes Thomaz, com 2 exempl.
 D. Rosa Dioguina Lopes Paes reira de Vasconcellos.
 Sabino Ribeiro de Oliveira.
 D. Sarafina D. R.
 Sebastião Antonio Peixoto.
 Fr. Sebastião José de Carvalho Moutinho.
 Thomaz d'Araujo e Vasconcellos e Alvim, com 2 ex.
 Thomaz Ignacio de Moraes Sarmiento.
 Thomaz José Pinto Cerqueira.
 Thomaz Ribeiro dos Santos.
 Thiago da Silva Monteiro.
 Vicente José Portella, com 2 exempl.
 Zefirino Benvenuto de Serra Pacheco.

11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165
166
167
168
169
170
171
172
173
174
175
176
177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200
201
202
203
204
205
206
207
208
209
210
211
212
213
214
215
216
217
218
219
220
221
222
223
224
225
226
227
228
229
230
231
232
233
234
235
236
237
238
239
240
241
242
243
244
245
246
247
248
249
250
251
252
253
254
255
256
257
258
259
260
261
262
263
264
265
266
267
268
269
270
271
272
273
274
275
276
277
278
279
280
281
282
283
284
285
286
287
288
289
290
291
292
293
294
295
296
297
298
299
300
301
302
303
304
305
306
307
308
309
310
311
312
313
314
315
316
317
318
319
320
321
322
323
324
325
326
327
328
329
330
331
332
333
334
335
336
337
338
339
340
341
342
343
344
345
346
347
348
349
350
351
352
353
354
355
356
357
358
359
360
361
362
363
364
365
366
367
368
369
370
371
372
373
374
375
376
377
378
379
380
381
382
383
384
385
386
387
388
389
390
391
392
393
394
395
396
397
398
399
400
401
402
403
404
405
406
407
408
409
410
411
412
413
414
415
416
417
418
419
420
421
422
423
424
425
426
427
428
429
430
431
432
433
434
435
436
437
438
439
440
441
442
443
444
445
446
447
448
449
450
451
452
453
454
455
456
457
458
459
460
461
462
463
464
465
466
467
468
469
470
471
472
473
474
475
476
477
478
479
480
481
482
483
484
485
486
487
488
489
490
491
492
493
494
495
496
497
498
499
500
501
502
503
504
505
506
507
508
509
510
511
512
513
514
515
516
517
518
519
520
521
522
523
524
525
526
527
528
529
530
531
532
533
534
535
536
537
538
539
540
541
542
543
544
545
546
547
548
549
550
551
552
553
554
555
556
557
558
559
560
561
562
563
564
565
566
567
568
569
570
571
572
573
574
575
576
577
578
579
580
581
582
583
584
585
586
587
588
589
590
591
592
593
594
595
596
597
598
599
600
601
602
603
604
605
606
607
608
609
610
611
612
613
614
615
616
617
618
619
620
621
622
623
624
625
626
627
628
629
630
631
632
633
634
635
636
637
638
639
640
641
642
643
644
645
646
647
648
649
650
651
652
653
654
655
656
657
658
659
660
661
662
663
664
665
666
667
668
669
670
671
672
673
674
675
676
677
678
679
680
681
682
683
684
685
686
687
688
689
690
691
692
693
694
695
696
697
698
699
700
701
702
703
704
705
706
707
708
709
710
711
712
713
714
715
716
717
718
719
720
721
722
723
724
725
726
727
728
729
730
731
732
733
734
735
736
737
738
739
740
741
742
743
744
745
746
747
748
749
750
751
752
753
754
755
756
757
758
759
760
761
762
763
764
765
766
767
768
769
770
771
772
773
774
775
776
777
778
779
780
781
782
783
784
785
786
787
788
789
790
791
792
793
794
795
796
797
798
799
800
801
802
803
804
805
806
807
808
809
810
811
812
813
814
815
816
817
818
819
820
821
822
823
824
825
826
827
828
829
830
831
832
833
834
835
836
837
838
839
840
841
842
843
844
845
846
847
848
849
850
851
852
853
854
855
856
857
858
859
860
861
862
863
864
865
866
867
868
869
870
871
872
873
874
875
876
877
878
879
880
881
882
883
884
885
886
887
888
889
890
891
892
893
894
895
896
897
898
899
900
901
902
903
904
905
906
907
908
909
910
911
912
913
914
915
916
917
918
919
920
921
922
923
924
925
926
927
928
929
930
931
932
933
934
935
936
937
938
939
940
941
942
943
944
945
946
947
948
949
950
951
952
953
954
955
956
957
958
959
960
961
962
963
964
965
966
967
968
969
970
971
972
973
974
975
976
977
978
979
980
981
982
983
984
985
986
987
988
989
990
991
992
993
994
995
996
997
998
999
1000

LIBRARY OF T

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

14 DAY USE**RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED****LOAN DEPT.**This book is due on the last date stamped below, or
on the date to which renewed.

Renewed books are subject to immediate recall.

SEP 12 1966 87
RECEIVED

SEP 10 '66 -9 AM

LOAN DEPT.

LD 21A-60m-10,'65
(F7763a10)476BGeneral Library
University of California
Berkeley

Digitized by Google

YA 06708

THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVER

THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY OF THE UNIVER

the fact that the *de facto* legal system is not the *de jure* legal system. The *de jure* legal system is the system of laws that are formally enacted by the legislature, while the *de facto* legal system is the system of laws that are actually enforced by the courts.

There are a number of reasons why the *de facto* legal system is not the *de jure* legal system. One reason is that the courts may be unable to enforce the law. Another reason is that the courts may be unwilling to enforce the law. A third reason is that the courts may be unable to interpret the law correctly. A fourth reason is that the courts may be unable to apply the law consistently.

The fact that the *de facto* legal system is not the *de jure* legal system has a number of implications. One implication is that the law is not being enforced. Another implication is that the law is being interpreted incorrectly. A third implication is that the law is being applied inconsistently. A fourth implication is that the law is being applied in a way that is not in the best interests of the community.

The fact that the *de facto* legal system is not the *de jure* legal system is a problem for the legal system. It is a problem because it means that the law is not being enforced, interpreted correctly, or applied consistently. This is a problem because the law is the foundation of the legal system, and if the law is not being enforced, interpreted correctly, or applied consistently, then the legal system is not working properly.

There are a number of ways to address this problem. One way is to ensure that the courts are able to enforce the law. Another way is to ensure that the courts are willing to enforce the law. A third way is to ensure that the courts are able to interpret the law correctly. A fourth way is to ensure that the courts are able to apply the law consistently.

The fact that the *de facto* legal system is not the *de jure* legal system is a problem for the legal system. It is a problem because it means that the law is not being enforced, interpreted correctly, or applied consistently. This is a problem because the law is the foundation of the legal system, and if the law is not being enforced, interpreted correctly, or applied consistently, then the legal system is not working properly.

There are a number of ways to address this problem. One way is to ensure that the courts are able to enforce the law. Another way is to ensure that the courts are willing to enforce the law. A third way is to ensure that the courts are able to interpret the law correctly. A fourth way is to ensure that the courts are able to apply the law consistently.

The fact that the *de facto* legal system is not the *de jure* legal system is a problem for the legal system. It is a problem because it means that the law is not being enforced, interpreted correctly, or applied consistently. This is a problem because the law is the foundation of the legal system, and if the law is not being enforced, interpreted correctly, or applied consistently, then the legal system is not working properly.